

PROTÁSIO
PINHEIRO
DE MELO

VIVI O HOMEM QUE SABIA VIVER

Presidente da República
Michel Temer

Ministro da Educação
Rossieli Soares da Silva

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Romero Portella Raposo Filho



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor
Wyllys Abel Farkatt Tabosa
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo
Coordenadora da Editora IFRN
Darlyne Fontes Virginio

Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Alexandre da Costa Pereira
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anisia Karla de Lima Galvão
Auridan Dantas de Araújo
Carla Katarina de Monteiro Marques
Cláudia Battestin
Darlyne Fontes Virginio
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Francisco das Chagas Silva Souza
Fábio Alexandre Araújo dos Santos
Genoveva Vargas Solar
Jeronimo Mailson Cipriano Carlos Leite
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior

José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
Jozilene de Souza
Jussara Benvindo Neri
Lenina Lopes Soares Silva
Luciana Maria Araújo Rabelo
Maria da Conceição de Almeida
Márcio Adriano de Azevedo
Nadir Arruda Skeete
Paulo de Macedo Caldas Neto
Regia Lúcia Lopes
Rejane Bezerra Barros
Rodrigo Siqueira Martins
Silvia Regina Pereira de Mendonca
Valcinete Pepino de Macedo
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Charles Bamam Medeiros de Souza

Revisão Linguística

Célio José Fiel da Silva Júnior

Fotos:

Juarez Chagas, familiares
de Veríssimo de Melo e Protásio de Melo

Edição eletrônica: E-book
Prefixo editorial: 54885
Linha Editorial: Acadêmica
Disponível para *download* em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300, Natal-RN.

Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

Melo, Protásio Pinheiro de.
L732h Vivi: O homem que sabia viver / Protásio Pinheiro de Melo; projeto gráfico, diagramação e capa Charles Bamam Medeiros de Souza; revisão linguística Rodrigo Luiz. – Natal: IFRN, 2018.
296 p : il. color.

ISBN: 978-85-54885-07-6

1. Verissimo de Melo – Biografia. 2. Verissimo de Melo – História. 3. Verissimo de Melo – Literatura. I. Melo, Protásio Pinheiro de. II. Título.

CDU 929

Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

PREFÁCIO

Diogenes da Cunha Lima¹

“Vivi - O Homem que Sabia Viver” é livro agradável, denso, de valor, escrito por quem, irmão de sangue e de afeto, viveu e conviveu com o biografado. Este livro nasceu em atenção a pedido, antigo, de Veríssimo para que eu fizesse sua biografia. Brincou: “E só conte vantagens!”. Quando ele morreu, emocionado, juntei muita coisa sobre o amigo que partira, no entanto, o tempo passou e eu não escrevi a biografia prometida.

Para cumprir a promessa, requisitei ao seu irmão Protásio², escritor e grande figura humana, que se dedicasse ao ofício de narrar sua vida primorosa. Fiz até um sumário, que ele não seguiu à risca. Mestre Protásio fez o que eu gostaria de ter feito, seria seu dever de escritor principiante. O trabalho rendeu todas as alegrias. E a maior angústia: quando desapareceram, perdidos, os originais.

Protásio Pinheiro de Melo é bacharel em Direito pela antiga e clássica Faculdade de Direito do Recife (1938). Depois de exercer a Promotoria na Comarca de Natal, abandonou a carreira jurídica e assumiu o magistério. Professor de Inglês na Segunda Guerra Mundial, tornou-se célebre por seu trabalho com as Forças Armadas dos Estados Unidos. Em Natal, lecionou Literatura inglesa e norte-americana. Dirigiu, durante 25 anos, a Sociedade

¹ Advogado, Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, um imortal potiguar.

Cultural Brasil-Estados Unidos (SCBEU), sempre despertando nos seus alunos admiração entusiástica.

É antigo músico, exímio baterista, poeta dos melhores, tradutor hábil, amigo prestante, homem admirável.

Durante décadas, Veríssimo e eu nos comunicávamos diariamente, por telefone, no meu escritório, na Academia de Letras, no Conselho Estadual de Cultura, ou em um bar de sua escolha. Sempre foi exagerado no cumprimento da amizade. Como presidente, dizia que só começaria a sessão do Conselho Estadual de Cultura depois que eu chegasse.

Fizemos parcerias em música popular. As suas composições tocavam-me tanto que, por duas vezes, fiz letras, as quais foram incorporadas em 15 minutos. “Brinco de amor” e “Assunto pessoal” foram cantadas magistralmente por Lucinha Lira.

O bom humor de Veríssimo era seu pão cotidiano. Da Academia Norte-rio-grandense de Letras foi o secretário dominador.

Diziam que ele tirava do bolso do colete o nome de quem seria o próximo acadêmico. Respondeu: “Impossível. Eu não uso colete!”.

O escritor e dramaturgo Altimar Pimentel, conciso e preciso, faz a sua biografia: “Esguio, ágil, sempre afável, de muitos amigos e raros desafetos, era um homem talhado para a eternidade”.

Certa vez, pediu-me a apresentação de um livro seu “com muitos elogios”. Na noite de lançamento, ele estava a meu lado. Comecei dizendo: “Veríssimo de Melo é grande folclorista potiguar, sucessor de Câmara Cascudo”.

Ele me cochichou: “É pouco”. Continuei: “é reconhecido escritor brasileiro. Publicou elogiados trabalhos em Portugal”. E ele: “É muito pouco”. Não tive outro caminho a não ser exagerar: “peço licença celeste para afirmar que o escritor Veríssimo de Melo só é comparável a Nosso Senhor Jesus Cristo!”. O auditório riu e também aplaudiu. Lembrei que ele deveria escrever somente sobre areia, como fazia Jesus.

Câmara Cascudo tinha-lhe especial afeição. Explicava a magreza de Vivi por três formas: dizia que ele poderia se esconder atrás de um “I”; conseguia passar entre os pingos de chuva e não se molhar; e, finalmente, a melhor: que o seu corpo era apenas um pretexto para esconder sua alma.

A obra folclórica de Veríssimo de Melo é fonte de inspiração de centenas de trabalhos publicados, principalmente no Brasil e em Portugal. Seus ensaios foram publicados pela Revista de Etnografia, do Porto; pela Revista de Investigaciones Folklóricas, de Buenos Aires; e pela Humboldt, da Alemanha. Veríssimo transformou-se em praça com coreto em Macaé, no Rio de Janeiro, e é nome de escola e rua no Rio Grande do Norte.

Com este livro, Protásio Melo apresenta Veríssimo — Vivi — de corpo inteiro. Com sua lembrança, podemos conviver, viver bem.

Finalizando, a ANRL agradece aos familiares do biógrafo e do biografado pela ajuda e apoio necessário. Agradece também a Juarez Chagas pelas imagens que valorizam este trabalho e a revisão criteriosa de Manoel Onofre, Leide Câmara e Chico Lira.

BIOGRAFIA SUMÁRIA

Este livro é o retrato de uma amizade que se prolonga desde a infância, e que visa relatar o que fez o mano Vivi, o que dele disseram os amigos, sobre sua esposa e seu trabalho. Enfim, é o retrato fiel de Veríssimo nesta vida que viveu intensamente, e que Deus o ajudou a viver.

Veríssimo era um homem simples e amável, com seu jeito e seus livros interessantes e observação constante do que fazem os homens – como atestam as centenas de cartas que eu, como tradutor, ajudei a colocá-las no seu arquivo. Fez nome no Brasil, na América do Sul, na América do Norte, na Europa, na Ásia e na África. Em troca de impressões, sempre ávido de obter mais conhecimentos sobre o folclore, fez uma base, junto com Cascudo, levando o nome do Rio Grande do Norte e do Brasil a transpor fronteiras. Suas opiniões e seus conceitos, resultado de suas pesquisas e suas observações *in loco*, fizeram dele, no campo de seus estudos, um mestre respeitado e admirado em todo o mundo. Suas pesquisas atestam o ditado de que “quando se quer se faz”. Enfim, tornou-se um expert no conhecimento das ciências do povo.

Protásio Melo²

Natal, 3 de setembro de 2004.

² Protásio Pinheiro de Melo nasceu em Natal, em 1914, faleceu em 2006. PROTÁSIO PINHEIRO DE MELO

SUMÁRIO

VERÍSSIMO, MEU IRMÃO	11
VERÍSSIMO NO CONSELHO DE CULTURA	27
VERÍSSIMO NO MUSEU CÂMARA CASCUDO	35
VERÍSSIMO E JORGE FERNANDES	53
VERÍSSIMO E CASCUDO	61
POEMAS DE VERÍSSIMO DE MELO	71
VERÍSSIMO E ASCENSO FERREIRA	89
ALGUMAS CARTAS, ARTIGOS E CRÔNICAS DO BRASIL	93
VISITA AOS ESTADOS UNIDOS EM 1967	121
ARTIGOS PARA AMIGOS SELECIONADOS	125
VERÍSSIMO: VISTO POR LAURO PINTO	197
ENTREVISTAS E HISTÓRIAS	201
VERÍSSIMO E A MÚSICA	213
VERÍSSIMO E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	225
O BOM HUMOR DE VIVI	235
A MORTE DE VERÍSSIMO DE MELO	243
E A REPERCUSÃO ENTRE OS AMIGOS	243
OUTROS ARTIGOS SOBRE A MORTE DE VERÍSSIMO	269

CAPÍTULO 1

—◆—

**VERÍSSIMO,
MEU IRMÃO**

VERÍSSIMO, MEU IRMÃO

Veríssimo Pinheiro de Melo, como foi batizado, nasceu em Natal, no dia 9 de junho de 1921. Filho de Graciano Melo e Emília Pinheiro de Melo, neto de dona Gertrudes Pinheiro e seu Manoel Joaquim da Costa Pinheiro – Seo Mané Ourives –, todos descendendo de ancestrais que habitavam o interior do Rio Grande do Norte: de Campo Grande, antigo Triunfo, hoje Augusto Severo; e alguns de Macaíba. Nasceu na rua Vigário Bartolomeu, antiga rua da Palha, 628, em casa que foi, de certa forma, imortalizada num poema de Esmeraldo Siqueira, o qual referindo-se à nossa casa dizia: “Graciano Melo, comerciante trabalhador e honesto, residindo à rua da Palha, calçou e vestiu gerações de velhacos”.

Do casamento de Emília e Graciano, nasceram Nicênia, Pelúcio, Protásio, Maria Vitória e Veríssimo, o caçula que, por ter nome comprido, teve-o carinhosamente reduzido para Vivi, certamente pela dificuldade que tínhamos com o proparoxítono, hoje conhecido até no exterior, onde se projetou o natalense, nas letras nacionais. Vivi. Chegando por último ao convívio com os outros quatro irmãos, tinha certas regalias. Contudo, isso era natural e compreendido por todos os irmãos que nunca deram qualquer demonstração de inveja.

Cresceu como todo menino de rua daquela época, em cidade pequena. No seu universo inocente da rua da Palha, Beco da Lama e adjacências, brincou de Jote

Caracanhote, coelho passa, capitão-de-campo, amarra-nego e biloca, ou gude – como depois passou a se chamar. Tomou banho no Potengi (Centro Náutico), onde aprendeu a nadar, chegando mesmo a atravessar o rio várias vezes, o que era coisa de admirar, na época. Era o que se podia chamar um menino feliz.

Seu Melo, como era conhecido nosso pai, embora não fosse rico, era o que chamava na época de “remediado” e Vivi tinha o que queria, no universo das atividades de uma existência tranquila de província. Educou-se inicialmente em Natal, nas primeiras letras, no Atheneu, para o curso ginásial. Depois fez o curso pré-jurídico no Colégio Universitário, no Rio de Janeiro, ingressando a seguir no 1º ano da Faculdade de Direito da PUC.

No ano seguinte, transferiu-se para a Faculdade de Direito do Recife, formando-se ali na turma de 1948. No Rio de Janeiro, teve como professor, entre outros importantes, o Padre Leonel Franca, nosso grande filósofo da Igreja, que acabaria tendo certa influência no caráter e na formação da personalidade de Vivi. A temporada pernambucana reunia os três filhos de Seu Melo, já adultos, na eterna luta do saber: Vivi e eu no Curso de Direito e Pelúcio em Medicina.

Voltando para Natal, Veríssimo começou a trabalhar em jornais, assumindo ao mesmo tempo as funções de juiz municipal, mais adiante entrando em disponibilidade.

Desde o princípio gostou do folclore, e fui testemunha do interesse e do seu sonho da fundação de um

Clube Internacional da Ciência do Povo, com minha ajuda, nos contatos em inglês e incentivo de Cascudo, que era parente e via nele seu seguidor. Disse-me certa vez em sua casa: “Vivi vai ser meu continuador”. E, de fato, faleceu uma autoridade no assunto com teorias próprias sobre o folclore.

Mas voltemos a Vivi de bem antes, jovem um tanto desligado de coisas materiais embora ousado. Quando viajei para o Recife, nas eras de 1932, deixei no nosso quarto, na rua da Palha, uma pequena estante com as coleções de Sherlock Holmes, Nick Carter, Buffalo Bill e Raffles, todas elas quase completas, compradas na Livraria de Fortunato Aranha, na Ribeira, na rua Dr. Barata.

Morei seis anos no Recife e, tendo entrado na orquestra estudantil – Jazz Band Acadêmica de Pernambuco –, raras vezes vinha a Natal, com visitas esporádicas, no Natal e nas festas juninas, e quase me esqueci das minhas férias. Quando eu e Pelúcio voltamos formados, lembrei das coleções. Fui até meu ex-quarto, mas nem a estante existia mais. Perguntei a Vivi o destino das coleções e ele, com a cara mais matreira do mundo, respondeu: “rapaz eu nem sei mais onde foi parar essa estante”. E, até hoje, ainda não desvendei o mistério.

Era meio extrovertido, e isso era conhecido e comentado pelos amigos e administradores. Certa vez, disse numa mesa de bar: “Eu nunca tive nome. Quando menino era filho de seu Melo, na juventude, irmão de Pelúcio e Protásio e depois de casado, pai de Silvio e

Fernando”. No Atheneu, deixou nome de aluno gaiato, embora respeitador.

O professor Israel Nazareno chamava-o de “o rapaz do Acre”, pois, por ser muito conversador nas primeiras carteiras, o velho mestre de português mandava-o para as últimas filas para se livrar de sua tagarelice, o que denominava de “território do Acre”.

Certa vez, o porteiro, Emídio Fagundes, amigo de papai, passava pela loja, já pertinho do fim do dia. Papai, que algumas vezes ficava à porta vendo a banda passar, para Emídio e pergunta: “Então, Emídio, como vão meus rapazes por lá?”. Emídio perfilou-se e respondeu. Papai passou a escrever vários segundos sem dizer palavra.

Um belo dia, Vivi e Zé Alcântara Barbosa, o conhecido Zé Bruaca, hoje advogado de renome no Rio de Janeiro, de quem recebi telegrama, pela morte de Vivi, inventaram uma rifa e foram conversar com a mamãe sobre um “jeitinho” que poderiam dar a Vivi ser premiado.

A coisa cheirou mal para dona Emília e, em cima da bicha, receberam uma lição de moral sobre a honestidade. A rifa terminou ali mesmo e os dois saíram de cabeça baixa.

Tinha espírito inquieto e, muito inteligente, dedicou-se à música, e junto com Galvãozinho, Geraldo Bezerra, seu primo, e outros da terra formou um conjunto musical que ficou famoso e tomou parte de vários shows no Teatro Carlos Gomes.

Trabalhou nos jornais da terra e sofreu influência dos mais experimentados nas lides de ofício, como Wal-

demar Araújo, Luiz Maranhão Filho, Rivaldo Pinheiro, Leonardo Bezerra e outros quando passou a escrever poemas, crônicas e, posteriormente, editando suplementos. Bem me lembro das boas referências sobre seu estilo e bom gosto na escolha dos assuntos.

Depois, entregou-se definitivamente ao estudo da antropologia quando, por contatos pessoais e correspondência, passou a conhecer os “monstros sagrados” do folclore, no Brasil e no exterior.

Traduzi muitas cartas a figurões na Europa e nos Estados Unidos e, em pouco tempo, Vivi se tornaria um expert no campo da antropologia cultural. Ensinou durante vários anos na nossa universidade e no Atheneu e suas aulas, segundo os seus alunos, despertavam interesse, pois dominava muito bem os meandros da disciplina à qual dedicou a vida.

Com José Nunes Cabral de Carvalho e Padre Nivaldo Monte, contando com a entusiástica adesão do reitor, fundou o Instituto de Antropologia, hoje Museu Câmara Cascudo. Foi um período de intensa atividade, quando as viagens se sucediam em companhia do professor Antônio Campos e Silva, agregado à entidade. Realizam importantes pesquisas em Natal e no interior do estado, editando depois um boletim, sob a orientação de Vivi, que se tornou líder e admirado no Brasil, sendo solicitadíssimo por várias entidades daqui e do exterior.

Traço marcante no convívio de Veríssimo era o seu temperamento folgazão, com chistes e piadas conhecidas entre os colegas professores. Lembro-me bem que, quando vice-diretor do Instituto, logo que Cabral

adoecia, o que lamentavelmente acontecia com certa frequência, por sua condição de diabético, eu passava a responder pelos problemas da administração. Vivi chegava, olhava pra mim e perguntava: “Há perigo de escapar?”. Muitos risos de quem ouvia isso, porém Cabral não gostava. Não obstante, tinha um grupo grande de admiradores que dizia: “Esse Vivi é impagável!”. Ouvi isso muitas vezes com relação às suas *boutades*.

Amigo de intelectuais em Natal, no Brasil e no exterior, a todos parecia conquistar com sua inteligência e humildade. Costumo dizer que em qualquer lugar do Brasil ele tinha uma espécie de “agente especial” e, em pelo menos dois lugares onde estive – João Pessoa e Belém –, fui por eles recebido principescamente, homenageado e, para surpresa minha, na hora de pagar a conta, eles diziam: “irmão de Vivi não paga nada nesta terra”.

O poeta Ascenso Ferreira costumava vir de Natal somente para visitar Vivi. A ele e a todos, Vivi recebia de braços abertos, ajudando no que podia. Ascenso, certa vez, veio vender uns discos de sua poesia e pediu ajuda a Vivi. Foi um sucesso. O disco foi comprado por todos a quem o mano mandou. Então Ascenso lembra-se do bispo. “Vivi você tem prestígio com o homem?”, Veríssimo responde: “Vá lá, fale no meu nome e beije-lhe o anel”. Respondeu o poeta: “O homem é um pão-duro. Beije-lhe o anel duas vezes, e nem um disquinho”. Escreveu muito durante sua vida literária. Não só artigos, poemas e crônicas, mas também livros, plaquetes e monografias.

Seu último artigo foi sobre o escritor Américo de Oliveira Costa, seu colega da Academia e do Conselho de Cultura.

Certa vez, num bar do Rio de Janeiro, notou com espanto que estava a poucos metros do poeta Vinicius de Moraes, que tinha muita vontade de conhecer. Externou uma velha admiração do amante da MPB e da boemia, demonstrando seu desejo de apertar a mão do poetinha e dos amigos da mesa, inclusive Hianto de Almeida, disseram: “Vá lá e se apresente, e você vai ver o que acontece”. Vivi, já tendo tomado algumas cervejas, definitivamente estava corajoso. Aproxima-se da mesa dos “Cavaleiros da Lua” e se apresenta como admirador do poeta e compositor.

Vinicius de Moraes gentilmente se levanta e apresenta-o aos amigos da mesa e, com aquela simplicidade e humildade que só os grandes homens possuem, indaga do Veríssimo o que fazia etc., e, ao saber da sua atividade no campo do folclore, admite já conhecer o seu nome e o convida para um drink, o que foi aceito sem demora.

Grande admirador de nossa música popular, bossa nova e jazz americano, isso nos unia muito, pois possuíamos os mesmos gostos e preferências. Compôs alguns sambas, inclusive “Coisa boa” e “Caju nasceu pra cachaça” foram gravados por Cauby Peixoto e Lucinha Lira, cantados em muitas noites de luar, por esta Natal que ele tanto amava.

Incentivou dezenas de cantores e conjuntos natalenses, e os que nos visitavam recebiam dele uma

assistência contínua e entusiasmada. O Trio Irakitan foi um deles. Levava seus membros às casas das melhores famílias natalenses, cumulava-os de gentilezas e hoje, talvez, tivesse a pessoa a menor tendência para a música, revelando talento, e ali estava o professor Veríssimo incentivando a “prata da casa”. Oriano de Almeida é testemunha disso, elogiando-o, com razão, pois é um mestre do piano e da música, em todos os seus aspectos.

Era o maior fã do nosso intérprete de Chopin. Sincero e honesto, avesso à política e aos conchavos, viveu no meio de Dioclécio Duarte, Georgino Avelino, Teodorico Bezerra, Sílvio Pedroza e, nunca se declarou, definitivamente a que facção política havia aderido. Escrevia por dever da profissão e tinha entrada franca em todas as rodas políticas do estado.

Caindo nas graças de Onofre Lopes, logo que este se fez reitor, convidou-o para seu assessor e espécie de lugar-tenente das letras, tendo ficado na universidade até sua aposentadoria, na década de 1990.

Casou-se com Noemi Noronha de Melo, cuja união gerou dois filhos, Fernando e Sílvio, e uma filha, que chamou de Monique, a qual, ao nascer, mereceu poema elogioso do poeta Newton Navarro, pela sua beleza. Nos seus últimos anos de vida, dedicou-se a contar graças aos netos, que se divertiam bastante. Grande colecionador de discos de bossa nova e jazz americano, possuía a maior coleção de discos do pianista Oscar Peterson, que teve o prazer de ver e ouvir na cidade de Filadélfia, nos Estados Unidos, quando

visitou o grande país do Norte, convidado pelo Departamento de Estado.

Nos Estados Unidos, ele foi conhecer os museus de antropologia. Como seu inglês era fraco, deram-lhe um intérprete oficial, um jovem de Minas Gerais, que se tornou seu grande amigo, acompanhando-o numa grande viagem pelo Norte e pelo Sul do país.

Certa vez, chegaram cedo a um aeroporto, onde iriam logo mais pegar um avião. Para matar o tempo, entraram numa loja, e Vivi começou a perguntar o preço dos artigos expostos nas prateleiras. *How much* ele sabia, e ia perguntando, e o galego respondendo. Lá para as tantas, depois de ter perguntado preços de vários artigos, o americano, já chateado, vira-se para o intérprete e exclama: “*This son of a bitch does not want to buy anything*”. Ao ouvir isso, Vivi volta-se para o homem e grita: “Essa eu sei, *son of a bitch is you... is you*”. Todos riem e os dois forasteiros foram pegar seu avião.

Quase nunca falava da morte, mas, quando fazia isso, sempre se referia aos 101 anos da vida de mamãe, Emília Pinheiro de Melo, que dizia querer também chegar à essa idade. Era também meio desligado quanto ao assunto doença e nunca ouvi de sua boca cavilação ou exagero com relação à Dama de Negro. É certo que vivemos sob os desígnios de Deus. Sei que não esperava a morte. Nas duas últimas visitas que fiz ao hospital, trocamos apenas sorrisos e, no último dia antes da morte, perguntei-lhe: “Então, viu meu artigo sobre Sílvio Pedroza?”. E ele, com certo esforço, respondeu:

“Ótimo! Ótimo!”. Foram essas as últimas palavras que troquei com meu irmão Veríssimo.

Segundo seus familiares, ele não reclamava nada e teve morte de justo. Foi o único homem do mundo que teve o carro roubado num dia, e no outro, encontrou-o quase em frente à sua casa.

Era membro de inúmeras entidades no Brasil e no exterior, ligadas à especialidade que escolheu, a antropologia.

Foi um filho que orgulha a terra em que viveu.

GILBERTO FREYRE NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

A República, 2 de abril de 1984

Veríssimo de Melo

Homenagem recente e merecida, por motivo do transcurso dos seus 70 anos de atuante atividade jornalística, prestou a Academia Norte-Rio-grandense de Letras ao escritor Gilberto Freyre: o mestre pernambucano recebeu placa de prata comemorativa das mãos do presidente da Academia, Diógenes da Cunha Lima, sendo saudado em brilhante discurso por um conhecedor de sua obra, o acadêmico Sanderson Negreiros.

Associando-se às manifestações de carinho, o pintor e também acadêmico Dorian Gray Caldas ofereceu-lhe tela fixando cena de uma casa grande e senzala. Agradecendo as homenagens, Gilberto Freyre falou exuberantemente. Destacou, de início, dois momentos marcantes de sua juventude: os jornais manuscritos que fazia no colégio, com ilustrações suas, seus primeiros artigos na imprensa pernambucana e as aulas de latim, que ministrava aos 14 anos, para estudantes bem mais velhos do que ele. Lembrou como despertou, só aos 8 anos de idade, para a alfabetização – o que já preocupava seus pais – através de um velho professor de inglês. Teve o mestre de Apipucos momentos de emoção, ao relembrar convite para estagiar em Oxford,

na Inglaterra, quando estudava, através da bolsa de estudos, mas com a exigência de naturalizar-se norte-americano, preferiu continuar brasileiro, recusando o atraente convite pelo amor às raízes lusotropicalis, o que iria depois manifestar numa série de livros sobre temas eminentemente brasileiros e, sobretudo, nordestinos. Destaco a relevância dos problemas sociais ligados ao homem rural nordestino.

Recordam Gilberto Freyre convites honrosos que recebeu do ex-presidente Castelo Branco – também declinando estes – por discordar da orientação tecnocrática do governo revolucionário. Adentrou-se em suas críticas aos tecnocratas da política brasileira de hoje, responsabilizando-os, inclusive, pela crise econômica que sufoca o país.

Numa lembrança amena, referiu-se à recente conversa que teve com duas ilustres pessoas do país – a senhora Juscelino Kubitschek e a senhora Tancredo Neves. A conversa girou desde a figura ímpar do Papa João Paulo II – que ele considera talvez a maior personalidade do século – até o problema folclórico do mau-olhado. Gilberto disse que acredita em mau-olhado, embora não aceite a figura do diabo, tema de recente discussão entre líderes católicos.

Gilberto Freyre esteve esplêndido em suas lembranças e considerações críticas. Sua presença em Natal foi acontecimento de maior importância cultural na cidade. Ele demonstrou o apreço que dedica às Academias de Letras em geral, pelos serviços relevantes que essas instituições prestam aos trabalhadores intelectuais e

valorização da própria vida provinciana – patrimônio inestimável da nacionalidade.

A reunião acadêmica em sua homenagem terminou com a interpretação do Madrigal da UFRN, conduzido pelo maestro padre Jaime Tomaz Diniz, que entoou excelente composição em homenagem a Freyre, “*Ad multus annus*”, de autoria do referido maestro.

ATUAÇÃO DE VERÍSSIMO NA ACADEMIA DE LETRAS

Vivi dedicou-se de corpo e alma à Academia de Letras, sendo grande o seu prestígio ali entre os colegas. Qualquer pessoa que tivesse seu beneplácito ou sua simpatia tinha como quase certa sua vitória na eleição.

O professor José Nunes Cabral, diretor do Instituto de Antropologia, onde Vivi trabalhava, dizia em alto e bom som: “Quem manda na Academia é Vivi. Quem ele apadrinhar é eleito”.

Corroborando essas minhas observações, veja-se o que disse sobre isso o historiador Olavo de Medeiros Filho, em carta a mim redigida:

Veríssimo tomava a si a árdua tarefa de coordenar a escolha dos novos “imortais” da Academia Norte-Rio-grandense de Letras.

Ele sugeria nomes, “cortava” outros, entrava em contatos telefônicos, escrevia aos acadêmicos residentes no sul do país, recebia votos enviados por via

postal, enfim, era o “cérebro” das eleições da Academia. O candidato apoiado por Vivi geralmente era eleito para a Academia. Por coincidência, quase sempre era o melhor.

Veríssimo também foi o idealizador de um movimento de intercâmbio entre os escritores dos diversos estados brasileiros. Segundo Vivi, os intelectuais viviam em verdadeiras ilhas intelectuais. O que produzia em um estado não era conhecido nem divulgado no território vizinho.

Com vistas ao bom êxito da ideia, Veríssimo manteve um vasto intercâmbio epistolar com a intelectualidade de todo Brasil.

Pessoalmente, recebi do saudoso Vivi as melhores manifestações de apreço, estímulo, confiança e amizade. “Deus o tenha em boa glória”.

Atenciosamente,
Olavo de Medeiros Filho

CAPÍTULO 2

—◆—

**VERÍSSIMO
NO CONSELHO
DE CULTURA**

VERÍSSIMO NO CONSELHO DE CULTURA

Algumas realizações de Verissimo de Melo à frente do Conselho de Cultura do Rio Grande do Norte:

- a. Sugestão ao governo do estado para a criação de um centro de ciência e tecnologia no estado;
- b. Sugestão ao governo do estado para a oferta, ao professor Mário Tavares, da Medalha José Augusto e convite especial para audição no Teatro Alberto Maranhão, regendo a nossa Orquestra Sinfônica;
- c. Recepção ao presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Fernando Freyre, em sua visita ao Conselho Estadual de Cultura e entrega de medalha.

OUTRAS ATIVIDADES DO CONSELHO DE CULTURA

Além das atividades formais do Conselho, Verissimo instituiu a prática de toda quarta-feira, convidar intelectuais da terra, escritores e visitantes em Natal para falar sobre seus trabalhos. Nesses encontros, os convidados mostravam seus trabalhos, recebiam críticas e sugestões, tudo em clima de cordialidade e entendimento.

HISTÓRIA DE VERÍSSIMO DE MELO NO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

Veríssimo entra para o Conselho Estadual de Cultura em novembro de 1978, designado pelo governo estadual para completar o mandato do Dr. Aldo Fernandes Raposo de Melo (1978/1983).

Em abril de 1983, começa seu primeiro mandato no Conselho, que teve duração de seis anos (1983-1989). Em abril de 1989 foi designado para representar a UFRN como membro nato.

Foi eleito presidente do Conselho em 1990, reeleito em 1992, 1994 e 1996, tendo ficado no cargo até sua morte, no dia 18 de agosto de 1996.

DISCURSO DE VERÍSSIMO DE MELO POR OCASIÃO DA VISITA DO DR. FERNANDO FREYRE AO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE

Ao constituir-se honra e alegria a presença de V. Exa. neste Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte – também oferece oportunidade para sugestão que nos parece de maior pertinência. Sabemos da relevância do Nordeste, no país e no estrangeiro, da instituição de alto nível que V. Exa. preside, criação do gênio multifário de Gilberto Freyre e que neste 1989 vem comemorando seus 40 anos de atividades fecundas e laboriosas. Grande parte desse êxito se deve já à ação administrativa superior de V. Exa. Através de

correspondência, já externamos ponto de vista em relação à intensificação do intercâmbio que almejamos entre os valores do Rio Grande do Norte e a Fundação Joaquim Nabuco. Fundação que tem como atual vice-presidente nosso eminente conterrâneo, o escritor Nilo Pereira. Entendemos, entretanto, que o potencial dos nossos homens de cultura de vários sabores, para além da área estritamente literária e histórica, ainda não tem sido requisitado em sua globalidade pela Fundação Joaquim Nabuco.

Ressalte-se que nada estamos pedindo para nós, individualmente, pois já temos recebido várias e honrosas distinções da Fundação Joaquim Nabuco, antes e depois da ausência lamentável de Mauro Mota e Gilberto Freyre. Participamos, mais uma vez, do Seminário de Tropicologia no Recife, fizemos palestra noutra oportunidade, coordenamos o Seminário de Tropicologia da UFRN, por vontade expressa do mestre Gilberto Freyre, no reiterado de Diógenes da Cunha Lima e até recebemos, recentemente, a honrosa medalha do Mérito da Fundação Nabuco.

Queremos sugerir, isso sim, a presença de outros valores do nosso estado nos trabalhos da Fundação Joaquim Nabuco, por ser aquela instituição de abrangência regional.

Reconhecemos que V. Exa., vivendo no Recife, não poderia ter conhecimento mais amplo dos nossos homens de cultura, dos nossos estudiosos, dos nossos técnicos, de todos que fazem a inteligência e cultura do Rio Grande do Norte, especialmente en-

tre as novas gerações. Dessa forma, se V. Exa. achar conveniente, o nosso Conselho Estadual de Cultura poderia oferecer apoio necessário e mais largo ao intercâmbio entre valores do Rio Grande do Norte e a Fundação José Augusto.

A situação firme e prestigiada do nosso colegiado assegura-lhe autoridade para indicar estudiosos que poderão enriquecer a nossa contribuição às reuniões de alta cultura da instituição que V. Exa. dirige.

Esta é a nossa sugestão. Mais um lembrete do que propriamente uma reivindicação, pois não temos procuração de quem quer que seja, para esse apelo descomprometido, justo e oportuno.

Nesse instante de sua vinda honrosa ao nosso Conselho Estadual de Cultura, esta é a solicitação que desejamos transmitir a V. Exa.: uma maior interação do Rio Grande do Norte às atividades culturais da Fundação Joaquim Nabuco. E, para concluir, uma vez que formulamos possível política de cultura para o futuro, permita-nos lembrar expressão do genial poeta luso Miguel Torga, ao despedir-se do presidente Samora Machel “o que vale a pena é o futuro”.

**CARTA DE VERÍSSIMO MELO AO MAESTRO
MÁRIO TAVARES CONVIDANDO-O PARA
RECEBER A MEDALHA DR. JOSÉ AUGUSTO
E PARA REGER A ORQUESTRA SINFÔNICA
DO RIO GRANDE DO NORTE NO TEATRO
ALBERTO MARANHÃO**

Natal, 2 de setembro de 1987

Maestro Mário Tavares: meu abraço

Recebi sua boa carta de 20 de agosto. Em princípio, tudo que sugere é possível e pode ser viabilizado. Preciso, entretanto, de alguns esclarecimentos seus, para encaminhar providências.

Em primeiro lugar, que significa mesmo “titularidade” – segundo sua expressão? Não entendo. Esclareça, por favor.

Não há dúvida de que você tem altos serviços prestados. Merece todo o nosso respeito e carinho. Já em reunião do Conselho Estadual de Cultura, conversei com vários membros e todos concordaram em trazê-lo a Natal para uma homenagem à altura do homenageado. De minha parte, penso que é possível promover dois momentos de sua vinda a Natal. A concessão de uma medalha por decreto do governo do estado, em cerimônia no Conselho ou no Palácio do Governo. Segundo, para que um público maior tomasse conhecimento de sua vinda, você poderia reger a Orquestra do Teatro Alberto Maranhão, numa audição especial.

Para isso, preciso saber: quanto tempo poderia ficar em Natal? Preciso saber para encaminhar providências ao Secretário de Educação e Cultura. Já entrei em contato com a Diretora do Teatro, Liane Fontes, que achou ótima a minha sugestão de trazê-lo a Natal para reger uma audição da Orquestra. Ela vai me fornecer os dados que pediu. Logo que os tenha em mão, remeterei. O título que poderia ser dado pela UFRN – este ainda depende do reitor. Depois iria para o Conselho Superior de Ensino e Pesquisa, para homologação. É viável a ideia, mas depende de várias pessoas e eu não posso confirmar agora sua viabilidade. Vamos aguardar. De maneira que, resumindo, duas providências pedem e devem ser adicionadas por mim, através do Conselho de Cultura: primeiro, a concessão da medalha cultural. Só mais adiante posso saber qual será, pois quero aproveitar a oportunidade para trazer a Natal um ou dois mais conterrâneos ilustres nossos, que vivem no Rio e em São Paulo; e sua regência de uma audição especial da Orquestra do Teatro.

Se o amigo concorda, em princípio, com essas duas homenagens, mande-me dizer para acelerar providências. Sua vinda a Natal seria providenciada oportunamente. Preciso saber o tempo que deve ficar aqui para ensaiar a orquestra. Virá só ou com a esposa? É bom saber, naturalmente.

Na verdade, é necessário certo tempo para divulgar seu nome aqui e arregimentar amigos. Ontem, o Grácio Barbalho – que é do Conselho – dizia-nos que foi ao Teatro ver uma apresentação da orquestra. O Teatro

estava lotado. Ele não conheceu uma única pessoa. Só gente moça.

O mesmo me dizia Oriano – que é outro nosso conhecido aqui –, a não ser pelos velhos amigos e famílias tradicionais. A coisa mudou meu caro. Eu mesmo, com 66 anos de vivência em Natal, nem sempre sou conhecido e reconhecido.

Outro assunto: fui escolhido pelos estudantes da UFRN, por unanimidade, para ser o paraninfo geral das turmas que se formam agora (primeiro semestre). Distinção honrosa. Já preparo o discurso. Também espero ir a Brasília, em outubro, para fazer palestra sobre Cascudo no Centro Norte-Riograndense de lá, que me convidou.

Vamos pensar na possibilidade de você vir a Natal em dezembro, na segunda quinzena. É a época das festas por todos os lados.

Grande época. Caju dando na canela... E tudo mais. Topa? Diga e espere novas notícias

Abraços do amigo,

Veríssimo de Melo

CAPÍTULO 3

—◆—

**VERÍSSIMO
NO MUSEU
CÂMARA
CASCUDO**

VERÍSSIMO NO MUSEU CÂMARA CASCUDO

Meu irmão Veríssimo de Melo foi, juntamente com os professores Onofre Lopes da Silva, reitor da UFRN, José Nunes Cabral de Carvalho, Luís da Câmara Cascudo e padre Nivaldo Monte, um dos fundadores do Instituto de Antropologia, hoje Museu Câmara Cascudo.

A escolha de Veríssimo, nome de intelectual e escritor, teve a melhor repercussão no meio universitário. Ouvi de alguns membros da nossa UFRN a afirmação de que Vivi (como era conhecido na intimidade) recomendava a instituição. E hoje, ao se fazer um balanço de suas atividades nos diversos campos de suas especialidades, constata-se que a universidade muito lhe deve.

Exerceu diversos cargos durante os anos que passou na instituição. Promoveu vários cursos, foi autor de artigos do Instituto de Antropologia que tiveram grande repercussão no meio universitário brasileiro e de suas amizades o Museu lucrou bastante, tendo chegado a diretor da instituição antes de sua aposentadoria. Tinha boa circulação na reitoria e o professor Onofre Lopes, com quem começou na UFRN, disse-me que admirava Veríssimo pela sua vivacidade e inteligência.

Lançando os olhos sobre suas atividades, quando pertencente ao Departamento de Antropologia Cultural, no *staff* do Instituto de Antropologia, encontrei, com data de 3 de maio de 1972, convite do reitor Onofre Lopes para membro da Copertide, importante entidade de apoio à reitoria. Viajou bastante, também, como membro da administração do Instituto. Em 14

de novembro de 1973, visita a Universidade da Paraíba para proferir palestra sobre sua especialidade.

Em 18 de outubro de 1971, viaja ao Recife para tomar parte em concurso para professor, convidado pela cúpula da UFPE e em 13 de setembro de 1971, ministra aula especial no colégio CPU, em Natal, nas próprias dependências do Instituto, onde discorre, por mais de uma hora, sobre assunto de sua especialidade.

Ao tempo da reforma universitária no Brasil, para colocar a universidade brasileira em nova estrutura, o Instituto de Antropologia esteve a ponto de se esfacelar. Desapareceria inteiramente do organograma da UFRN.

O ex-reitor Genário Fonseca, vendo o perigo por qual passava a instituição, em vias de ser absorvida por um dos Centros, lançou-se à luta e, junto com a cooperação do professor José Nunes Cabral e Veríssimo de Melo, conseguiu sua autonomia, a exemplo do Museu Nacional e do Museu Goeldi, do Pará. Isso numa luta insana, tanto do *staff* do Instituto como da reitoria, conseguindo-se, no final, a inclusão do nome do Instituto de Antropologia no regimento interno e justificando sua posição no seio da UFRN.

Para comemorarem a vitória e a segurança do futuro do Instituto de Antropologia, houve um grande jantar de confraternização no Hotel do Sol, onde Veríssimo fez um grande discurso, que impressionou a todos os presentes, e quando Genário, o reitor, relatou sua atividade nas negociações da entidade junto com Vivi e Cabral.

ATIVIDADES DE VERÍSSIMO NO DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Durante sua permanência à frente do Departamento de Antropologia da UFRN, Veríssimo encontra tempo para escrever livros de sua especialidade, destacando-se o seu *Informações sobre Messianismo no Nordeste*, publicado em Portugal, e *Cartas do Instituto Hans Staden*, por carta publicada pelo Instituto sobre o grande viajante alemão e suas aventuras no Brasil.

Juntamente com os professores Elizabeth Mafra Cabral, Nássaro Antonio de Souza Nasser e Raimundo Teixeira da Rocha, Veríssimo efetua grande pesquisa no Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, em Patu, assim descrita pelo jornal *A Ordem*, de nossa capital, em data de 7 de dezembro de 1963: “A equipe do Instituto de Antropologia da UFRN, chefiada pelo professor Veríssimo de Melo e os professores Elizabeth Mafra Cabral, Nássaro Antonio de Souza Nasser e Raimundo Teixeira Rocha, acaba de realizar visita ao Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, na Serra do Lima, em Patu”.

Falava assim Veríssimo, no seu relatório final:

No dia 23 de novembro passado, no ano de 1963, após 63 léguas de viagem – via Caicó –, atravessando as cidades paraibanas de Brejo do Cruz e Belém, chegamos à Serra do Lima, em Patu. Dois objetivos nos conduziam ao distante recanto do nosso estado: conhecer a

história do Santuário, que fará parte do trabalho maior sobre as devoções populares principais do Rio Grande do Norte e coletar ex-votos para a universidade.

Graças à fidalguia e compreensão do Revmo. padre José Edmundo Eudres, capelão do Santuário, que tudo nos facilitou, atingimos plenamente os objetivos procurados. Em cima da Serra do Lima vislumbra-se, praticamente, toda a cidade de Patu. É um lindo panorama. Sobe-se até lá por uma estrada bem conservada – da capela do Santuário. A capela principal da Igreja, a mais antiga, segundo reza a tradição e nos informou o padre Eudres, foi construída no ano 1758, pelo português Joaquim de Lima, doado por ele à Nossa Senhora dos Impossíveis, juntamente com 500 m² de terra, que se estendem pela Serra. A imagem milagrosa, contudo, é anterior à capela, tendo ali chegado no ano de 1747.

O sobrenome desse Joaquim de Lima teria dado origem ao nome da Serra. Sabe-se que era casado com dona Rita Paulino, senhora de muitas virtudes cristãs. Por isso, construída a capela, os habitantes da região passaram a dizer: “Vamos à capela de dona Rita”. Padre Eudres, ainda hoje, chama Capela de Santa Rita dos Impossíveis ou Santa Rita apenas. Daí, explica o padre, já é corrente chamar-se “A do Lima”, em lugar da denominação verdadeira, que é a de Nossa Senhora dos Impossíveis. Para satisfazer os peregrinos, existe ao lado direito do altar da velha capela, uma imagem de Santa Rita, acrescenta o sacerdote. A imagem primitiva ainda existe e é uma

bela peça de autêntico estilo português. Felizmente, não “dourada”, deformação que tem inutilizado tantas imagens por este Brasil afora.

A CASA DOS MILAGRES

Do lado esquerdo da Capela está a “Casa dos Milagres”, pequeno quarto, inteiramente cheio de ex-votos, de todos os tipos (sempre em madeira) atestando a constante afluência de romeiros de vários estados e municípios vizinhos. Para quem se interessa pelo aspecto antropológico do problema, a ‘Casa dos Milagres’, da Serra do Lima, é um espetáculo à parte.

Indiscutivelmente, é o depósito de ex-votos de madeira mais numeroso do estado. Para o Instituto de Antropologia, doadas pelo Reverendo padre Eudres, trouxemos algumas dezenas de peças, bastante representativas dos vários tipos de milagres ali depositados. O padre Eudres nos declarou que são levados “votos” em retribuição aos mais variados milagres, especialmente sobre cura de doenças da vista, feridas “brabas”, aleijões e queimaduras infecciosas.

Mas – fazendo blague – “até agora, nunca houve um caso de cura de ferimento provocado por balas dos pistoleiros”. A segunda capela (inacabada), ao lado da primeira, tem história curiosa: é de 1758. Foi edificada pelo comerciante Etelvino Maia, residente em Catolé do Rocha, com a colaboração do cidadão José Araújo, mais conhecido pela alcunha de “José da Alma”. Esse José da Alma dizia ter visões da falecida esposa do co-

merciante paraibano, sra. Iracema Cavalcante Maia, com o pedido da construção de uma Capela na Serra do Lima. Passou ele então, a percorrer sítios, fazendas e cidades pedindo esmolas para a construção de uma capela. Ajudado pelo sr. Etelvino Maia, que forneceu quase toda a importância, foi realmente edificada a capela até o ponto em que está, isto é, apenas o altar-mor. O resto não pôde ser construído, porque exigia, pela posição errada em que foi situado, o sacrifício de parte da capela primitiva.

SITUAÇÃO ATUAL DO SANTUÁRIO

O Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, atualmente, vive exclusivamente das esmolas dos devotos e do trabalho desenvolvido pelo Padre Eudres e seu zelador.

VERÍSSIMO FALA SOBRE A FUNDAÇÃO DO MUSEU CÂMARA CASCUDO

O nosso Museu – antigo Instituto de Antropologia – surgiu efetivamente da estaca zero. Nada do que hoje podemos apresentar ao público e que constitui o nosso acervo nos chegou pronto e acabado de outra instituição. O que colhemos para o nosso acervo foi resultado de pesquisas dos nossos colaboradores ao lado de algumas doações de amigos do Museu. O próprio terreno no qual construímos a nossa sede – pavilhão do Museu e seus laboratórios – foi conquista

da direção e da equipe de professores e estagiários dessa casa.

Ao receber a convocação do então reitor Onofre Lopes da Silva no dia 19 de dezembro de 1961, reunimo-nos numa das salas da reitoria, ao lado de Luís da Câmara Cascudo, José Nunes Cabral de Carvalho e Dom Nivaldo Monte, para acertar medidas visando instalar um Museu na universidade. Logo naquele dia ficou estabelecido que partiríamos para criar um museu que fosse, antes de tudo, projeção dos aspectos mais importantes do estado, seja do ponto de vista antropológico, geológico, paleontológico ou folclórico. Seu primeiro diretor foi o escritor Luís da Câmara Cascudo, que renunciaria em poucos meses, sendo substituído pelo professor José Nunes Cabral de Carvalho. Guardamos de Cascudo uma frase, que jamais esquecemos, ao justificar o seu afastamento. Dizia ele dirigindo-se a nós e a Cabral: “Eu não posso acompanhar o ritmo de trabalho de vocês. Enquanto eu caminho de carro de boi, vocês voam de avião a jato”. Cremos que a observação diz bem do entusiasmo que nos contaminava nos primeiros tempos.

Outros companheiros foram depois convocados para a tarefa, como Protásio Melo e Antônio Gomes e Silva. Iniciamos um curso de preparação de 12 universitários para colaborar conosco. Vários outros jovens, mais tarde, foram chegando de outras áreas para compor o nosso quadro de servidores.

Devemos acentuar que a nossa preocupação foi sempre apresentar amostragem dos problemas funda-

mentais, sobretudo aqueles ligados aos aspectos antropológicos e geológicos do Rio Grande do Norte. O homem e a terra, cada um com seu potencial de riquezas, suas peculiaridades, a nossa herança paleontológica, a arte popular, o artesanato. Tudo isso – saliente-se – não apenas como curiosidades ou raridades para turistas, mas como parte de um organismo vivo e atuante na comunidade, através de pesquisas e do ensino. Após o curso que ministramos para os jovens e colaboradores do museu, trouxemos a Natal antropólogos, geólogos, paleontólogos, de projeção nacional e internacional, para novos cursos, destinados não somente ao pessoal da casa, mas aberto à comunidade natalense. Cursos periódicos, de acordo com a carga horária determinada pelos colegiados superiores da universidade, sobre os mais variados temas de interesse do estado.

Ressalte-se ainda que tudo isso só foi possível graças ao apoio incondicional do reitor Onofre Lopes da Silva. Incontáveis foram igualmente às conferências pronunciadas aqui por especialistas renomados, a convite da direção do Museu, para discorrer sobre assuntos vinculados ao homem e à terra norte-rio-grandense.

Os resultados das nossas pesquisas, ensaios, estudos e livros foram editados pela Imprensa Universitária, principalmente os Anais do Instituto de Antropologia, em 3 volumes, além das separatas de trabalhos do pessoal do Museu.

De maneira que, na sua estrutura funcional, no seu acervo, na orientação dos seus professores, mestres e estagiários, o Museu Câmara Cascudo, desde o

início, não se constituiu numa improvisação criada ao sabor das circunstâncias. Ele nasceu e cresceu sob segura e rígida orientação científica voltada para os mesmos ideais que animam as melhores instituições do gênero no país ou no estrangeiro.

O aspecto didático de suas exposições foi igualmente preocupação constante da direção, que sentia a necessidade de motivar não apenas os estudantes da universidade, mas igualmente a todos na comunidade que se interessavam pelos mesmos problemas.

Hoje, reformulado em vários dos seus aspectos nas salas de exposições, graças principalmente ao toque mágico de uma museóloga – Regina Mendonça de Matos – e sua equipe, cremos que o Museu Câmara Cascudo não desmerece dos seus congêneres nacionais. Por isso, entendemos que o Museu, de modo geral, deve e pode ser um prolongamento da escola – escola, dizemos, no sentido mais amplo desde a de primeiro grau até a universidade. Professores de diferentes áreas aqui têm ministrado aulas para os seus alunos.

O que a escola não pode oferecer de modo mais prático, no Museu pode ser visto, examinado, comparado, analisado. E são incontáveis os estudantes que por aqui têm passado com seus professores nos últimos anos.

A essa atividade se somam os inúmeros projetos de pesquisas realizados ou em andamento pelo nosso pessoal, com apoio de órgãos federais e até internacionais.

Um desses projetos, o de bolsas de arte aos universitários, orientado pelo professor José Crispim, tem revelado vocações legítimas de pesquisadores em vários

campos. É possível que vários desses moços e moças sejam os continuadores do trabalho aqui realizado pelos pioneiros deste Museu.

DINARTE E ONOFRE – OS HOMENS QUE FIZERAM A UNIVERSIDADE

Dois grandes vultos natalenses desapareceram simultaneamente, para nossa tristeza, neste mês de julho de 1984: Dinarte Mariz e Onofre Lopes da Silva. Dois homens de atividades diferentes, mas que atuaram juntos no idealismo e concretização de um sonho: a nossa universidade. “A maior obra do século no Rio Grande do Norte”, como disseram.

Dinarte criou-a por decreto, quando governador do estado, a 25 de junho de 1958, nomeando Onofre Lopes seu primeiro reitor. Onofre, partindo da estaca zero, consolidou a situação das Escolas Superiores existentes, criou e incorporou outras, obtendo sua maior conquista com a federalização da UFRN, a 18 de dezembro de 1960.

Foram duas vidas paralelas, intensamente unidas e de serviços inestimáveis prestados à comunidade norte-rio-grandense.

Dinarte, o grande líder, deixou sua atividade no comércio de Caicó para se dedicar inteiramente à política, ascendeu aos mais altos postos da vida pública – governador, deputado federal, senador da república.

Onofre, por sua vez, renunciou à sua vida profissional de médico-cirurgião para consagrar sua inteli-

gência e sua capacidade de trabalho em favor da administração da UFRN e, posteriormente, a outras instituições de cultura.

Tivemos o privilégio de conhecer os dois de perto. Mais Onofre Lopes do que Dinarte Mariz, quando com o primeiro servimos à universidade e partilhamos tarefas comuns na Academia Norte-Rio-grandense de Letras e no Conselho de Cultura. A Dinarte combatemos, pela imprensa, durante a campanha de redemocratização do país, em 1945. Esse fato não nos distanciou nem criou raízes conflitantes. Dinarte tinha a alma grande. Quinze anos após, quando o procuramos para um único pedido que lhe fizemos (fui junto com Protásio) em toda a minha vida – nossa recondução ao cargo de juiz municipal de Natal –, sua resposta foi surpreendente: “Melo, você é um patrimônio da nossa terra. Eu faria a nomeação mesmo que fosse errada e contra a lei”. Na verdade, nem era errada nem contra a lei. Tudo era força de expressão do bondoso governador. Suas palavras nos marcaram profundamente, nascendo daí uma amizade e solidariedade que nos uniram politicamente para sempre.

Onofre Lopes, com quem trabalhamos durante todo o seu reitorado de 10 anos e alguns meses, foi outra figura humana extraordinária. Um homem de bem em todo o sentido pleno da palavra. Impossível defini-lo, mesmo sumariamente, num breve artigo de jornal. Um idealista que tinha os pés no chão se é possível dizer isso para caracterizar quem perseguiu ideal nobilíssimo ao mesmo tempo em que se afirmava como administrador exemplar.

Dois norte-rio-grandenses desapareceram e deixaram a paisagem humana do pequeno estado mais árida do que antes. Ambos fincaram traços marcantes de sua passagem por este mundo com gestos inumeráveis de grandeza. Dinarte como homem público fez o bem indistintamente e trouxe benefícios múltiplos para o Rio Grande do Norte.

Onofre, como administrador, deixou a universidade, na expressão Orteguiana – “a inteligência institucionalizada”.

Ambos serviram o povo e viveram dignamente. Ambos deixaram lições incontáveis de generosidade, de fraternidade e de amor ao próximo – com seus exemplos. Cristãmente, ambos deixaram saudades para sempre.

Veríssimo de Melo ensinou Antropologia no Museu Câmara Cascudo e na UFRN. Foi excelente professor, segundo opinião de vários alunos, pela sua maneira especial de ministrar as aulas, seu bom humor e seu conhecimento da ciência do homem e de sua cultura.

Mostramos aqui capítulo inicial de seu Ensaio “Antropologia e história”:

Antropologia, no seu sentido mais amplo, é o estudo do homem e da sua cultura. Do homem como produto da evolução animal, e da soma total de suas criações materiais e não materiais, isto é, da cultura. Do que se evidencia que a antropologia é, ao mesmo tempo, ciência biológica, ciência social e uma das humanidades. Alguns autores ainda a consideram ciência física, por exemplo, quando o seu enfoque recai sobre a

anatomia humana ou sobre qualquer manifestação da cultura material.

Não há outra ciência de campo mais vasta e mais universal do que a antropologia. Onde estiver ou esteve o homem ou um produto do seu trabalho, seja o mais primitivo ou o mais evoluído, aí estará, certamente, o interesse antropológico.

A espécie humana, apesar de suas variedades, é uma só. Mas as culturas são extremamente variáveis no tempo e no espaço. E já se vê que a antropologia não pode prescindir do relacionamento com todas as ciências que estudam o homem e o meio geográfico onde as culturas são inseridas.

Beals e Hoijer afirmam que “em essência a função do antropólogo é integrar as diversas disciplinas que tratam do homem, e pela amplitude de suas preocupações especulativas, a antropologia deve ser entendida como a síntese de todas as ciências que tratam da natureza humana”. O que não quer dizer que seja *mais uma ciência do homem*.

Sua característica própria e inconfundível reside no fato de ser, ao mesmo tempo, e só ela, a única ciência que estuda os aspectos biológicos e culturais do homem, ou como frisava Kroeber: “nenhuma outra ciência enfrentou esse grupo de problemas como seu fim fundamental. A antropociência definiu seu problema”.

Mischa Titiev observou que a “vasta maioria das ações voluntárias dos seres humanos são produtos mistos de duas forças diferentes que atuam simultaneamente, de forma a produzir uma atividade única:

forças biológicas e forças culturais”. Por isso, propôs a expressão “comportamento biocultural” para toda categoria de atividade humana, entendendo que a competência do antropólogo cultural consiste em adquirir o conhecimento de como essas forças interatuam. Essa é a característica específica da antropologia, seu problema básico e nuclear.

Hoebel, num expressivo esquema, mostra-nos o vastíssimo território das ciências que se relacionam com a antropologia, segundo a orientação que se deseja dar a uma abordagem antropológica. Numa orientação biológica, incluiremos a anatomia, fisiologia, psicologia filosófica, genética, geologia, paleontologia e primatologia. Numa orientação cultural, teremos a história, geologia, arqueologia, arte, literatura, música, tecnologia, linguística, ciência política, direito, psicologia, economia e geografia humana.

Para Clyde Kluckhohn, “a história é a tentativa de descrever os acontecimentos passados da maneira mais precisa, concreta e completa possível, estabelecer as sequências desses acontecimentos, apontar os padrões porventura existentes nas sequências”. Adianta ainda que a história é tanto um método como uma ciência independente e a antropologia possui seu lado histórico. O decorrer do desenvolvimento humano, a dispersão da espécie sobre a Terra e a evolução das culturas, tudo isso são investigações históricas.

Mas há outros pontos de vista extremados em relação à história, como os de Malinowski e Radcliffe-Brown, ao declararem que a antropologia só tem um

sentido enquanto ciência. Excluem a história por considerarem que o fato determinado carece de interesse por si mesmo. O objeto da ciência, aduzem, é relacionar fatos e deles formular proposições válidas em torno da natureza das coisas.

Já outros autores adotam posições inversas, entendendo que a antropologia “ou é história ou não é nada”. Acrescentam: “tudo ocupa um lugar no tempo. A cultura é uma continuação, nunca é o mesmo de um dia a outro. Toda observação antropológica é um fato histórico”.

Modernamente, a orientação mais segura sobre o assunto é a de que o antropólogo deve manter uma abordagem ampla do seu trabalho, isto é, holística. Orientação que acentua a integração da cultura. O homem é um só. O seu estudo interessa a todas as ciências. Kluckhohn, numa metáfora sugestiva, anunciou, por exemplo, a queda de todos os muros que antigamente limitavam as ciências sociais. Hoje, o antropólogo irá a qualquer campo de qualquer ciência que possa trazer mais luz ao conhecimento da natureza humana e das forças que agem na sociedade: os fins supremos da antropologia.

PALESTRA DE VERÍSSIMO NO MUSEU CÂMARA CASCUDO SOBRE FOLCLORE

Em 1975, por ocasião do 6º encontro de Museologia no Brasil, realizado em Natal, Veríssimo fez palestra no Museu Câmara Cascudo, donde extraímos esse resumo:

Ao tentar oferecer alguma contribuição à temática deste Simpósio, em torno da conceituação do folclore no Brasil, desejamos, preliminarmente, dividir o assunto em dois itens: primeiro, a posição do folclore entre as ciências; e segundo, as características do fato folclórico.

Posição do folclore entre as ciências: parece-me que não há contestação quanto à verdadeira posição do folclore como ciência: Ele é um ramo da antropologia cultural, a ciência mais ampla da cultura universal.

Ali, na subdivisão da antropologia cultural, aparece o folclore, estudando as maneiras de pensar, sentir e agir das coletividades, conservadas oralmente e consagradas pela sua popularidade.

No Brasil, a partir do 1º Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, ficou determinado que o folclore estuda tanto a cultura espiritual quanto a cultura material, posição que nos parece, nesse ponto, absolutamente correta.

Portanto, para nós, e possivelmente para a maioria deste Simpósio, folclore é aspecto da antropologia cultural. É ciência e, como tal, tem seus métodos próprios de abordagem e estudo. Tem suas implicações e convergências com outras ciências antropológicas e não antropológicas. Tem seu campo de trabalho definido, que é a cultura popular.

O FATO FOLCLÓRICO

O fato folclórico é anônimo – todos sabem – porque não tem autor conhecido, embora toda criação tenha um pai. Esse pai, antigo ou recente, não se conhece, tendo o povo, através dos anos, reformado e readaptado de tal modo a manifestação, que ele surge, em nossos dias, como um fato coletivo: do povo, afinal.

O fato folclórico se transmite pela boca e pelo ouvido do povo: é essencialmente oral. Se hoje a manifestação folclórica é registrada em livro, isso não significa que a sua transmissão não tenha sido realizada oralmente. Por último, o fato folclórico é absolutamente popular, é do domínio coletivo. As tradições das cortes europeias não são folclore. Elas não são do povo, mas de uma parcela do povo.

O folclore nasceu há 1000 anos e não compete a nós declarar que isso e aquilo é ou será folclore antes da consagração popular.

O folclore é o saber de todas as classes. Por tudo isso, podemos definir o folclore, salvo melhor juízo, como: “A ciência que estuda o conjunto de maneiras de pensar, sentir e agir das coletividades conservadas e consagradas pela popularização”.

CAPÍTULO 4

—◆—

**VERÍSSIMO
E JORGE
FERNANDES**

VERÍSSIMO DE MELO E JORGE FERNANDES

Na década de 1940, Lenine Pinto entrevista Jorge Fernandes aos 70 anos de idade, chamando-o de “Precursor da poesia moderna no Brasil”. Na conversa com o poeta, de quem ouviu a célebre frase: “Eu anunciei muita coisa e terminei em nada”, Lenine nos deu um retrato de um homem simples, de uma personalidade quase ingênua, que defendia seus pontos de vista sem ferir susceptibilidades ou atacar os poetas da terra que não liam por sua cartilha.

Vivi impressionou-se com as palavras de Lenine, nas quais dizia que Jorge escrevia poemas modernos numa época em que somente eram poetas os nascidos no Assu, quem tomava banho do puassá e rimava, segundo o folclore regional, lua com nua, e poucos entendiam a sua poesia “sempre olhando os moços com respeito, vendo em cada um uma promessa”. E ali, bem no meio da entrevista, sugere a Veríssimo a tarefa de estudar mais a fundo a poesia de Jorge. Veríssimo aceitou a sugestão e imediatamente apaixonou-se por Jorge e sua poesia e lembro-me de certa vez ter recitado para mim um poema de Jorge, que Cascudo perdera no passado, e que dizia assim:

As águas mais fracas
Correm os caminhos...
Encheram os riachos...
E os riachos dão chupos

Que nem boi bebendo...
É tudo abrejado...

Os galhos sem folhas
Rebentam os verdinhos...
As serras pontudas
Tisnadas de preto
Têm brotos miúdos
Nas pontas dos paus...
São gritos do verde
Pra tudo alegrar
Pra tudo sorrir...
O gado ainda guenzo
Trombeca contente
Já quer escramuçar...
E os dias passaram,
As chuvas cessaram
E o verde tão grande
Faz tudo esperar!

As árvores das serras
De ramos pendidos
Pejadas de chuvas
Parecem no choco
Chocando a fartura
Que tem de nascer!...

E então Vivi, mais avançado nos anos, todos os dias, descendo a rua da Palha, passava pela casa de Jorge e conversavam um pouco, com o poeta na jane-

la, vendo a vida passar. E foi mais um admirador que Jorge conseguiu.

Difundia sua poesia na cidade, apresentando-lhe a alguns amigos. Passou a visitar seu tugúrio no Café Majestic, onde o poeta se reunia com os amigos – Valdomiro Moreira Dias, Lagrecca, Nunes Pereira e o próprio Cascudo, que também ia às vezes – para conversar e vê-lo beber sua branquinha, falar de Mário de Andrade e de poesia em geral.

E vem o primeiro trabalho de Veríssimo sobre Jorge Fernandes.

JORGE FERNANDES – POETA DA TRANSIÇÃO

Num encontro de rua com o poeta Jarbas Martins, faz algum tempo, tratamos sobre Jorge Fernandes e sua poesia. Tendo Jarbas, falado intensamente sobre Jorge, nosso poeta maior, sobre sua contribuição ao modernismo no Rio Grande do Norte.

Para Jarbas, que pretende dramatizar e levar ao teatro a poesia de Jorge, a nota mais saliente de suas produções seria a alegria. De fato, esse é um dos traços característicos de sua poética. Entendemos, entretanto, que o maior mérito de sua poesia reside na sua contribuição revolucionária ao movimento modernista. A forma com que se antecipou – 50 anos – a seus contemporâneos.

Observem que numa época em que os poetas consagrados da terra – década de 1920 – soneteavam a torto e a direito, utilizando velhos chavões europeus

para aqui transplantados, divorciados, todos eles, da realidade nordestina, Jorge voltava-se inteiramente para as nossas coisas, nossas paisagens, nossas motivações nativas. E o fazia em ritmo novo – o verso livre – que só obedecia à sua música interior, provocando escândalos e comentários críticos dos nossos intelectuais da província.

Jorge não apenas inova. Ele estava destruindo, pelo ridículo, a linguagem alienada dos poetas de então, muitos julgados intocáveis e sagrados. Seu *Livro de poemas* está porejante desse esforço renovador. Ele sentia que era preciso passar uma patrol pelo terreno encharcado do parnasianismo agonizante, para iniciar o plantio de novas sementes do modernismo nascente.

Um poeta de transição entre o parnasianismo e os tempos modernos. A ele estava reservado um destino, um desafio na nossa evolução cultural e literária. Foi com humildade que aceitou a missão, embora distribuindo algumas alfinetadas dos poetas da época.

Admirável, entretanto, é verificar que ele, apesar da difícil tarefa a que se propusera, não se perdeu em atitudes quixotescas. Teve suficiente bom senso para se antecipar aos seus contemporâneos apenas imprimindo a marca do seu talento. O toque pessoal que falava Manuel Bandeira na carta que nos escreveu em 1952.

Jorge Fernandes falou em muitos dos seus poemas com um timbre que é só dele, falou das coisas do Brasil, com um sabor que é só dele. Aquele seu livro deveria estar na biblioteca de todos os brasileiros.

JORGE FERNANDES E FERNANDO PESSOA – UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO

Grande admirador do poeta português e também de Jorge, Veríssimo tenta uma aproximação entre as duas figuras, tão longe geograficamente e tão perto pela inteligência. Os dois contemporâneos, Pessoa um ano mais moço do que Jorge.

Ambos só publicaram um livro na vida. Jorge, o seu *Livro de poemas*, e Fernando Pessoa, *Mensagem*. Tendo ambos publicado outras coisas em livros e revistas.

Os dois escreveram sobre os sinos de suas aldeias. Pessoa, de uma forma mais dramática; Jorge, nem tanto.

Afinal, que dramaticidade poderia ter o poeta natalense que escreveu essa frase: “No ato mais sério, estando rindo, sou mais sério que sisudo”.

O poema de Pessoa

Ó sino de minha aldeia
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro de minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho,
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

Jorge, menos dramático, teve seu poema publicado em *A República*, podendo ser encontrado à página 18 do seu livro, edição de 1970:

Sinos

Os velhos sinos oh,
Brandes imortais
Nervosos sinos da alegria,
Oh sinos triunfais!
Me embalai, me embalai!
Oh velhos sinos
É noite que suave o meu partir
Sobre meus olhos, sinos,
A imensa noite cai...
Oh estranho acalanto
Tendes no canto!
Eu vou dormir...
Dobrai! Dobrai!

Sobre essa produção de Jorge Fernandes, Sander-
son Negreiros encontrou soneto de Othoniel Menezes
que assim termina: “Pagaste nunca a vida com triste-
za, pela grade dos sonhos a beleza de teu destino, de
todos nós”.

CAPÍTULO 5

—◆—

**VERÍSSIMO
E CASCUDO**

CASCUDO E VERÍSSIMO

Cascudo e Verissimo se davam muito bem, pois, além de parentes, dedicavam-se aos mesmos estudos e às mesmas pesquisas, e o mestre achava muita graça na verve e nas piadas de Verissimo. Certa vez, foram ao Rio de Janeiro para um encontro de antropologia num navio de Lloyd Brasileiro, que atracava na Bahia. Sabendo da viagem do mestre do folclore, o renomado escritor baiano Clarival Valladares foi visitá-lo a bordo. Todos já se conheciam há tempos e Vivi, depois de falar com Clarival, perguntou, inocentemente: “Clarival, como vai dona Carmelita” (a esposa do escritor). Cascudo, ao ouvir isso, dá um pulo na frente de Vivi, empurra-o e mete outra conversa pelo meio da pergunta. Entretanto, o empurrão foi muito forte e Vivi estatelou-se no chão. Chega a turma do “deixa disso”, com Cascudo muito aflito e, graças a Deus, Vivi escapou ileso. Depois da visita, quando Clarival foi embora, Cascudo disse: “Vivi, do Recife pra baixo, não se pergunta nenhum nome e sim “como vai a esposa?”. Pode ser a segunda ou a terceira e evita-se constrangimentos. Vivi achou graça na lição, meio violenta, e foram tomar um chope no bar do navio. (Clarival tinha se casado pela segunda vez).

Certa tarde, Vivi entrou num bar na avenida Tavares de Lira, junto da Confeitaria de Jessé Freire, e encontrou Cascudo sentado, em companhia de uma moça meio suspeita, tomando uma cerveja e conversando com a companheira de mesa. Quando Vivi

entrou, olhou espantado para Cascudo e exclamou: “Mestre?”. Cascudo, em cima da bucha, respondeu: “Estudando cultura popular”.

O MAIOR CINZEIRO DO MUNDO

Certa vez, Vivi foi à casa de Cascudo e encontrou-o deitado numa rede, lendo e fumando seu charuto, com uma bacia grande debaixo da rede para aparar a cinza e deixá-lo à vontade. Vivi achou a coisa muito engraçada e saiu espalhando entre os amigos que Cascudo havia inventado o maior cinzeiro do mundo. Ele falava sério e vários amigos foram até a casa do mestre ver o tal cinzeiro.

Quando Cascudo soube da patuscada deu boas gargalhadas e disse: “Aquele Vivi é um miserável”.

AS CARTAS DE VINGT – UM ROSADO

Em determinada ocasião, Cascudo telefona para Vivi pedindo para ir à sua casa, pois tinha uma coisa *sui-generis* para mostrar. Vivi, que gostava de novidade e era curioso, no mesmo dia foi à casa do mestre e, entrando, perguntou: “Qual a novidade?”. Cascudo apontou para um maço de cartas do escritor de Mossoró e exclamou: “Taí o homem que consegue escrever ruim à máquina” (risos). Vivi contou a Vingt-um e este achou formidável a história.

O CLUBE INTERNACIONAL DE FOLCLORE

VERÍSSIMO MELO FALA DE CÂMARA CASCU DO

Influenciado pelo mestre Cascudo e pela Fundação Brasileira de Folclore, Vivi resolveu fundar o Clube Internacional de Folclore. Entretanto, como o mestre era “meio complicado”, Vivi foi até sua casa comunicar-lhe o fato e pedir sua opinião. Cascudo ouviu tudo calado, deu uma bafurada no seu charuto, na cara de Vivi, e exclamou: “É uma ideia maravilhosa e tudo que eu puder fazer, estou pronto, incluindo convocar meus amigos lá fora”. Ficou contentíssimo, então fizemos mais de 50 cartas, que traduzi para o inglês, informando a finalidade da entidade, inclusive a colaboração de Cascudo. Foi um sucesso! E me lembro bem que traduzi várias cartas de aceitação de mestres no exterior, de um clube que tinha a finalidade de alargar o estudo da ciência do povo entre o Brasil e as nações do Velho Mundo.

CASCUDO ESCRITOR DE CARTAS

O gênero literário que cultivou como poucos, neste país, foi o epistolar. Quando lhe falei sobre me deixar publicar essas cartas, certa vez, fez blague, dizendo: “Nunca. Sem isso eu não deixaria nada a fazer aos pesquisadores depois de minha morte”.

CASCUDO CIDADÃO DO MUNDO

No meu arquivo, há toneladas de referências sobre Cascudo. É conhecido em todo o Brasil e em várias partes do mundo. É citado em várias partes desse planeta e fez prefácios para inúmeras obras importantes. As notas avulsas lisonjeiras aos seus livros são infinitas.

Certa vez, recebeu um telegrama dos Estados Unidos, com resposta paga, perguntando se jacaré dormia de noite.

Em 50 anos de atividade escreveu mais de 100 livros e ensaios, deu aulas, manteve correspondência, recebeu visitantes, fez discursos, conferências, conversou com meio mundo, pessoalmente e por carta. Só fez duas coisas: escrever e ensinar – ele mesmo dizia. E tudo que fez foi com amor, alegria, erudição e inteligência.

É conhecido no Brasil e no exterior, repetimos. A razão disso: sua obra de etnólogo, folclorista, historiador. Em todos os aspectos da cultura popular, Cascudo ofereceu sua contribuição. A obra de Cascudo é hoje universal e podemos proclamá-lo um “cidadão do mundo”.

Era um otimista, pois era um cidadão realizado em todos os sentidos. E disse certa vez: “Eu sou o único homem feliz do Brasil”. Os problemas da casa dona Dhalia, sua esposa, resolvia. Os problemas nacionais nunca alteravam o seu espírito. Dizia ele: “Quando nasci diziam que o Brasil estava à beira do abismo. Passados os anos, duas coisas devem ter acontecido: ou o abismo fechou ou o Brasil alargou”.

Cascudo nasceu em Natal, na antiga rua das Virgens (que hoje leva seu nome), e me disse certa vez: “Vivi, sou o único homem no mundo que não pode negar a idade. Botaram uma placa na casa onde nasci”.

Triunfou na vida. Era membro de centenas de instituições científicas, no Brasil e no exterior, e obteve as maiores condecorações que uma pessoa poderia almejar.

Visitar Natal e não ver Cascudo era como ir a Roma e não ver o Papa. Para seus alunos, como este que escreve essas linhas, Natal possui dois monumentos imperecíveis: a Fortaleza dos Reis Magos e Luís da Câmara Cascudo.

O LIVRO SOBRE ZÉ AREIA

Eu escrevi o livro sobre o boêmio Zé Areia, por sugestão de Cascudo. Na 3ª edição do meu *Sátiras e epigramas de Zé Areia*, digo como veio a ideia do trabalho. Escreveu Cascudo na morte de Zé Areia: “A morte de José Antônio Areia Filho apaga em Natal o derradeiro representante da verve recalcitrante, do espírito da réplica imediata e feliz, o último contribuinte para o patrimônio esfuziante da improvisação anônima e surpreendente. Desapareceu em janeiro de 1972 (mês em que nasceu). O quanto nos restava de popular, sem vangloriar-se e constituir uma presença chistosa nas recordações bem-humoradas de todas as classes sociais da cidade. Veríssimo salvou algumas de suas produções, fatalmente orais, e é de se esperar que reincida a benemerência, recolhendo saldos fortuitos dessa

grande e autêntica inteligência, apenas alfabetizada, conservando o timbre original da espontaneidade incomparável. Será em prosa um quinto livro Bocagiano, documentário do espírito anônimo, cristalizado no exercício fulminante da refutação imprevista.

HISTÓRIA DA CIDADE DE NATAL EM SEGUNDA EDIÇÃO

Começam a despontar as primeiras novidades do *front* literário do estado, relacionadas com o Projeto Memória, da UFRN, nas mãos do mestre Câmara Cascudo. Vimos agora exemplares do seu livro *Histórias da cidade de Natal*, em segunda edição. É reedição da Companhia Brasileira de Letras, em coedição com o INL, por iniciativa do reitor Diógenes da Cunha Lima. Essa obra de Cascudo é preciosa e de consulta indispensável. Por muitos títulos não quis atualizá-la. Disse-nos que é uma história de Natal sem arranha-céus. Preferiu que saísse a segunda edição como a escreveu e publicou em 1947, com apoio do então prefeito Sílvio Pedroza – a quem, aliás, a obra é dedicada.

Se por um lado a história de Cascudo nos dá uma visão um tanto defasada da cidade, por outro, ofereceu-nos toda a documentação básica sobre a sua fundação e crescimento até fins da década de 1940.

Desatualizada quanto ao chamado desenvolvimento destes últimos 30 anos, é, contudo, livro utilíssimo pelos dados que contém e pela forma saborosa com que foi escrito. Um livro raro, cuja segunda edição es-

tará logo esgotada, face ao enorme interesse que existe pela sua aquisição.

PASSAGENS DE VERÍSSIMO E CASCUDO

Frase de Cascudo, que fez o maior sucesso no 1º Congresso de Folclore, no Rio de Janeiro: “Veríssimo de Melo tem carne suficiente para sustentar a alma”.

Renato Almeida fez queixa a Cascudo de que o velho Vivi deixava o Congresso de Folclore para ir tomar cerveja com os companheiros. Cascudo, solidário: “Renato, deixa Vivi viver”.

Cascudo às vezes chamava Vivi de Padre Vieira e explicou: “De público soa muito bem, porque pensam que você é santo. Mas lembre-se, é atribuído ao Padre Vieira, ainda que sem fundamento, a autoria do livro *A arte de furta*”. E concluía, peremptório: “Quando vai devolver meus livros?”.

Duas moças foram levar Veríssimo e Cascudo ao porto no Rio de Janeiro. Ambos receberam flores. O navio se afastava, as moças acenavam do cais, os dois abraçavam as flores. Tão logo o navio ganhou distância, Cascudo disse: “Vivi vamos apagar os vestígios”. E atirou o buquê no mar, chamando em seguida Veríssimo para ir tomar um chope no bar do navio.

Vivi perguntou uma vez a Cascudo qual a origem da expressão popular “nhe-nhe-nhem”, usada em frases como: “Fulano não resolve, não decide, fica só naquele nhe-nhe-nhem”. Cascudo disse que não sabia, mas achou curiosa a expressão. Dois dias depois mandou

um bilhete para Veríssimo: “Descobri. Favor baixar no meu terreiro”. A explicação era plausível e sedutora: viria do verbo tupi “nheem” (falar), de onde derivam “abanheem” e “nheengatu”. No exemplo questionado: Fulano não resolve, não decide. “Fica só falando, falando, falando...”.

CAPÍTULO 6

—◆—

**POEMAS
DE VERÍSSIMO
DE MELO**

A REPÚBLICA, DE 4 DE OUTUBRO DE 1938

Veríssimo Melo para Protásio

Deixo para minha família meu pó.
Para a humanidade meu nome esquecido.
Para a história, meus feitos invisíveis!
E a minha alma continue vagando pelo espaço!
Silenciosa... Calada...
Das outras almas,
Escondas sempre o romance de amor, que ainda
encerras...
Não contamines a eternidade...
Os eternos não admitem ilusões,
Nem amor profundo, nem falsidade!
Guarda tudo contigo...

E numa tarde semelhante àquela...
Penso um pouco na vida e na eternidade...
Reúne amor, ciúme, ilusão, ódio, saudade!
E precipita-se no abismo virgem dos infinitos!

DOCES NUVENS TRANQUILAS

Para meu tio Papum

Doces nuvens tranquilas
Que caminham suavemente,
Indiferentemente, por sobre os homens.
E por sobre o mundo!
Eu invejo a vossa vida de paz,
Perante a felicidade
E a miséria terrena.
Eu quisera ser como voa,
Doces nuvens tranquilas,
Viver dançando
E olhar os rios de sangue
Com a mesma serenidade,
Despreocupação, com que olhais.
Os rios de água!

Mas, para ser assim como vós,
É preciso ter uma alma de fumaça
E um coração de gelo
E eu, doces nuvens tranquilas,
Infelizmente,
Tenho uma alma de verdade
E um coração de sangue.

CUIDADO COM O SOLO EUROPEU!

Moscou – 5 de abril
Ontem à tarde, cerca de 10 mil homens
transpuseram a Montanha Branca com
destino a região de Samara. Trata-se
de uma pesquisa petrolífera
(notícia do jornal)

Oh! Homens que caminham com destino à região
de Samara!

Muito cuidado!

Lembrai-vos dos massacres, dos assassinatos, das
revoltas, das revoluções e das guerras que estão se
desenrolando sobre o solo europeu.

Muito cuidado! Oh pesquisadores!

Lembrai-vos também que “num jardim abandona-
do em Valença, nasceu um lírio cor de sangue”.

E que acompanhando os rios de petróleo,
Outros rios de cor diferente.

Não vos esqueçais!

Quando fordes perfurar o solo europeu,

Muito cuidado!

Em lugar de petróleo, poderá jorrar.

Sangue humano.

LUAR DE AGOSTO

Debruço-me na janela que dá para o mar...
Um ventinho bom, gostoso, está me batendo.
De leve, suavemente me esbofeteando...
E os meus olhos, estes dois sínicos peraltas.
Já estão mergulhando nas vagas deliciosas,
Lá longe onde termina o céu e começa o mar.

Em cada pedaço de mar, há estrelas tremendo e
luas dançando.
Hoje é a última noite de agosto deste ano que ter-
mina em nove
Último luar de agosto
Sim é verdade, eu tenho até que fazer um poema.
Sobre o luar de agosto
Onde está meu lápis? E meu bloco de papel de pa-
daria?
E minha cabeleira de poeta?
Tragam-me tudo! Eu quero fazer também meu
poema
Sobre o luar de agosto
Entrei de céu adentro... Me danei.
Percorri estrelas, luas e sóis. Desci vertiginosa-
mente
Me derramei no mar. Virei peixe, comi algas, engoli
navios.
Vomitei sereias. Andei os sete mares de cabo a
rabo.
Perdi a paciência e subi novamente aos céus.

Dei bofetes nas estrelas, gritei, gritei muito
Gritei como um louco quis ver o outro lado do
azul... Me sumi.
E não encontrei minha musa!
Quando me achei, estava numa janela humilde
olhando o mar.
Abandono o poema do luar de agosto.
Meus olhos precipitaram-se na ambição dos hori-
zontes.
E os vejo muito distantes abordando uma ilha per-
dida.
Qual será? Ah! Será uma daquelas encantadas
ilhas da Grécia?
E lembro-me dos maravilhosos versos de Byron
“Ilhas da Grécia”... Ilhas da Grécia,
Onde a ardente Safo amou e cantou...
Onde nasceram as artes da guerra e da paz,
Onde Delos surgiu e Phebo irrompeu
Um eterno verão te doura ainda,
Mas tudo, exceto o sol, não existe mais.
Deixo as ilhas da Grécia, os horizontes, o mar,
Os pedaços de céu tremendo, as luas dançando.
As estrelas saltando e fecho a janela que dá para
o mar...

PRELÚDIO 12

Para Aderbal de França

Eu sou um jardim perdido
Ante a paisagem do mundo
Nos meus lírios e nos meus ciprestes,
Abrigam-se novas avalanches de pássaros
Fugitivos, que entoam sem cessar,

Hinos puríssimos de liberdade
Jorram das fontes perfeitas dos meus olhos
Longas colunas coloridas de vinho,
Nuvens de pão circundam minha sombra.
E por que aqueles gritos que partem de mim,
Emudecem na bruma?
Eu sou um jardim perdido,
Ante a paisagem do mundo.

Confiemos no tempo
Confiemos no tempo... Ele nos deu Jesus,
Lincoln, Ibsen e tantos mais. Algum dia uma
Fantástica bandeira de fogo substituirá o sol,
Inaugurando-se definitivamente no eixo da terra.
As estrelas deixarão cair suas máscaras,
E verás os grandes cérebros pulsando,
Piscando como verdadeiros faróis,
Sim. Porque faróis eles sempre foram
Para mostrar aos sem rumo, aos que querem parar.
Uma estrada larga onde não há sofrimento além

do amor.
Onde a inteligência venceu a força,
Onde os homens são homens, as mulheres, mu-
lheres,
As crianças, crianças, onde guerreiros não há.
Confiamos no tempo! Ele nos deu Jesus, Ibsen,
Lincoln
E tantos outros...

UMA NOITE MUITO TRISTE

Há uma noite lá fora mais triste, mas fria
E mais humana do que nunca, meus irmãos gran-
des e
Meus irmãos pequenos.
Venham todos... Venham todos comigo olhar
A noite e ver como vocês grandes são pequeninos
E como vocês pequeninos são grandes.
Pobres dos prisioneiros de Sing Sing
Dos cegos de Montmartre, dos loucos de Petrogra-
do
Dos bêbados de qualquer cidadezinha distante
Que não podem gozar comigo e com os outros
Vagabundos de todo o mundo, essa noite mais triste,
Mais fria e mais humana do que nunca...
Viva a Liberdade. Liberdade não é dizer o que vem
À boca e dizer o que precisa ser dito e viver e
Gozar inteiramente comigo e com os vagabundos de
Todo mundo uma noite como essa: mais triste, mais,

Fria e mais humana do que nunca.
Essa noite é mais do que uma noite.
É um adeus imenso ao resto dos homens
É uma esperança para os companheiros,
Venham irmãos... Venham todos comigo
A olhar a noite e ver como
Vocês grandes são pequeninos e como vocês
Pequeninos são grandes.

MORNAS EVOCAÇÕES DA VELHA PRAÇA

Velha praça cheia de sombras, de sombras de árvores e de sombras de almas. Como é bom descansar sobre teus bancos esburacados e pensar... Pensar em tudo que foi ficando pelos caminhos... Em tudo que o passado engoliu...

Se um dia as árvores falassem, quantas coisas bonitas não sairiam de suas bocas amigas e descoradas. Próximas do fim para o grande princípio.

Ah! Se elas falassem, que sublimes confissões elas não fariam daqueles homens que perderam o sorriso. Dos velhos que libertaram de si a mocidade. Dos jovens que sonharam. Que apenas sonharam. Velha praça cheia de sombras, quantas lágrimas de mães e filhas perdidas tu não bebeste! Quantas serenatas já não te envolveram nas noites calmas, se, ventos, que somente vozes roucas e angustiadas se esgrimiam. Cada um desses teus bancos esburacados é um poema sem dono, que ninguém quer assinar, porque está “atravessado” de verdade. Velha praça cheia de sombras, se

tiveres um dia que falar, escuta bem, seja camarada comigo e menciones meu nome na noite do beijo. Na noite daquele grande romance. Transforma aquela cena e aqueles diálogos em sementes.

E darás ainda muitos frutos saborosos! E darás ainda muitas árvores bonitas ao mundo.

NOS CAMINHOS OBSCUROS

A que latitudes estou de Deus?
Estarei perdido na sombra total
Ou no intenso e largo foco original?
Sinto uma frieza de neve me abraçando, mas,
Não estou nos polos, não estou nas lívidas escarpas.
Siberianas, em nenhum lugar onde há do branco, do branco.
Revestindo espécies e montanhas.
Aqui as corolas de neve são negras como a noite
Ou serão claras como o mais claro sol?
Caminho... Sinto nos pés corpos vazios e secos,
Mãos abandonadas, crânios e cabeleiras inertes,
Fragmentos de navios e de marinheiros.
Nas estradas, colunas petrificadas desmoronam-se.
À medida que caminho. Mas, venço os obstáculos.
Só não sei a que latitude estou de Deus.
Onde está o sangue desses corpos? Onde estão os cérebros
Desses crânios? As velas dessas naus? A coragem desses
Marinheiros?
Adiante dos destroços humanos sinto uma leveza de anjo
Pousar-me no ombro e escutar essas palavras: aqui é a

Fronteira da vida com a morte. É inútil. Jamais encontrarás
A verdade. Contenta-te com a dúvida. Com a mentira.
Algum dia os caminhos não serão obscuros,
A sublime paz voltará à face da Terra e a verdade estará
Nas flores mais humildes nas estrelas mais pequeninas nos
Olhos mais descrentes nos corações mais desertos.
Algum dia os caminhos obscuros serão iluminados por
Uma grande luz.

CONGO

A Luís Maranhão Filho

Congo

No olhar humilde de tua gente humilde,
Ainda tremulam as últimas caravelas negras,
Que partiram e não voltaram.

Congo

No olhar humilde de tua gente humilde,
Ainda transparente,
O desespero das gerações sem nome,
Refletindo-se num rio de sangue.

Congo

O ritmo de tua música recorda ainda
A História negra de tua gente negra.
Ele semeia tristeza e colhe vingança.
Congo

A alma do teu povo,
É uma eterna fogueira, queimando esperança

ITINERÁRIO DO POETA

E o poeta partiria dentro de uma grande noite iluminada por estrelas amigas. Vieram amigos e abraçaram o poeta. Vieram ainda outros poetas e pediram ao poeta para não esquecê-los, Quando as tardes fossem belas e as estrelas vagabundas Começassem a descida vertiginosa nos becos enlameados de luz,

Lá no céu...

E o poeta partiu dentro de uma grande noite iluminada por Estrelas amigas. Amigos acenaram para o poeta. Outros balançaram

Lenços brancos no ar. E alguém que não era poeta nem poetisa

Sentiu um inesperado abraço interior, profundo...

E o poeta sorriu para todos e para todos acenou.

E penetrou pela primeira vez, na beleza grande do mar, Do mar misterioso e, durante seis dias e seis noites

O poeta

Não pôde cantar.

Preferiu viver intensamente aquele intenso poema Que tanto imaginava

O mar, o mar cheio de uivos estranhos,

De navios assassinos e de marinheiros malucos.

Naquela tremedeira angustiada, emocionante, sem fim...

Um dia o poeta chegou ao porto distante

Dentro de uma clara manhã de verão.
Dois amigos abraçaram o poeta, outros vieram
E pediram notícias das outras terras que eles também
pisaram,
Em outros tempos. E o poeta recebeu não se sabe de onde,
Um escudo e um dardo. O poeta vai lutar. Vai lutar.
A floresta é imensa e os animais são famintos.
Mas o poeta vai lutar... Vai lutar.
A floresta é imensa e os animais são famintos,
Mas o poeta vai lutar... Vai lutar.
Porque esse é o seu grande ideal.
E um dia, desta imensa floresta onde os homens se estraçalham,
Se rasgam e se picam por um pequenino lugar ao sol,
Ecoará um grito de vitória...
E depois ele partirá. Para onde, poeta? Para o sul, para o norte?
Para a África? Para a Oceania? Para as ilhas Karacantá?
Ah! Ninguém saberá, nem mesmo o poeta.

VERÍSSIMO RECITADOR DE POEMAS

Veríssimo era um grande apreciador da poesia do Rio Grande do Norte e do Brasil. Contudo, havia dois poetas, um em Natal e outro no Recife, que o fascinavam: em Natal, nosso vizinho da rua da Palha, Jorge Fernandes, e Ascenso Ferreira, o grandão do Recife, que vinha a Natal só para visitá-lo e sobre o qual Veríssimo escreveu dois trabalhos.

A mania por Ascenso era tão grande que decorou dois

dos seus poemas e recitava-os em casas de família, em bares e reuniões literárias. Eram eles “Os engenhos de minha terra” e “Oropa, França e Bahia”. Ao recitar o primeiro, se transformava, assumia uma nova personalidade quando começava.

“Os engenhos da minha terra, até os nomes fazem sonhar: Esperança, Estrela Dalva, Flor do Bosque, Bom Mirar”. Aqui, mudava a voz e, em um tipo de galope, completava: “Um trino... Um trinado, um tropel da trovoada. A tropa e os tropeiros trotando na estrada e exclamava: Valo! Êh, Andorinha! Êh, Ventania! Êh...”

Na parte cantada, na minha opinião, a mais bonita do poema, com sua voz rouquenta, entoava: “Meu alazão é mesmo bom sem conta!”. E eram versos em que se exigiam afinação e ritmo, o que ele possuía em excesso. Após esse canto, mudava a fala e falava como os negros no passado: “Bom dia, meu branco! Deus guarde sua senhoria, Capitão!”.

E voltava aos versos iniciais, emocionado, feliz, olhos brilhando, pensando no pesadão, Ascenso, de dois metros de altura.

Outro poema era a longa melopeia de “Oropa, França e Bahia”, que se transformava, mudava de semblante e de voz e, no final, terminava:

“As naus de Manuel Furtado que a escrava pedia a mais pichititinha...”, fechava o recitativo com o verso “Oropa, França e Bahia” e, várias vezes, deixava os circunstantes com os olhos cheios de lágrimas.

De Jorge Fernandes eram vários os que recitava, mas sempre começava com aquele que dizia “No meu tempo de menino a eletricidade vinha com a lua cheia...”.

POESIAS DE VERÍSSIMO INSPIRADAS EM QUADROS

Na década de 1940, quando morava com Vivi na casa de papai, resolvi colecionar quadros que vinham em revistas americanas – *Life*, *Time* e outras –, pensando em colocar um poema embaixo de cada quadro. Vivi viu a coisa e disse: “Prepare e eu escrevo um poema embaixo de cada quadro”. Gostei da ideia do mano e coleí várias paisagens no álbum. Imediatamente começou a trabalhar e, em pouco tempo, pude guardar os que se seguem:

Poema inspirado num castelo ao pé de um lago numa noite de luar

É bom escutar o silêncio da noite
O silêncio que se derrama das estrelas em lágrimas
frias,
O que desce em orvalho nos campos e nas cidades,
Que dá brilho às árvores e aos telhados,
E cerra as nossas pálpebras cansadas e sonolentas,
O silêncio da noite vigia e vela o nosso sono todas
As madrugadas, como um velho cão amigo, solitário
e manso.

Poema inspirado em paisagem de um rio, cercado de árvores ao crepúsculo que denominou

FIM DA TARDE

Agora toda a paisagem começa a se esvaír...
Tudo começa a se tornar difuso e indistinto.
O ar assume uma solenidade contagiante,
Uma grande calma invade os campos,
Espraia-se pelos vales e montanhas.
Uma grande calma invade também os nossos cére-
bros,
Os nossos corações.
E apesar da melancolia que esse momento provoca,
Todas as lembranças tristes, todas elas afloram,
Para se tornarem numa grande saudade suave,
Que é atenuada com a chegada das estrelas.
Crepúsculo – a grande hora do mundo.

Uma paisagem de caminho pedregoso inspirou esse

CAMINHO DE PEDRA

O caminho de pedra subindo... Subindo
Apertadinho entre duas cercas.
Vejam a carroça que vai voando,
O alazão estira o pescoço e engole as distâncias.
Quem mora na casa branca?
Uma árvore esguia, desgalhada, morrendo de frio,
Olha a paisagem no fim de tarde que se dilui
A noite de hoje será mais escura e mais negra do que nunca.

As vozes de homens e mulheres, há muito desaparecidas,
vazes
Tristonhas, penando, serão ouvidas esta noite pelos des-
campados.

Uma bucólica paisagem entre montanhas, igreji-
nha branca, casas e cerca, dois cavalos pastando, su-
geriu...

A CIGANINHA DE VERDE

Ele era manso e vivia como príncipe nestes prados...
Subia a montanha pela manhã
E perdia-se no mato à procura de pássaros e borboletas...
De noite, olhava as nuvens sobre as árvores, sobre os
caminhos.
Um dia, do alto, avistou um bando de ciganos, passando em
suas
Rudes carruagens.
Correu até o cercado e acenou para os artistas dos pobres,
As meninas lhe jogaram beijos,
E ele nunca mais esqueceu a ciganinha de verde,
Que olhou-o, demoradamente, cabelos compridos soltos ao
vento
Rosto meigo e sedutor.
Nunca mais a esqueceu, ainda hoje, na tarde longa e triste,
Ao ouvir rumor na estrada, vozes ao ar livre lhe vem
Sempre à memória a figurinha da cigana de verde.
Será que ela vem voltando?

CAPÍTULO 7

—◆—

**VERÍSSIMO
E ASCENSO
FERREIRA**

VERÍSSIMO E ASCENSO FERREIRA

Vivi tinha grande admiração pelo poeta Ascenso Ferreira. Não só pela poesia modernista, na qual, pela primeira vez, adicionou música às suas composições, como também pelo tipo físico, sua altura de 2,10 metros e tiradas humorísticas.

Ele, por sua vez, gostava e admirava Veríssimo, e vinha a Natal só para vê-lo, como me disse certa vez. De uma feita resolveu vir até aqui, telefonou, Vivi recebeu o aviso e foi esperá-lo em Parnamirim. Ele desceu do avião, segurando a aba do chapelão e, ao se deparar com Vivi, exclamou: “Veríssimo, já vi o telégrafo nacional funcionar”. Risos de Vivi.

De outra feita, veio conhecer a cidade, seus monumentos mais importantes e suas praias. Vivi mostrou tudo e Ascenso não demonstrava o entusiasmo que Vivi esperava. Vindos da Fortaleza, subiram uma ruazinha estreita que passava no Beco da Quarentena. Ao avistar a humilde artéria da cidade, Ascenso parou e disse: “O que é isso?”. Vivi, meio triste: “Esse é o Beco da Quarentena, o beco das putas pobres”. Ascenso então, arregalando os olhos, exclama: “Ah! Esse bequinho, sim!”.

Vindo a Natal vender o disco de seus poemas, cobrando um conto e quinhentos – que chamava *Mili-quim* –, pediu a ajuda de Vivi. Veríssimo levou-o aos amigos e ao comércio e ele vendeu grande quantidade dos discos. Lembrou-se do bispo e pediu uma apresentação para o nosso Dom Marcolino, que era amigo

do mano Vivi. “Pode ir lá e diga que eu o mandei”, disse Vivi. Ascenso foi e voltou logo. Vivi, então pergunta: “Então poeta, vendeu algum disco?”. E Ascenso, meio triste, respondeu: “Bisposinho sovina. Beijei-lhe o anel duas vezes e ele só na conversa”.

Em artigo publicado na Tribuna do Norte, em 7 de maio de 1995, Vivi escreveu: “Ascenso foi a figura mais impressionante entre os intelectuais”. Falou sobre amor, dinheiro e religião. Quando perguntado sobre o que fizera, respondeu: “Fiz admissão na Faculdade de Comércio do Recife e depois abandonei tudo”. Sobre as boas coisas da vida, filosofou: “As coisas boas da vida ou são ilegais ou imorais ou fazem mal à saúde”.

Escreveu apenas três livros: Catimbó (1927), Cana Caiana (1939) e Xenhenhém (1951). Cascudo e Mário de Andrade reconheceram sua importância na década de 1920, e depois vieram as críticas, no país e no exterior, que o consagraram.

Certa vez, assistindo ao lançamento de livro de Mauro Mota, em Natal, na Livraria de Walter Pereira, sentiu vontade de tomar rapé. O juiz Raimundo Morais, nosso colega de faculdade, tinha seu tabaqueiro no bolso. Ascenso tomou uma pitada, espirrou estrondosamente, assombrando os presentes, e exclamou: “Ah, agora afrouxou tudo”.

Um comerciante da cidade pediu-lhe pra fazer uma propaganda do sabonete Royal e veio essa quadra, em cima da bucha: “Vês essa moça que passa/cheirosa como um rosal?/É que no banho ela passa/seu sabonete Royal”.

De outra feita, no Grande Ponto, recitou para um grupo de amigos: “A vida é uma promissória/que tem Deus por avalista/Venceu?/Não há moratória/o pagamento é à vista”.

No Conselho de Cultura, quando presidente, sugerimos ao prefeito José Agripino Maia, uma rua com o nome de Ascenso Ferreira. Como argumento de nossa pretensão, ajuntamos o poema sobre Natal que havia escrito há poucos meses atrás:

Natal, teu nome é uma canção-de-berço,
Lembrando coisas que já longe vão:
– noites de festa, com Missa do Galo,
Reisados! Cheganças! “O Boi”! Pastorís...
Cosmoramas de vistas deslumbrantes,
Os cavalos de pau dos trivolis.

– Natal, teu nome é uma canção-de-berço,
Que desde menino amar aprendi!

Até que afinal te vim ver de perto!
Eu, que de tão longe já te conhecia
Por um lado todo emocional!...
Qualquer coisa como badalar de sinos!
Estudos da escola com outros meninos:
– “Rio Grande do Norte, capital Natal!”.

CAPÍTULO 8



**ALGUMAS
CARTAS,
ARTIGOS E
CRÔNICAS
DO BRASIL**

**CARTA PARA GETÚLIO DE ARAÚJO,
NOSSO CONTEMPORÂNEO, RESIDINDO
EM GOIÂNIA, GOIÁS:**

Natal, 27 de outubro de 1995:

Envia artigos, fala sobre a vida literária da cidade e anuncia, comunicando a entrega da Medalha Alberto Maranhão a diversos amigos, prometendo também oferecê-la em futuro próximo ao mesmo Getúlio. Avisa ainda envio de artigos sobre vários assuntos e termina com um abraço cordialíssimo.

Em 6 de junho de 1989, escreve para o jornalista Dr. Barroso Pontes, na Paraíba, nosso conterrâneo ali radicado:

Barroso:

Recebi os recortes de jornais com sua crítica sobre os meus trabalhos literários. Grato pelas referências amigas. Também li seu artigo sobre Adalberto Targino. Ele fez justiça ao seu trabalho intelectual e à sua bravura de homem público. Mando-lhe, em separado, dois recentes trabalhos meus: *Cartas de Ascendino Leite*.

Cordialmente, Veríssimo Melo.

CARTA DE NILO PEREIRA

Conta-lhe Nilo que os originais do seu último livro estavam perdidos. E, logo a seguir, acrescenta: “A rigor, nada se perdeu. Que é um livro meu? Nada. Perdeu-se apenas uma página de minha vida, mas o que é uma vida senão uma página em branco? Vivi acrescenta: “Um livro de Nilo Pereira, ao contrário do que ele diz, modestamente, é sempre uma página de ouro bom e eterno do espírito.

CARTA DE ASCENDINO LEITE, POETA PARAIBANO

Ascendino Leite, na opinião de Veríssimo, tinha a letra mais bonita que ele conhecia. Comunica-lhe que recebeu os discursos de Nilo Pereira e Mário Moacyr Porto proferidos na nossa Academia. Que leu logo e gostou muito. E se queixa da sua distância da província, sem acesso às coisas boas e aos acontecimentos que merecem ser melhor programados.

Tempos depois, Vivi enviou carta a Autran Dourado em que dizia que raramente a Academia Brasileira produziu peças iguais. A Norte-Riograndense não tem esse privilégio, e a ressonância acaba aqui mesmo sem acesso à grande acústica nacional, para que o país saiba o que se faz por aqui e como se eterniza.

TRECHOS DE CARTAS DE VIVI PARA MIM QUANDO ESTUDANTE NO RIO DE JANEIRO, NA DÉCADA DE 1940

Vivi tinha certa admiração por mim, pelos meus sucessos nos palcos de Natal, nas festas da Rádio Poti, meus estudos de inglês, enfim, eu sentia que era uma espécie de pequeno ídolo para ele, muito mais moço do que ele.

Em 29 de abril de 1940, chamando-me de Tatá, apelido de casa, abria assim sua carta: “Anteontem recebi carta sua. Tudo ok. Logo que receba as granas, providenciarei quanto à revista *Life*. Vou ouvir hoje, na cidade disco dos irmãos Mills, o grande conjunto musical americano. Não fique maluco por não poder vê-los. A vida tem dessas coisas. Amanhã você os verá. Parece que eu quero lhe conformar. Não é isso. É que eu tenho pena de você não poder ouvi-los. Sempre perguntam por você aqui, e quando digo que você é Promotor de Justiça, a turma fica de boca aberta... é só.

Numa das cartas de abril de 1940, reclama minha falta de notícias e diz:

Estou chegando agora mesmo do Colégio Universitário.

Inda nem mudei de roupa. Mas não faço como você que para responder uma carta minha passa bem um ano... Olhe essa safadeza! Você já esteve fora de casa e sabe quanto é bom receber carta daí.

Li seu teco de carta, nesse momento. Fiquei muito satisfeito com as notícias, que eu não sei escrever in-

glês, mas vai assim mesmo. Então recebeu o retrato da NBC? Boa! Boa! Quando chegar aí, quero ver tudo isso diferente, inclusive a biblioteca.

Sim, eu vi na biblioteca aqui, da Associação Potiguar, que falava de você, numa festa de Microfone, e que foi aplaudidíssimo! Continue honrando as tradições “Mélicas”.

Aliás, isso que estou dizendo é quase uma tolice porque sendo irmão de Veríssimo Melo, o “tal”, ora, ora... Parabéns!

Escute: quero ouvir daqui sua voz na futura rádio. Tenho certeza que vai “abafar”. Porque não é sopa não. Você canta fox como poucos brasileiros. Tirei essa conclusão outro dia numa festa da Associação. Um cara metido a cantor de fox se apresentou no palco. Nunca vi uma merda tão grande! A bossa do homem não tinha nada de bossa, tinha mais bosta. Uma água rapaz... sabe? Só se vendo e, no entanto, pediram bis. Aqui no Rio cantam samba de fato. Só samba e acabou-se a história.

Veríssimo, assim como eu, gostava muito de cinema e sempre com as mesmas preferências de artistas e tipos de filmes. Ele não deixava de me comunicar as novidades e os bons filmes nas telas do Rio de Janeiro. Veja-se esse trecho de carta datada de 21 de outubro de 1941:

Assisti sábado passado um bom filme: *Somos todos irmãos*, com Mickey Rooney e Spencer Tracy. Prepare-se para aprender umas gírias gozadíssimas. Um amigo de Mickey tem um cachorro chamado, mais ou menos, a memória está falha – Bohunk –, e a pronún-

cia é mais ou menos “Borkok”, que quer dizer “gaiato”. Tenho certeza de que vai gostar.

Uma coisa aqui: Você agradeceu a remessa da revista americana pediu que mandasse sempre. Isso eu gostaria de fazer. Entretanto, o preço dessas revistas é muito caro. Mas, sempre que puder, vou enviando. Diga a papai que, até segunda ordem, pode escrever para a rua Correa Dutra. E diga a ele que não se admire não. Beethoven, durante 40 anos que passou em Viena, se não me falha a memória, mudou-se 44 vezes...

Veríssimo, com seu espírito bonachão, às vezes dava uma de zangado. Veja-se o que diz em relação a um natalense que foi morar com eles na mesma pensão:

Estou morrendo intelectualmente, dia a dia, morando com uma gentalha dessa. Eu, um espírito superadamente grego, vivendo entre tipos pedestres. É horrível! Seria o mesmo que condenar Aristóteles a viver no mesmo quarto com Jeca Tatu. Quero me referir a esse vacuníssimo poeta M. M.

Não posso compreender como uma terra tão fértil como a nossa, que já deu um V. M. e suficiente, tenha medrado um tão vil espírito! Não... sinto que estou me aniquilando. Ontem fui a um baile. Menino, nunca tinha visto gente tão feia.

Lembranças aos nossos amigos e a todos aí, inclusive aos mortos. Quero ver se ainda falta alguém! Porque você não traduz, com todo o cuidado, aquele livro de Walt Whitman, que lhe dei? Você prestaria um serviço enorme à literatura nacional. Pense bem nisso. Uma tradução bem-feita, vale tanto como uma criação.

EUCLIDES E ROSA, GÊNIOS DO SERTÃO

**Veríssimo de Melo –
Palestra no Conselho Estadual de Cultura**

Paulo Dantas, escritor sergipano, em São Paulo desde sua mocidade, publica fascinante ensaio: “Euclides da Cunha e Guimarães Rosa – através dos sertões”. (Massao Ohno Editor, São Paulo).

Apaixonado pela saga de Canudos, conhecendo a obra de Euclides em profundidade, Paulo Dantas foi amigo pessoal de Guimarães Rosa e também lhe conhece a obra na sua essência.

Pelo que se sabe, há muitos anos, Paulo Dantas sonhava com ensaio abrangente sobre a obra máxima de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, e a de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*. E o livro agora vem a público, respaldado por uma carta do crítico Antonio Candido, à guisa de prefácio.

Em suma, Paulo Dantas levanta uma série de paralelismos entre as duas obras, mostrando convergências e divergências entre Euclides e Guimarães Rosa, o que torna o livro interessante, pelos achados enriquecedores que se contêm entre os dois autores.

Sobre a mesma temática – os sertões brasileiros –, as análises e interpretações dos dois grandes autores, por assim dizer, se completam: Euclides cientista, historiador, geógrafo; ao passo que Rosa criador, ficcionista, mais preocupado com o homem sertanejo – sua filosofia de vida, sua luta dura e tantas vezes inglória.

Vejam estas considerações de Paulo Dantas: “O livro de Euclides é de ciência, já o de Rosa é de magia. Euclides se coloca diante de fatos concretos, já Rosa, de fatos abstratos, imaginários. Um olha a terra como topógrafo, como engenheiro social; o outro está por trás do instrumento, medindo os acidentes geográficos. Já Rosa nem a terra olha; sente as suas vibrações no bater de Riobaldo, uma criatura nascida da imaginação em delírio”.

Adiante, Paulo Dantas volta a frisar o ponto de vista de sua abordagem: “Os processos usados por Rosa são diversos dos de Euclides, que partiu comprometido com a verdade; enquanto Rosa, com a imaginação. Um é romancista; o outro é historiador. Ambos grandes, geniais, a começar pela linguagem, pelo estilo. Claro que o campo de Rosa é mais vasto, mais livre, permitindo-lhe maiores voos no aprofundamento subjetivo do sertão”.

Admiramos neste volume de cento e poucas páginas de Paulo Dantas, ao lado do conhecimento adentrado que tem das obras e dos dois autores, o tom de modéstia com que se refere ao seu próprio ensaio. Virtude de escritor autêntico e digno de crédito.

Vejam esta sua declaração: “Isto não é um trabalho de literatura comparada, mas uma pesquisa de emoções achadas porque, em ambos, os sertões são emocionantes. Em Euclides eles gritam: em Rosa eles uivam”.

Ressalte-se ainda o episódio que Paulo Dantas narra de sua convivência com Guimarães Rosa. Uma tarde o encontrou no Itamaraty carregando uma cruz pelos corredores, cantando um terço pardo. Estava comple-

tamente fora de si. Chorava e rezava. Cheio de humildade e pena de si mesmo.

“Quem diria que Rosa, aquele gigantão de imensa cultura, era tão obsessivo e temente a Deus?”. São revelações como essa que Paulo Dantas faz em seu belo livro. Uma obra revalorizada de Euclides e de Rosa e que convida a releitura dos dois gênios da nossa cultura imortal.

AMOR AOS PRESÉPIOS A ÁRVORE DE NATAL

Veríssimo de Melo

Nenhuma tradição cristã e latina é mais tocante e significativa para os brasileiros do que o presépio familiar, armado durante o Natal, numa singela homenagem ao nascimento de Jesus.

Guardo da casa do meu avô, na infância, recordação viva e perene do presépio que todos os anos lá armavam. Aquilo, para os meus olhos de criança, era um mundo maravilhoso de sugestões.

Ficava horas e horas a contemplá-lo, com suas montanhas de pedras. A estrela anunciadora no alto, os santos e as figurações tradicionais, uma infinidade de ornatos pitorescos, como aquele espelho na areia, imitando um lago e sobre o qual boiavam patos coloridos. A organização do presépio, com tantas figuras, tantos enfeites, tanto trabalho, já era uma festa. Todos ajudavam, trazendo isso ou aquilo, para que nada fal-

tasse à miniatura da natividade. Depois do presépio da casa do meu avô, vi somente outro, na infância, que me impressionou bastante. Foi aquele da casa de dona Bela – uma cidade, em ponto pequeno, e que ainda no ano passado, soube por pessoas de minha família, havia sido armado mais uma vez, com o mesmo carinho de sempre.

É muito triste que a tradição do presépio, pelo que estou informado, tende a desaparecer nesta cidade. Chefes de famílias, por ignorância e sem qualquer exame do mal que praticam, estão introduzindo em suas residências, em lugar do encanto natural do presépio, tradições outras de origem pagã e ariana, como a chamada “árvore de Natal” ou o “Papai Noel”, de trajes nórdicos, apesar do nosso calor tropical.

Esse espírito de servilismo de muitos patrícios nossos, que desprezam as verdadeiras e puras tradições latinas, por outras de procedência europeia, precisa ser combatido enquanto é tempo, através de uma campanha ampla de esclarecimento à população pela imprensa, rádio e outros meios de difusão.

Nenhum povo merece respeito se abandona as suas tradições e as substitui por modelos estrangeiros. A “árvore de Natal” e o “Papai Noel” são verdadeiros atentados à nossa dignidade nacional. Precisamos defender o presépio contra essa invasão da dignidade nacional. Precisamos defender o presépio contra essa invasão de ídolos pagãos arianos.

Um dentista alemão Carlos Frederico Von Martius, visitando, em 1817, a pequena Vila de Nossa Senhora

do Bom Sucesso, em Pindamonhangaba-SP, deslumbrou-se diante de um presépio, admirando-se como num recanto pobre e modesto como aquele, situado na solidão de um caminho pouco transitado, houvesse tanta poesia e tanto carinho na maneira como se homenageava aquele grande dia.

Von Martius, estrangeiro, sentira uma grande emoção ao encontrar uma tradição cristã genuinamente nossa, porque é de origem latina, tivesse ele encontrado uma “árvore de Natal”, tradição de seu povo, outra teria sido a impressão, para não dizer decepção, em virtude, naturalmente, das ricas árvores que vira em sua pátria, na Alemanha. Isso foi em 1817. Se Von Martius fosse vivo e voltasse ao Brasil, teria a mesma e desoladora impressão de que estou possuído, vendo as tradições realmente brasileiras serem substituídas por outras alemãs ou russas.

E disse o tradutor de Martius, o sr. Amaral Gurgel, nas alturas de 1938, em defesa das nossas tradições: “infelizmente, o modernismo de mau gosto, desprezando o que é nosso, substituiu a beleza típica do presépio pelo prosaísmo da ‘árvore de Natal’”.

No ano passado, Alceu Maynard Araújo iniciou em São Paulo uma proveitosa campanha pela imprensa em favor do presépio. Secundando a sua respeitosa opinião, escrevi artigos em jornais desta cidade, de Recife e de São Paulo, defendendo a mesma causa honrosa, isto é, a valorização do presépio.

Todavia, estou certo que “uma andorinha só não faz verão”, e que só tem resultado prático a campanha

que tiver o patrocínio de unanimidade dos tradicionalistas brasileiros, com a cooperação dos homens de boa vontade.

Quanto à “árvore de Natal”, indispensável nas residências dos ricos e ignorantes, estou certo de que só será destruída por meio de uma campanha de ridículo constante e sem trêguas.

O ilustre etnólogo português, sr. Armando de Mattos, publicou recentemente no Boletim Douro Litoral, nº IX, da 3ª série, uma oportuna conferência que pronunciou no Porto, sobre o presépio na etnografia portuguesa e que teve o ensejo de defender idêntico ponto de vista com palavras incisivas que merecem divulgação.

Referindo-se ao fato de que o presépio, nos grandes centros, tem sido prejudicado pela difusão de elementos estranhos à raça portuguesa, escreve o sr. Armando de Mattos: “Esses elementos estranhos, a que me refiro, estão, a saber, são a ‘árvore de Natal’ e a figura barbuda de ‘Papai Noel’, vestido de encarnado e por figurino russo”. Foram estes os agentes que prejudicaram o Natal português por dezenas de anos. E como medida saneadora dos bons costumes lusitanos, acrescenta o sr. Armando de Mattos: “é hoje o movimento de expulsão nos lares portugueses da ‘árvore de Natal’ e do limpa-chaminés. Nota-se um grande desvanecimento daqueles que têm ainda a felicidade de acreditar nas virtudes e qualidades de nossa gente, dos nossos costumes, da nossa alma portuguesa”.

E é assim que falam e escrevem os homens cultos em Portugal. Nós, brasileiros, irmãos pelo sangue e pela

origem latina dos portugueses, precisamos também expulsar de nossas casas esses fantoches nórdicos, restituindo ao presépio humilde e cheio de tantas evocações o lugar destacado que ele conquistou, por direito, nos lares e no coração dos brasileiros.

JOÃOZINHO

CRÔNICA ESCRITA EM MAIO DE 1959 - ACONTECIMENTOS DA CIDADE

Veríssimo de Melo

Mais de dez pessoas amigas me pediram que registrasse nesta coluna o surpreendente falecimento de Joãozinho.

Joãozinho, para falar a verdade, era de seus 70 a 80 centímetros. Cobrador de linha de ônibus “Circular”, que ligam Tirol, Petrópolis e Cidade Alta; rapidamente se popularizou pelas suas virtudes e principalmente pelo seu tamanho.

Todos o conheciam e muitos se divertiam com suas atitudes, gestos e declarações.

Sabia tratar bem os passageiros e não tinha o feio habito de cobrar mais de uma vez a ninguém, como é costume de alguns rapazes chatos que ainda trabalham naquela linha de ônibus.

Não sei de onde veio o Joãozinho. Apareceu um dia na linha “Circular” e se identificou logo com todos,

principalmente com seus companheiros de trabalho, motoristas e outros cobradores que se divertiam muito com suas piadas e chistes. Contaram-me que Joãozinho tinha, parece, 28 anos – embora não aparentasse mais de 8 pelo tamanho.

Nas horas vagas, sabe-se que tomava seus pileques. E o melhor é que ficava brabo, dizia que era homem, que topava qualquer parada, mas todo mundo ria porque, em verdade, Joãozinho não era nada.

De um dia para outro, a notícia correu célebre pela cidade: Joãozinho morrerá. Comentava-se que tivera alguma coisa no coração e não resistira à crise.

Eu evito, por todos os meios, escrever sobre mortos. Entretanto, em jornal não se escreve apenas sobre o que se gosta. E eu não gostei da morte de Joãozinho, que bem merecia vida maior do que o tamanho que Deus lhe deu.

DOIS MESTRES

Ensinou-me a experiência que não devo me aproximar muito, cimentar amizades com pessoas que vêm a Natal prestar serviços por tempo determinado, porque, quando menos se espera, elas anunciam friamente: “infelizmente, temos que deixá-lo em breve. Fomos transferidos para outro estado”.

Se a pessoa é insensível, incolor e insípida, a comunicação é recebida indiferentemente, e tudo passa. Há mesmo quem diga: “Já vai tarde!”.

Nós, natalenses, entretanto não somos assim. Às vezes não apenas lamentamos a falta de bons amigos ou mestres estrangeiros, mas quase sempre sofremos com sua ausência.

E como eu não gosto de sofrer, resolvi adotar uma filosofia em relação a essas pessoas que estão em nossa cidade transitoriamente: tratar a todos muito bem, mas procurando conservar sempre distância respeitável, a tal ponto que não venha a sofrer quando receber a notícia fatal que o amigo vai partir.

Agora mesmo, por exemplo, dois grandes professores estrangeiros, Wayne Taylor e Alexandre Roche, estão de malas arrumadas. Vão embora transferidos que foram para outros estados.

O professor Alexandre Roche fundou aqui a Aliança Francesa. O professor Taylor a Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.

Duas instituições da maior importância cultural da província. Ambos deveriam ser considerados cidadãos natalenses por terem emprestado um pouco de sua inteligência e capacidade de trabalho a uma obra de cultura realmente significativa para nossa terra.

Lamento a partida desses dois mestres, com os quais tive breve contato, mas suficiente para aquilatar a cultura magnífica, método de ensino eficiente e, acima de tudo, as suas virtudes como pessoas distintas na sociedade, prestigiando iniciativas com suas presenças e integrando-se, simpaticamente, à nossa vida provinciana.

Lamento, como disse, a saída desses dois bons amigos. Mas já não vou sofrer. Todavia, sei que muita

gente sofrerá. E com razão. Eles foram dignos da nossa estima e admiração.

CAÇADORES DE CABEÇAS DO AMAZONAS

Veríssimo de Melo

Desde que vi uma cabeça mumificada de um índio do tamanho de uma laranja, senti extrema curiosidade para conhecer o processo indígena de redução do crânio humano e a finalidade desse estranho troféu.

Das muitas leituras sobre o assunto, guardava apenas observações do livro *Índios do Brasil*, de Lima Figueiredo. Livro sobre o qual as críticas de Alfred Métraux e de Herbert Baldus fazem séria restrição, apontando-o como: “compilação confusa, pois mistura sem critério, dados dignos de fé e dados errados de autores antigos e modernos, não indicando lugar, nem fonte de observação”.

De qualquer forma, eis o que sabia sobre cabeças mumificadas: estudando índios mundurucus (tupi), que habitam a margem do Tapajós, no Amazonas, Lima Figueiredo assinalou ali mumificação de cabeças humanas chamadas pariuá-á. Após os combates, os mundurucus decepavam as cabeças dos inimigos, enfiando uma vara pela boca até o pescoço, para poder transportá-las. Quanto ao processo de mumificação, adiantou apenas que arrancavam os dentes dos vencidos. Faziam extração dos olhos e ossos, reviran-

do a cabeça pelo avesso, e raspavam o que sobrava com a faca de taquara, embebendo o crânio em óleo de andiroba. Em seguida, recomposta a cabeça, colocavam-na num moquém para secar. Então a cabeça vai se contraindo e o enchimento vai sendo retirado aos poucos.

Um longo cordão é atravessado do alto da cabeça até o pescoço para transportá-la e cosem os beijos, deixando os fios pendurados. A fumaça deixa a cabeça negra e a sua redução atinge as proporções das de um macaco comum. Danças e rituais acompanham as diversas fases da mumificação das cabeças.

O sr. Lima Figueiredo, sem indicar fontes, faz também referências ao processo usado pelos índios peruanos, em que surgem outros detalhes como “areia quente”, a maneira de enchimento e a prática de engomar a cabeça com pedras lisas e aquecidas.

Recentemente, em São Paulo, encontrei uma tradução portuguesa da obra de F. W. de Graff, intitulada *Os caçadores de cabeça do Amazonas* (Clássica Editora, 3ª edição, Porto, 1958). Nenhuma referência conhecia anteriormente o autor, não tendo, assim, elementos nem para garantir, nem para negar a autenticidade do depoimento, que falem sobre o assunto os nossos mestres da etnologia. De qualquer maneira, pareceu-me um relato impressionante sobre os “caçadores de cabeça” e o processo que o autor descreve coincide exatamente com os pormenores já mencionados.

Daí porque acolhi a observação. F. W. de Graff relata suas observações nas selvas da América equato-

rial, em busca de ouro e borracha, e os vários contatos que teve com índios. É particularmente interessante para o tema em foco o seu encontro com jivaros nas fronteiras do Peru e do Equador.

Não sendo etnólogo, de Graff vai descrevendo o que viu sem qualquer método de exposição. De modo que suas informações sobre os jivaros estão espalhadas fragmentariamente, o que torna difícil um trabalho de síntese sobre esses índios ao longo dos vários capítulos a eles dedicados.

Pelo que se registra à página 277, entende-se que os jivaros constituem quatro tribos, com a mesma língua, costumes, métodos de pesca, tecelagem, etc. Lutas intestinas teriam separado as tribos, substituindo rancor mortal entre os irmãos inimigos. Em seus combates, os vencedores sempre exibiam seus troféus de vitória, as cabeças dos vencidos, guardando o processo de mumificação como segredo da tribo. Só em raríssimas circunstâncias um europeu poderia assistir as diversas fases desse ritual bárbaro. Por isso, diz de Graff, que a sua descrição dos caçadores de cabeças é a primeira e única de um fato que tem sido muito contado, mas do qual na realidade pouco se sabe.

Após o assalto, mortos e feridos permaneciam na aldeia. Os jivaros precipitavam-se sobre eles para se apoderarem dos despojos: as cabeças dos vencidos. Munidos de machado de pedra, facas de bambu, conchas bem afiadas e outros instrumentos, indo de corpo a corpo, colhendo cabeças.

Não faziam distinção de sexo nessa colheita macabra.

De Graff assistiu eles se apoderarem da cabeça de uma mulher, huambisa, que fora encontrada ferida: “Enquanto um deles a sustentava no solo, outro segurava a cabeça e um terceiro golpeava o pescoço com um machado de pedra”. “Por último, pediram-me emprestado um machado de pedra para cortar os derradeiros filamentos”.

Era um espetáculo terrível. “Prosseguiu a pilhagem total das choças, incendiadas depois”.

Um dos grupos atacantes trazia de volta nada menos do que nove cabeças. Foram alinhadas na areia da praia de face para o mar. Guerreiros, alternadamente, assentavam-se em cima de todas as cabeças. Após isso, dois feiticeiros sopravam suco de tabaco que vinham mascando, nas narinas dos índios, o que constituía espécie de antídoto contra o veneno do feiticeiro adverso.

Dou aqui a palavra de Graff para narrar uma das fases da preparação das cabeças: “Abriram nas cabeças uma risca no meio da testa à nuca, e fenderam a pele ao longo da risca; depois, puxando os dois lábios do corte, despregaram a pele do crânio como se fossem descascar uma laranja. Ao chegarem aos olhos, orelhas e nariz, praticaram algumas incisões, mas absolutamente desnudo, à exceção dos olhos e da língua. A cabeça desossada formava uma espécie de saco de pele e carne, cuja fenda maior foi cosida com o auxílio de uma agulha de bambu e fibras de folha de palmeira

– a chambira –, que substitui o cordel. Os lábios foram atravessados por três lascas finas de bambu, sobre as quais se cruzaram algumas folhas de fibras de algodão, assegurando uma tapadura hermética da boca, donde aqueles fios pendiam em longas franjas”.

As cabeças foram colocadas em enormes potes de barro, em cujo interior já havia água do rio. Quando a água começou a ferver, as cabeças foram sendo retiradas, voltando depois ao fogo, até ficarem reduzidas a um terço do tamanho normal. Lançados os potes ao rio, atearam as fogueiras para aquecer a areia. Por um instante, os selvagens desapareceram com as cabeças. Havendo um conciliábulo entre eles, seguiu-se uma dança com urros, estando os crânios espetados em lanças fixas no solo.

Encheram depois as cabeças com areia quente, através do pescoço e começaram a “engomá-las com lajes também aquecidas, as quais eram forradas com folhas de palmeira. Isso se repete durante 48 horas, a fim de que a pele das cabeças fique lisa e dura como couro.

“Já agora as cabeças estão do tamanho de uma laranja”, acrescenta de Graff. A semelhança dos traços fisionômicos da cabeça reduzida com os traços da primitiva é atestada nessa passagem do autor: “Cada traço, cada cabelo, cada cicatriz é conservada intacta e, até por vezes, as expressões fisionômicas não desaparecem por completo”. Até os momentos finais das danças da vitória, as cabeças conservam-se no fumo, para evitar sua destruição pelos insetos.

Vimos assim o processo de mumificação dos jivaros.

Quanto à sua finalidade, creio que as palavras, a seguir, de de Graff, esclarecem bem o assunto: “As cabeças reduzidas são para os jivaros o que o escalpo é para os peles vermelhas do norte ou a bandeira tomada ao inimigo pelo soldado civilizado. Na verdade, essas cabeças mumificadas, verdadeiras joias nos museus ou coleções particulares de objetos indígenas, são verdadeiras riquezas, e vendidas hoje a peso de ouro nos bazares do Amazonas.

A CONFEITARIA DELÍCIA E O CAFÉ MAJESTIC

A República, 23 de junho de 1985

Veríssimo de Melo

O título do livro de José Alexandre Garcia, *Ascendências e tipos da Confeitaria Delícia* (Edição Lima, Natal, 1985), sugere algo bastante acanhado: o ambiente de uma confeitaria chamada “Delícia” em verdade trata-se de um pequeno mundo. Um microcosmo em algum ponto do bairro da Ribeira, em Natal. Todavia, nenhum lugar é mais agudamente representativo para seu poderoso espírito de observação, para fixar figuras, casos e anedotas do cotidiano natalense.

A Confeitaria Delícia, do português Olívio Domingos da Silva, abriu suas portas em pleno *boom* da última guerra. Um instante de efervescência na vida comer-

cial e social da cidade. Por ali, passaram para tomar um *drink* legiões de soldados americanos em trânsito, personalidades de outros continentes, artistas de cinema, além de vendedores ambulantes, judeus, engraxates, bêbados, mocinhas à procura de programas, toda uma fauna estranha e diversificada que a guerra e o dólar deflagraram.

Ao lado desse surto temporário de viajantes, também ali passaram diariamente, para se abastecerem de compras e beber suas cervejas, comerciantes do bairro, auxiliares do comércio, viajantes, funcionários públicos e boêmios de todos os matizes. Desde mestre Câmara Cascudo, eventualmente, até outras figuras da categoria de Newton Navarro, Bartolomeu Fagundes, Francisco Pignataro, Roberto Freire, Luís de Barros, a tropa da Recebedoria de Rendas, Mozart Silva e outros.

Sob o teto da “Delícia”, gregos e troianos confraternizavam diariamente. Talvez pela exiguidade de espaço no bar, a conversa era generalizada de mesa em mesa, surgindo comentários e piadas incríveis. Na falta de assunto, o português Olívio era o prato predileto de quase todos os boêmios.

José Alexandre Garcia vivenciou tudo ou quase tudo que narra no seu livro. Não só ouviu dizer muitas passagens curiosas da vida de tantas figuras humanas, mas ele foi testemunha da história. Tomando sua cerveja, observava os presentes e anotava suas histórias e piadas, tudo registrando com fidelidade de cientista social.

Não há dúvida que essas crônicas de aspectos vivos da cidade são importantes para uma compreensão maior da psicologia do natalense.

A vivência dos bares, restaurantes, botecos tem também sua significação sociológica e antropológica inegáveis. São flagrantes de momentos da cidade e, nesse sentido, enriquecem a memória da comunidade, escrevendo em estilo coloquial, simples e agradável. A prosa de Alexandre Garcia foi recebida com aplausos gerais, tanto assim que o autor já anuncia uma segunda edição de sua obra a *Confeitaria Delícia*. Ressurge nesse livro de Alexandre Garcia, com significação semelhante ao que representou na década de 1930, o famoso Café Majestic. Era também um pequeno mundo, numa esquina da rua Ulisses Caldas, onde numa tarde gloriosa, apareceu para conhecer e abraçar Jorge Fernandes, o não menos notável poeta Manuel Bandeira. Ali também esteve, tempos depois, o grande antropólogo, Mário de Andrade, para abraçar Cascudo, no restaurante do Café.

ACONTECIMENTOS DA CIDADE

Veríssimo de Melo

Disco voador

Voltaram ao noticiário nacional e internacional os depoimentos em torno da propalada existência dos discos voadores. Apesar do sensacionalismo que se tem

feito em torno do fato, não se pode desprezar o testemunho de pessoas idôneas de Natal que, com convicção e seriedade, relatam o aparecimento do estranho fenômeno nos céus, que se convencionou chamar de “discos voadores”.

Agora mesmo estamos diante de um depoimento no qual não ponho dúvida quanto à sua honestidade. Trata-se de fenômeno observado pelo sr. Francisco de Paula Cavalcante, comerciante, ex-gerente da firma Luiz Cavalcante, juntamente com o popular jogador de futebol natalense, Dinarte Xavier Soares e outras pessoas.

Estive ontem com o sr. Francisco de Paula Cavalcante que me contou a sua história com naturalidade e convicção.

Viajavam os dois com destino ao Recife, Francisco de Paula Cavalcante e Dinarte Xavier Soares. Cerca de uma hora da manhã, nem dois quilômetros de Canguaretama, os veículos pararam subitamente. Acharo estranho o fato, pela coincidência dos dois carros pararem ao mesmo tempo, aqueles cidadãos saltaram e procuraram examinar o que se passava com os motores dos veículos. Chovia nessa altura, e eles trataram de empurrar um dos carros para um telheiro próximo.

Já nesse momento observaram uma luz fluorescente, algumas léguas adiante, um clarão dentro do mato. A princípio pensaram tratar-se da cidade de Canguaretama. Todavia, o clarão, já perto de três e vinte da manhã, modificou sua luminosidade, passando a uma cor alaranjada. Observavam e comentavam o fato, quando repentinamente, sem fumaça e sem ruído, ergueu-se

do chão um grande objeto luminoso, em tudo semelhante ao disco voador que aparece nas fotografias e ilustrações, e, dentro de poucos segundos, subiu em sentido vertical com velocidade imensa, desaparecendo em seguida.

Confessa o sr. Francisco de Paiva Cavalcante que viu uma luz na cúpula do disco. Procurou informar-se de algum navio próximo à praia de Canguaretama, mas não obteve confirmação. Depois disso, os carros voltaram a funcionar e a viagem prosseguiu sem interrupções.

Conhecendo o sr. Francisco de Paiva Cavalcante de Paula, e sabendo tratar-se de um cidadão idôneo, creio na sua história. Pode não ter sido um disco voador o que viu dentro da noite, mas em direção vertical a uma velocidade fantástica. De tudo eu certifico e dou fé.

O RADIALISTA E ESCRITOR FONTENELLE

Veríssimo de Melo

Na chamada “Era de Ouro” da Rádio Poti – idos de 1950 –, surge em Natal um jovem locutor de muito talento: Geraldo Fontenelle. Todos os seus antigos companheiros atestam a sua competência profissional e virtudes de cidadão.

Relembramos hoje – nessa antecipação de entrevista – o escritor e jornalista Geraldo Fontenelle, que

trabalha em Fortaleza (CE) há mais de 20 anos, dirigindo estação de rádio e com brilhante atuação na vida literária da cidade.

Geraldo nasceu no Piauí, a 28 de maio de 1934. Quem o convidou para vir trabalhar em Natal foi o Dr. João Calmon, diretor dos *Diários Associados*, após assistir uma peça teatral de sua autoria em Teresina.

Em Natal, seu amigo foi o saudoso Genar Wanderley, que o informou sobre a cidade e os amigos.

Morando, a princípio, no que chamava “a ladeira dos burros”, em Petrópolis, perto da Rádio Poti, Geraldo frequentava assiduamente o “Grande Ponto”, à noite.

Ali fez vários amigos, entre os quais Woden Madruga, Meira Pires, Coriolano Medeiros, Iedo Wanderley, Paulo Macedo, Felinto Rodrigues e outros.

Adiante-se que Geraldo, que considerava Natal sua segunda pátria – casou nesta cidade, onde nasceu seu filho –, colaborou no *Diário de Natal*, como repórter e articulista, ao mesmo tempo em que exercia funções de locutor e produtor da Rádio Poti. Em Fortaleza, onde trabalha na Rádio Clube Ceará, dirige o mensário literário *Notícias Culturais*, com repercussão em todo Nordeste. Publicou os livros *Notas do caderno de um repórter* (1983); *As estrelas brilham também durante o dia* (1984); *O porto cinzento* (1987); *Ideias, ação e atualização* (1988); *Os castiçais dos mortos* (1998); além de plaquetes. É membro da Academia Cearense de Letras, sendo atualmente seu vice-presidente.

Os poetas cearenses que mais admira são Artur Eduardo Benevides, Francisco Carvalho e José Alcides

Pinto. Entre os escritores cita Rachel de Queiroz e Clímaco Bezerra.

Ao indagarmos se era devoto de Padre Cícero, respondeu-nos: “Quem no Ceará não veste a camisa do Padrinho?”. Conheceu Cascudo, logo que chegou a Natal, dizendo-nos que logo que o viu sentiu que estava em presença de um sábio.

Para o próximo século tem um sonho: visitar Natal – cidade que muito ama – mas acrescenta: “Não pra trabalhar, mas para ficar de pernas para o ar, lembrando a cidade que os anos carregaram...”.

ASCENDINO ALMEIDA E OS HÍFENS

Veríssimo de Melo

O professor Ascendino Almeida é a vítima do Acordo Ortográfico Parcial em andamento, que envolve o Brasil, Portugal e mais países de língua portuguesa. Tudo por causa dos hífens.

Durante anos trabalhando de manhã até à noite, o professor Ascendino estava concluindo um dicionário de palavras hifenizadas. Palavras e expressões compostas, ligadas por um traço de união.

Já havia interesse por parte da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em editar o dicionário do professor natalense. O autor revia os últimos verbetes e a introdução para remeter os originais ao diretor mineiro. Semana passada, recebemos carta do editor Pedro

Paulo Moreira. Entre outras coisas ele afirmava: “O dicionário daquele seu amigo, professor Ascendino Almeida já não tem mais chance de publicação. Com a reforma ortográfica proposta, não há mais interesse em editá-lo. Acabou-se o hífen. Embora lamentando o fato, transmitimos a triste notícia ao professor Ascendino. A princípio ele não quis acreditar. Pensava que o telefone estivesse com defeito, truncando as palavras. Só depois entendeu o grande prejuízo que representava para ele a informação. Do outro lado da linha Ascendino ainda perguntava: “Mas será que eu perdi o trabalho de longos anos?”.

Dias depois, encontrando-o na rua, já estava consciente do desastre que significou para ele a reforma ortográfica parcial em andamento.

O dicionário de palavras hifenizadas iria proporcionar imensa ajuda a todos que escrevem. É assunto dos mais complexos da nossa amada língua portuguesa.

Quem não se lembra das dificuldades de grafar palavras compostas, tais como guardas-marinhas e tantas outras? Além do mais, seria um dicionário absolutamente original. Não temos notícia de outro semelhante na língua portuguesa.

Nem mesmo nosso amigo, Átila de Almeida, que reúne em sua biblioteca cerca de dois mil dicionários e vocabulários afins, possui algo semelhante.

“E agora, José?”, terá dito o professor Ascendino Almeida. Ao reencontro, ele nos deu notícia compensadora: “Estou agora jogando buraco com os amigos para esquecer a raiva que tive”.

CAPÍTULO 9



**VISITA AOS
ESTADOS
UNIDOS
EM 1967**

VISITA DE VERÍSSIMO AOS ESTADOS UNIDOS (1967)

Convidado especial do Departamento de Estado Americano para visitar museus de Antropologia, Veríssimo viajou nos primeiros dias do mês de junho de 1967 para o grande país do Norte. Dessa visita, de duração de um mês, pelos postais que me enviou, podemos aquilatar suas atividades na terra do Tio Sam e as visitas aos grandes museus, os estados que conheceu, no desempenho da missão que lhe foi confiada. Do primeiro postal, enviado da cidade de Filadélfia, datado de 9 de junho de 1967, comunica visita ao professor Tucker Abbott, da Academia de Ciências de Filadélfia e que deu grande contribuição ao Instituto de Antropologia, antigo nome do Museu Câmara Cascudo, enviando-nos os dois pesquisadores, Jorge e Mary Cline, os quais realizaram pesquisas definitivas à nossa área costeira, reformaram o Departamento de Malacologia, do Instituto de Antropologia, classificando em definitivo todo o material existente, deram aulas práticas aos professores, além da descoberta do *Xancus laevigatus*, molusco que só era conhecido nos *States* em estado fóssil. Comunicou ainda que o Dr. Abbott ia me convidar para traduzir seu último livro, sobre a Ciência das Conchas, o que, infelizmente, não aconteceu. O encontro com o Dr. Abbott teve lugar na cidade de Nova York, onde iniciava a sua missão, visitando nove museus da cidade, declarando-se encantado com a *Big Apple*. Deslumbrou-se com o bairro chinês, com o Harlem –

bairro dos negros –, e visitou um clube noturno para ver ao vivo a orquestra de Harry James, comunicando sua viagem para Chicago no dia seguinte. Assim continuou a maratona das visitas.

De Chicago recebo postal datado de 19 de junho 1967, em que dizia ter gostado da cidade de Al Capone, completando ali um total de dezoito visitas a museus, contando os de Nova York. Em Chicago encontra um grande amigo do Instituto de Antropologia, o professor Robert Lipperty, que enviou lembranças ao colega do Instituto. Vivi comunica sua ida para Denver, no Colorado, no dia seguinte, quando tomaria um trem para São Francisco, completando ali visita a cinco cidades e dezenove museus americanos.

Chegando a São Francisco, de trem, apavorou-se com o frio, que achou horrível, demorando-se dois dias na cidade, que achou uma das mais belas de todas que visitou.

Tentou um passeio ligeiro, perto do hotel, mas não aguentou, prometendo, entretanto, fazer nova tentativa no dia seguinte, o que de fato realizou, visitando várias instituições científicas, incluindo a famosa Universidade de Berkeley, onde fez palestra sobre o Brasil, convidado pelo diretor da Instituição. Achou São Francisco mais bonita do que Nova York.

A 30 de junho de 1967 escreve de Santa Fé, no Novo México, sul dos Estados Unidos, dizendo-se altamente impressionado com a arquitetura dos índios pueblos, visitando vários museus e o Palácio do Governo, comunicando seu breve regresso ao Brasil, quando

chegou no final do mês, dando conta de sua missão ao *staff* e amigos do Instituto de Antropologia, numa significativa conferência, na qual respondeu a inúmeras perguntas dos professores presentes no auditório.

CAPÍTULO 10



**ARTIGOS
PARA AMIGOS
SELECCIONADOS**

ABRAHAM PALATINIK – NATALENSE PRECURSOR DA ARTE CINÉTICA

No campo da informatização, palavra ainda não dicionarizada, *mas que diz algo mais* do que simples informação, há um mundo a fazer no nosso estado. Se, em relação ao passado, somos paupérrimos no que diz respeito à nossa memória cultural, em relação ao presente, à nossa contemporaneidade, praticamente não existimos. O que sabemos, por exemplo, sobre norte-rio-grandenses que se destacaram no campo das artes plásticas? Entre vivos e mortos?

Não existe na nossa universidade, no estado ou no município de Natal nenhum órgão atuante, vivo, que possa fornecer informações, mesmo breves, sobre norte-rio-grandenses notáveis. Digamos, uma espécie de “banco de dados” sobre pessoas da terra, que se distinguiram pelo seu talento, por alguma coisa fora do comum.

Pensamos que a UFRN seria a instituição mais adequada para criar e manter organismo dessa natureza. Professores e alunos do curso de Comunicação seriam talvez as pessoas mais indicadas para a tarefa.

Vamos dar um exemplo que talvez pouquíssimas pessoas no estado saberiam responder: quem é Abraham Palatinik?

É possível que os mais velhos saibam que houve aqui uma família Palatinik, de judeus russos, que teve atuação no comércio e na construção de imóveis, e que esse Abraham Palatinik seria um membro dessa família. E nada mais.

Os jovens, porém, o que saberão sobre esse Abraham Palatinik? Talvez apenas aqueles ligados às atividades artísticas já tenham ouvido falar nesse nome. Não seria um pintor? Indagariam alguns.

Na verdade, quem sabe que Abraham Palatinik é um pintor já sabe alguma coisa. Talvez, apenas não saiba que Abraham Palatinik não é um pintor comum, que pinta com pincel e tinta. E que ele é um natalense da gema, importantíssimo artista plástico, pioneiro no mundo da arte cinética. Na próxima nota, falaremos com maiores detalhes sobre esse norte-rio-grandense notável.

DADOS BIOGRÁFICOS

Em fins de setembro último, passou alguns dias em Natal, em companhia da esposa, o artista plástico Abraham Palatinik. Estando em férias, Abraham veio rever sua terra, sua cidade duplamente Natal, esticada que tem feito outras vezes, nos últimos anos, completamente anônimo. Apenas uma vez, no governo Cortez Pereira, foi convidado e veio para um encontro de norte-rio-grandenses notáveis residentes fora do estado. Em sua companhia, naquela ocasião, fomos ver a casa onde nasceu, na rua Ulisses Caldas, quase defronte à Igreja do Colégio da Conceição.

Abraham Palatinik, sendo nome consagrado entre os maiores artistas plásticos deste país e pioneiro no mundo da arte cinética, tem orgulho de ser natalense. No prospecto de propaganda de sua exposição Reve-

los na Galeria Bonino, no Rio de Janeiro, que temos à mão, lá está a notícia: Nasceu em Natal – Rio Grande do Norte – em 10/02/1928.

Estudou, em TelAviv, pintura, história da arte, escultura e estética. Isso nos idos de 1943 a 1947. De volta ao Brasil, em 1948, continuou sua orientação estética com Mário Pedrosa. Em 1949, inicia pesquisas no campo da luz e movimento. Em 1951, expõe o seu primeiro aparelho cinecromático na 1ª Bienal de São Paulo, obtendo menção especial do júri internacional.

Aí começa verdadeiramente a carreira revolucionária desse artista plástico e inventor. Dedicou-se à solução de problemas técnicos e desenho industrial, desenvolvendo processos de controle visual e automático em indústrias. Obtém patentes de várias máquinas e dispositivos de uso industrial. Em 1963, patenteia o seu jogo de percepção chamado *Quadrado perfeito*. Palatinik já expõe nas principais capitais da Europa e dos Estados Unidos.

8 de outubro de 1981

SAUDADES DE CARLOS TAVARES

Veríssimo de Melo

Morreu em São Paulo – dia 31 de maio de 1985 – o violinista Carlos Tavares, de tradicional família de músicos de nossa terra. Carlos era irmão do maestro Mário Tavares e do pianista Túlio Tavares.

Nascido em Natal, em 21 de julho de 1923, estudou no Instituto de Música do Rio Grande do Norte, diplomando-se como violinista. Posteriormente, foi professor da instituição musical. Nessa época, trabalhou no comércio de Natal ao lado de Carlos Lamas, sendo fundador da Rádio Educadora de Natal, hoje Rádio Poti. Ingressando no campo dos *Diários Associados* como contador, trabalhou em outras cidades brasileiras, inclusive em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Aposentando-se, passou a residir em São Paulo, capital, ao lado de sua esposa Anecy Tavares.

Quase todo o fim de ano vinha Carlos a Natal em férias, aqui confraternizando com parentes e amigos numerosos.

Carlos não era violinista exímio, mas dominava bem o instrumento e tocava ainda violão e piano, amadoristicamente, com estilo próprio e brilhante. Era, além disso, excelente cantor e intérprete de selecionado repertório de canções populares. Foi um dos músicos mais completos que já conhecemos.

Vocação inata, realizou-se como músico e instrumentalista de talento verdadeiramente notável. Era também fino compositor, mas, infelizmente, não deixou gravações comerciais. Conhecem-se várias composições em fita cassete. Nós, por exemplo, conseguimos gravar muitas composições de Carlos, com o conjunto de Agildo Barreto e o organista Nilson Ramalho de Almeida, Geraldo Bezerra, Protásio Melo, meu irmão, tocando bateria, tendo gravado outras tantas.

Pessoalmente, Carlos Tavares era pessoa muito simpática, grande papo, observador arguto que discorria com humor sobre fatos e músicos de sua vivência artística.

Nos últimos anos, confessou-nos, mais de uma vez, o desejo que tinha de desfrutar sua velhice em Natal, fundando um estabelecimento para educar crianças necessitadas.

Não queria ficar apenas fazendo música. Gostaria de estender sua capacidade de trabalho e amor aos humildes através de uma obra filantrópica. Grande meta, infelizmente não concretizada pela fatalidade de sua morte.

A cidade de Natal deve fazer justiça ao seu nome, ligando-o a uma de nossas artérias. Daqui fazemos apelo ao prefeito de Natal, Dr. Garibaldi Alves.

ZILA MAMEDE E OS LIVROS

Veríssimo de Melo

Um historiador do futuro há de debruçar-se sobre os jornais da nossa época à procura de detalhes em torno do desaparecimento da poetisa Zila Mamede. Não encontrará, talvez, novos esclarecimentos. Ficou apenas a notícia inacreditável: Zila, excelente nadadora, desapareceu no mar, na tarde, 13 de dezembro, de uma sexta-feira.

Todos lamentamos o trágico desenlace. Choramos a perda da amiga atenciosa, correta, cordial. A pioneira

da biblioteconomia no estado já não pertence mais ao nosso convívio. A poetisa de renome nacional passou agora à história da literatura brasileira.

No Conselho Estadual de Cultura, que integrava e valorizava com seu nome, ficou eterno vazio. Era a animadora constante e destemida do livro e das bibliotecas. Instalou em Natal as duas mais importantes: a da UFRN e a Biblioteca Câmara Cascudo. Defendia a guarda e conservação do livro com garra e competência. Zila desfrutava de amplo relacionamento entre escritores e técnicos em biblioteconomia no país e no estrangeiro.

Como poetisa, deixa obra séria e que será, muito em breve, material de estudo para professores universitários e especialistas. Seu verso era contido, trabalhado, seco, diria quase descarnado. Era seu estilo.

No aspecto formal, sua poesia aproximava-se da de João Cabral de Melo Neto – poeta que muito admirava e a propósito do qual deixa relevante obra biográfica inacabada, da mesma categoria da que escreveu sobre Cascudo – fonte indispensável de consulta sobre o universo Cascudiano.

Fomos companheiros também no Conselho de Cultura e de Ensino e Pesquisa da UFRN. Admirávamos a versatilidade, o desempenho, a força com que esboçava seus pontos de vista. Pleiteava a seriedade do ensino, a necessidade da pesquisa, a utilidade da extensão universitária. Quando se aposentou da UFRN – anos passados – nos dizia que agora iria trabalhar para ela, para sua obra literária. Já dera muito de si em favor das instituições a que servira. Bastava o destino, en-

tretanto, já não lhe reservara muito tempo para essas benesses, a não ser momentos esparsos. Seria sempre, para toda vida, semeadora de instituições que visavam a defesa e guarda dos livros. Foi a destinação que a tragédia do mar iria libertá-la. A perenidade de seu nome ficará sempre ligada ao livro. Das bibliotecas que fundou com amor. Justa e merecida, portanto a homenagem que se deseja prestar à sua memória – dando-lhe o nome ilustre à Biblioteca Central da UFRN.

JOÃO LYRA FILHO – O ÚLTIMO INGLÊS

Veríssimo Melo

Odilon Garcia Filho nos transmitiu a triste notícia. Faleceu no Rio de Janeiro, na Ilha do Governador, onde vivia, João Lyra Filho, o “último inglês de Natal”.

João Lyra Filho foi figura inesquecível em Natal, nos anos 1930, 1940 e 1950. Tinha vários irmãos que moravam na rua da Palha, inclusive Paulo Lyra o grande pianista natalense.

João Lyra Filho herdou todas as excentricidades do pai, mas com uma diferença: não queria ser brasileiro. Era inglês para todos os efeitos, resultado de influências do cinema e das revistas da época. Dizia-se inglês nos hábitos, comportamento, atitudes. Usava em casa um robe de chambre, fumava cachimbo e só lia revistas e jornais da Inglaterra. João era o homem

mais elegante de Natal. Suas roupas eram impecáveis. Usava, de preferência, linho branco, colarinho duro, camisa alvíssima, sapatos brilhantes, chapéu de massa na cabeça. As roupas, feitas pelo pai, que era alfaiate, eram logo desmontadas e reformadas. Era também hábil alfaiate.

Trabalhou em repartições do estado, aposentando-se como funcionário do Departamento de Estatística, na década de 1950. Depois foi ser fiscal das companhias cinematográficas, em Natal. Diariamente estava na porta do Cinema Rex, controlando as entradas dos que compravam ingressos. Casou-se já maduro e foi morar no Rio de Janeiro.

Algumas excentricidades de João Lyra: gastava um sabonete por dia; tomava um whisky em 20 minutos, como os ingleses, olhando o relógio – era um lorde completo; tocava piano só nas notas pretas; seus sapatos eram feitos à mão na firma Volinek, no Rio de Janeiro.

Gastava um vidro de perfume quando ia falar com a namorada. E esse é incrível! Quando ia à praia usava um chapéu de explorador inglês, desses que se vê no cinema, em filmes da África, proteção contra os rigores dos trópicos, dizia ele: A pele estava mais macia do que bunda de menino novo.

Eram seus amigos mais íntimos na cidade: Adauto Martins, Sílvio Veiga, Protásio Melo, Humberto Nesi, Genar Wanderley e Alvamar Furtado. Certa vez, resolveram fundar um clube de golfe em Natal. Furtaram uns tacos do Aeroclube e todo o dia iam jogar no campo, atrás da sede do clube. Entretanto, um dia

bateram com um taco na testa de João, saiu muito sangue, e foram terminar no hospital. Encerrou-se aí o “clube de golfe”.

A VIAGEM DE VOLTA DE EDGAR BARBOSA

Veríssimo Melo

Paulo Pinheiro de Viveiros, interpretando a saudade dos componentes da Academia Norte Riograndense de Letras, dizia em discurso para Edgar: “Esta é a sua volta!”. De fato, o menino de Ceará-Mirim que um dia saiu da sua terra para estudar, lutar e vencer na capital do estado, voltava, naquele instante, definitivamente ao seu solo.

Um homem sofrido embora tenha marcado sua existência por conquistas memoráveis no plano da inteligência e dignidade profissional.

Jornalista de estilo fulgurante e páginas inesquecíveis, jurista que soube honrar a sua toga pela cultura e correção de suas decisões, professor emérito pela competência, tirocínio e amor à cátedra de Direito, exemplar chefe de família e velho amigo, Edgar Barbosa despediu-se de todos nós na manhã ensolarada do sábado, 7 de agosto de 1972, na sua Ceará Mirim.

Wilson Dantas, Milton Vilar Ribeiro Dantas e Paulo Viveiros foram as vozes que se fizeram ouvir naquela despedida, representando instituições e amigos distantes. Disseram das suas virtudes, por serviços prestados ao Rio Grande do Norte como jornalista,

professor e magistrado, do incomparável brilho do estilista, do amor de sua terra Natal.

Edgar Barbosa possuía ainda outras virtudes que, os que conviveram com ele, talvez a maioria não chegou a conhecer.

Ele sabia, como poucos, incentivar os jovens que se iniciavam na vida literária da província. Dirigindo o jornal *A República*, conduziu e orientou vários moços da época para a nossa imprensa. Descobriu verdadeiras vocações e ajudou a muitos que ainda lideram a nossa vida cultural. Embora parecesse de ar superior, indiferente ao que se passava na cidade, Edgar era fraternalmente generoso para com os amigos e quantos o procuravam.

A fidelidade às amizades foi um traço de relevo do seu caráter. Sofria com os problemas dos que lhe estavam mais próximos e dos amigos. Preocupava-se, muitas vezes, como também sabia vibrar com a vitória e a alegria dos muitos que lhe eram caros.

Talvez o traço mais forte de sua personalidade, que escondia muitos outros, tenha sido a sua discrição. Era discreto em suas atitudes, em suas palavras, em seu modo de ser. Alguns aspectos do jornalismo dos nossos dias, por exemplo, irritavam-lhe. Não suportava a promoção pessoal descabida, o elogio barato, o vedetismo de alguns de nossos homens públicos. Talvez, para ele, viver fosse um ato de elegância e boa educação. E soube demonstrar, por exemplo, que se pode ser discreto e sóbrio, sendo ao mesmo tempo solidário, amigo e generoso.

Quando lhe faltou o jornal para externar seus pontos de vista e servir à comunidade e aos amigos, ele ainda se fez presente por atividade rara de missivista. Escrevia cartas maravilhosas aos mais íntimos e aos que lhe pediam conselhos e orientação literária. Suas cartas são modelares de inteligência e sabedoria. Nilo Pereira, no Recife, e Seabra Fagundes e Umberto Peregrino, no Rio de Janeiro, foram alguns dos amigos distinguidos por sua constante correspondência. Outro aspecto característico de sua personalidade e seu temperamento discreto foi certo desinteresse pela sua obra literária.

Edgar publicou relativamente poucos livros e ensaios. Não lutava nesse sentido. Não gostava de pedir. Não se empenhava nisso. Seu livro, *Imagens do tempo* foi publicado mais por iniciativa de Geraldo Batista de Araújo, quando à frente da Imprensa Universitária, do que por ele próprio. Daí ter poucos títulos publicados – ele, que tanto escreveu. É possível, entretanto, que tenha deixado páginas imorredouras a publicar. Edgar era homem organizado, disciplinado em seus trabalhos, devendo ter deixado um arquivo precioso. Mas sua modéstia e discrição – insistimos – prejudicaram sua imagem como escritor e homem de letras, principalmente fora do estado. De sua fina ironia, de suas curiosas observações sobre pessoas e coisas da província, achamos que nada ficou registrado, o que é uma pena.

Certa vez, por exemplo, ele nos confessou que a maior vitória de sua vida foi ter deixado o Ceará-Mirim

como juiz e o povo não ter soltado foguetões em regozijo. Com a viagem de Edgar Barbosa, perdeu o Rio Grande do Norte um dos seus filhos mais ilustres e talvez o maior dos nossos estilistas, ao lado de outro grande escritor que foi Nilo Pereira.

Compete agora aos seus amigos, aos seus admiradores aos seus familiares, recompor a imagem do verdadeiro escritor de méritos excepcionais. Para tanto, é necessário publicar seus livros inéditos, reunir seus ensaios dispersos, suas conferências, uma seleção de suas cartas.

Estamos convictos de que essas publicações serão de alta importância para o enriquecimento do nosso patrimônio cultural.

VINICIUS DE MORAES – O ÚLTIMO POEMA

Vinicius de Moraes espalhou inteligência e poesia por esse Brasil afora através de livros e canções populares inesquecíveis.

Serviu à diplomacia brasileira, quando foi aposentado compulsoriamente. Ele acreditava que nessa função teria influído menos sua posição política e mais o fato de estar num show com Dorival Caymmi na boate Zum Zum. O Itamaraty, na época, não admitia esse tipo de liberalidade.

Todavia, Vinicius ficou feliz com a aposentadoria, pois, a partir de então, pôde se dedicar inteiramente à poesia e à música – suas vocações irresistíveis.

A maior parte de sua poesia está nos livros: *Caminhos para a distância*, *O falso mendigo* e *O encontro cotidiano*.

Na noite de 9 de julho de 1980, Vinicius escrevia poemas para um disco de música intitulado *A arca de Noé*, ao lado do parceiro Toquinho. Sentindo-se mal, quase não teve tempo de ser socorrido, falecendo momentos depois. Contava 60 anos de idade. Sobre sua mesa foi encontrado esse poema – “São Francisco” –, que é uma obra-prima do grande poeta desaparecido:

SÃO FRANCISCO

Lá vai São Francisco
Pelo caminho
De pé descalço
Tão pobrezinho,
Dormindo à noite
Junto ao moinho,
Bebendo a água
Do ribeirinho.

Lá vai São Francisco
De pé no chão
Levando nada
No seu surrão
Dizendo ao vento
Bom dia, amigo
Dizendo ao fogo

Saúde, irmão.

Lá vai São Francisco
Pelo caminho,
Levando ao colo
Jesus Cristinho
Fazendo festa
No menininho
Contando histórias
Pros passarinhos.

MARIANO COELHO – TROVADOR INCURÁVEL

Há poetas internacionais, federais, estaduais e municipais. E há poetas solitários, estranhos, que não desejam ultrapassar, na divulgação de seus versos, o círculo restrito dos próprios amigos. Mariano Coelho era um deles.

Médico humanitário e generoso, capaz de todos os sacrifícios e de todas as atenções no exercício de sua nobre missão – um desses raros homens da antiga estirpe.

Nasceu no Assu, a 9 de maio de 1899, filho de Manoel Coelho Ferreira e dona Maria Bezerra Varela Coelho. Estudou no colégio Diocesano Santo Antônio, em Natal, e no Colégio Santa Luiza, em Mossoró, fazendo os exames parcelados no Atheneu, em 1915 e 1916, quando foi colega de “Casculinho”.

Ingressando nos Telégrafos, por concurso, como diarista, foi nomeado para Pojuca, na Bahia, em 1919.

Daí prosseguiu seus estudos, formando-se em medicina em 1924.

Casou-se em primeiras núpcias, a 12 de novembro de 1925, e em segundas núpcias com dona Maria Coelho, em 1938.

Voltando ao estado, primeiro foi para Santana do Matos, transferindo-se depois para Currais Novos, onde exerceu a medicina durante mais de 30 anos. Homem bom, virtuoso e competente, integrou-se na sociedade de Currais Novos, sendo, no final da vida, considerado um dos seus patriarcas.

Foi político em certa época, ao lado de José Augusto Bezerra de Medeiros, fiel aos ideais republicanos e democratas. Intransigente na defesa dos seus amigos, em 1936 foi eleito suplente de deputado estadual, assumindo depois o posto de secretário da Assembleia Legislativa até novembro de 1937. Em 1945 foi suplente de deputado federal, não se elegendo porque seus votos foram depurados.

De 1950 a 1953 foi eleito deputado estadual, ocupando então o cargo de 2º vice-presidente da nossa Assembleia.

Foi Mariano Coelho um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Natal, ao lado de Onofre Lopes e outros colegas, em 1955. Desde então transferiu-se para Natal e passou a integrar o quadro dos mestres da nossa Faculdade de Medicina, na primeira cadeira de clínica médica, sendo assim também um dos fundadores da nossa universidade federal. Em 1966 aposentou-se compulsoriamente.

É membro do nosso Instituto Histórico e um dos fundadores da nossa Academia de Trovas. Hoje desfruta de velhice tranquila e feliz, porque sempre soube fazer o bem. Nas horas vagas, foi um amante incurável da poesia.

Poesia à antiga, rimada, metrificada, cantada nos seus graves e nos seus agudos, como uma página musical, expressando os sentimentos mais puros que lhe iam na alma. Já o ouvi, grande parte de uma noite, dizendo, memorizados, dezenas de poemas, sonetos, glosas, versos de cantadores, dele e de outros poetas. É uma enciclopédia ambulante nesse particular. Tudo já leu e quase tudo sabe de cor. E não o faz por diletantismo ou vaidade. A poesia para Mariano é atitude de aproximação e amizade, um jogo de cordialidade. É através dela que se realiza como homem social, fraterno, comunicativo, social.

A profissão médica deu-lhe a oportunidade de oferecer toda a sua ciência a serviço dos que sofrem. É a sua destinação maior.

A poesia indica-lhe o caminho da plena expansão dos seus sentimentos estéticos. No dia do lançamento do seu livro de poemas, assim terminamos nossa saudação ao velho poeta da medicina: “Saudemos o poeta solitário e seu livro, há tanto esperado”.

O tempo venceu a modéstia. E creio que a modéstia provinciana se enriqueceu de mais uma contribuição primorosa, porejante de graça e lirismo, floração de um dos mais nobres espíritos que conheço.

JUDITH BEZERRA DE MELO

Educadora modelar de nossa terra, Judith Bezerra de Melo está assinalando neste dia 8 de abril, o transcurso de mais uma bela idade. Cercada pelo carinho dos filhos – 10 vivos –, 35 netos, 4 bisnetos e 2 trinetos, ela viverá hoje dia de felicidade e certamente de muitas recordações.

Judith foi da primeira turma de professores da Escola Normal de Natal, formando-se em 4 de dezembro 1910, quando recebeu anel simbólico das mãos do governador Alberto Maranhão. Dessa turma de 47 alunos, sobreviveram, além dela, apenas as professoras Beatriz Cortez e Josefa Botelho. Também fazia parte da turma o saudoso professor Severino Bezerra de Melo, com quem Judith se casaria naquele mesmo ano. O casal foi morar e trabalhar em São José de Mipibu, lecionando e dirigindo o grupo escolar local. Em 1922, vindo para Natal, Judith continuou lecionando, aposentando-se em 1927. Nesse ano, com o ilustre marido, fundou o Colégio Pedro II, de Natal, educandário de alto conceito, por onde desfilaram moças e rapazes norte-rio-grandenses, funcionando em regime de internato. Judith foi ali, ao mesmo tempo, professora, supervisora de serviços domésticos, auxiliar de disciplina e segunda mãe para os internos. Ainda lhe sobrava tempo para organizar e montar pequenas peças teatrais e festivais de alunos, que se apresentavam no Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão.

Estão documentados esses espetáculos do Colégio Pedro II que tinham à frente a figura querida de Judith. Além de contribuir para a educação de meio mundo de jovens do estado, Judith e o professor Severino Bezerra ainda nos legaram 10 filhos bons, úteis à sociedade, competentes em suas atividades profissionais. Hoje festejam com toda a família e amigos as alegrias de mais um aniversário de Judith, educadora extraordinária e mãe de família exemplar.

JOSÉ MARIA GUILHERME

Jornal Dois Pontos, 4 de novembro de 1988

Damos hoje a palavra a José Maria Guilherme para ouvirmos lindo fato que ele nos vai narrar. José Maria é dublê de tabelião e poeta –, porém faz poesia com a vida. Ele é um cara profundamente emotivo, caridoso, um dos raros homens que ainda acreditam na solidariedade e na fraternidade universais.

Ouçamo-lo: “Eu trabalhava como tabelião substituto no edifício nº 22, Ofício de Notas, no Rio de Janeiro, que funcionava no edifício Dure, na Cinelândia. Era apelidado pelos meus colegas de ‘irmão Paulo’, porque atendia a todos, em qualquer situação, inclusive assuntos pessoais e mais íntimos. Mantinha, em minha mesa de trabalho, uma caixa de pronto-socorro e outros como agulha, linhas, tesoura, botões, etc.

Quando um colega se feria com um clipe, gilete ou qualquer instrumento cortante ou perfurante, logo me procuravam para fazer curativos. Quando se tratava de botões que se despregavam, idem, e lá ia eu tirar de alfaiate. Daí os apelidos.

Certo dia, entrou no cartório um garoto trazendo nas mãos um pombinho que havia batido na parede do segundo andar do edifício e quebrara uma das asas. Procurava-me para pedir que cuidasse da ave. Se entendia pouco de cartório, imagine de veterinário. Zero à esquerda. Mas tinha boa vontade. Não custava nada tentar uma ajuda a uma coisinha tão bela, na iminência de nunca mais voltar ao seu mundo, rever os amigos e amigas. Providenciei uma caixa, onde coloquei o pombo, entalei a asa e comecei a dar-lhe medicação que, intuitivamente, achei acertada. Durante o tratamento, passava pelo Rio de Janeiro o poeta Newton Navarro, que foi me visitar. Quando me viu tratando do pombo, perguntou-me o que era aquilo, e eu lhe falei de minha nova missão. É bom lembrar que isso aconteceu há 23 anos. Depois de uns 40 dias de tratamento libertaram a asa do pombinho e vi, com espanto e enorme alegria, que ele estava curado. Soltei-o e ele começou os seus primeiros voos rasantes, dentro da sala de trabalho. Apegou-se a mim de tal modo que conviveu uns 30 dias na nossa sala. Pousava no meu ombro, na mesa, mas sem sujar nada. Passamos a chama-lo de '41', pois éramos 40 escreventes.

Depois de um mês, o pombinho pousou numa das janelas de nossa sala, olhou para todos nós, durante certo tempo, espanou bastante as asinhas, como se quisesse agradecer e dizer adeus e, finalmente, lançou-se num voo largo de liberdade. Liberdade total. Foi para junto de seus amigos. Voou para as nuvens.

Fiquei parado, a taquicardia se fez presente, chorei e ri ao mesmo tempo. Estava também feliz”.

MEU COMPADRE CRESO BEZERRA

No instante feliz em que regressava de uma viagem, eu recebi de meu filho Sílvio a notícia dolorosa: “Creso Bezerra morreu”.

A primeira reação foi de total repulsa: “Não é possível. Creso não é de morrer”.

De fato. Há pessoas que parece não serão nunca de morrer, embora haja muitas outras que nasceram com uma única finalidade: morrer definitivamente.

Creso Bezerra nunca teve a vocação de morrer. Foi um homem que nasceu para viver, que viveu para ser útil, para servir, que soube desfrutar a vida corajosamente, em todos os sentidos, até nos últimos instantes nesse mundo.

Os detalhes incríveis chegaram depois. Por ser médico, ao pressentir a gravidade de seu estado de saúde, na manhã de 26 de novembro de 1976, chamou seu filho Flávio e deu-lhe instruções finais, após assinar vários cheques: “Este é para o meu enterro. Este é para

as despesas do mês. Este é para isso, este é para aquilo outro, etc. Agora, me leva ao pronto-socorro. Tenho certeza que desta vez não voltarei. Não precisa agora acordar sua mãe. Ainda é cedo. Mais tarde vocês avisarão a ela”.

E assim, plenamente consciente de que estava condenado à morte, ainda teve tranquilidade suficiente para enfrentá-la como sempre viveu, realisticamente, corajosamente.

Só agora, conhecido os detalhes terríveis, é possível acreditar-se que Creso Bezerra morreu.

Quem o conheceu de perto sabe bem que ele tinha sangue frio para fazer o que fez nas últimas horas de sua existência.

Creso era um homem com letra maiúscula. Um homem de total responsabilidade com sua família que ele amava, mas um homem também que sabia compreender e justificar todos os homens, na sua grandeza e na sua desgraça. Creso valorizava o humano que há nos homens e nesse sentido era um humanista.

Foi deputado estadual e federal, todavia, como homem público, parece que se realizou mesmo como prefeito de Natal – a cidade que ele tanto amava. E seu amor por esta cidade foi tão grande que um dia, desgostoso com as lutas partidárias, resolveu abandonar sua terra e refugiar-se no Rio de Janeiro. Ausentou-se com suas mágoas para não ferir o amor à sua cidade.

Passou muitos anos por lá, trabalhando e encaminhando os filhos para a vida. Mas com que alegria falava dos homens e das coisas de Natal! Perguntava por

todos, divertia-se com o anedotário de muitas figuras provincianas.

Seu repertório de histórias natalenses era imenso. E, na verdade, Creso sempre foi excelente papo, alegre, gostoso, brilhante.

No seu exílio voluntário, ainda fez uma tentativa para voltar a Natal. Voltou, com enorme alegria para os amigos. Todavia, dentro de poucos meses, desencantou-se com a cidade em mudança, cheia de gente nova. Na instituição que ajudou a fundar – a Policlínica de Alecrim –, quase não conhecia mais ninguém. Era um estranho em sua própria terra. E essa condição o feriu de tal forma, que deliberou voltar ao Rio de Janeiro, confessando sua decepção a alguns amigos.

Natal é uma cidade linda e aberta, mas ninguém se iluda: não a abandona nunca. Basta a ausência de alguns amigos para um natalense se sentir estranho e isolado em Natal.

A nossa terra é como essas amantes ciumentíssimas que não admitem a ausência prolongada da pessoa amada. Quem vive aqui é sempre querido. Quem se afasta, a cidade passa a ignorá-lo totalmente. A readaptação é processo lento e sofrido. Poucos homens conseguiram voltar a readaptar-se à cidade, embora pagando juros altos em decepções.

Creso, infelizmente, não aceitou a reconciliar-se com a terra nos termos que ela o exigia, então regressou ao Rio de Janeiro para sempre. Do meu compadre Creso eu guardo recordações inesquecíveis e gestos imorredouros. Como médico e político, ele viveu em Natal os

melhores anos de sua vida. Serviu à cidade e aos amigos como verdadeiro homem público. Deixou obras públicas de valor incontestável como governador da cidade. Como médico, serviu a quantos o procuraram, desinteressadamente, apenas pelo desejo de ser útil.

Aqueles que o ajudaram a eleger-se deputado o fizeram espontaneamente por pura amizade e admiração, embora sabendo que ele representaria condignamente o estado, como efetivamente o fez.

Agora, Creso Bezerra, homem de tanta verdade, de tanta bravura em viver, de tanta compreensão para com o próximo, virou saudade. Por princípio e educação, parece que ele apenas desejou ser um homem comum. Para nós, seus amigos, admiradores e parentes, ele sempre foi um homem superior, pelas suas virtudes reais, sua alegria de espírito, que se revelou até nos últimos instantes de sua existência. E, uma boa morte, diz o velho provérbio – honra toda uma vida.

DR. RAUL FERNANDES: 80 ANOS

Jornal Dois Pontos, 17 de dezembro de 1997

No elenco dos raros escritores médicos do Rio Grande do Norte, Raul Fernandes surge com expressão *sui-generis*. Dedicou-se de corpo e alma, durante 50 anos, rigorosamente à sua profissão. Formando-se em Direito, na Bahia, em 1930, logo depois ingressou

na Faculdade de Medicina, concluindo seus estudos médicos, em 1932, no Rio de Janeiro.

Daí então, todos os seus passos foram no sentido de aperfeiçoar-se na especialidade que abraçou por verdadeira vocação: o exercício de Otorrino-oftalmolaringologia.

Em 1939 esteve na Alemanha e na Áustria trabalhando com expoentes da especialidade, nos hospitais mais famosos da época.

Regressando ao Brasil, pouco se demorou. Já em 1940 fazia pós-graduação na Universidade de Temple, nos Estados Unidos, sendo ali, pela sua competência, nomeado professor-assistente. Serviu igualmente com entusiasmo no esforço de guerra, no Hospital Policlínico de Nova York.

Voltando a Natal, chefiou o serviço de sua especialidade no antigo Hospital Juvino Barreto, hoje Hospital Onofre Lopes.

Também pouco tempo permaneceu em Natal, indo, em 1948, integrar a equipe docente do Curso de Cirurgia Torácica, no Rio de Janeiro, chefiada pelo renomado professor Fernando Paulino. Destacou-se ali pelo pioneirismo na introdução de novas técnicas operacionais, escrevendo e publicando trabalhos médicos, inclusive no exterior.

Até então, como se observa, só existia o médico Raul Fernandes. Entretanto, uma circunstância – o fato de ser filho do bravo prefeito de Mossoró, Rodolfo Fernandes, que comandou a defesa de Mossoró contra o bando de Lampião – já lhe exercia permanen-

te chamamento do mundo, da pesquisa, da história e da literatura. De tanto ser interpelado sobre aquela saga mossaorense, Raul deliberou pesquisar a fundo o episódio, iniciando trabalho literário que o absorveu praticamente durante 20 anos: seu livro *A marcha de Lampião – assalto a Mossoró* é levantamento completo da ocorrência mossaorense, graças às pesquisas laboriosas que empreendeu.

Nessa altura da vida, Raul Fernandes alternava suas atividades de professor titular da UFRN, ministrando a cadeira de otorrino, a partir de 1961, com as pesquisas que ia procedendo no campo da história do banditismo no Nordeste. Publicado seu livro, pela Editora Universitária, tal foi a aceitação, que logo foram providenciadas mais duas edições.

De vários centros culturais, especialmente por parte de alguns dos mais importantes estudiosos do fenômeno do banditismo, o livro de Raul Fernandes foi recebido com aplausos gerais, tal a seriedade e profundidade de suas pesquisas, que trouxeram de fato novas luzes ao conhecimento do fascinante tema.

Publicou depois vários artigos e ensaios na revista *TV Universitária*, abordando assuntos crescentemente interessantes, como seu voo precursor do dirigível Hindenburg, da Europa ao Brasil, e a visita que fez à famosa prisão de Sing Sing nos Estados Unidos, além de outros.

Nos últimos anos, Raul Fernandes estudou exaustivamente outra figura célebre do mundo do banditismo: Antônio Silvino.

Pesquisa também de elaboração afanosa, que o obrigou a revirar bibliotecas e a percorrer centenas de quilômetros das estradas sertanejas, indagando nas fazendas, tomando depoimentos, perquirindo detalhes.

Este é Raul Fernandes, o escritor de estilo objetivo, claro, limpo. Hoje é professor emérito da UFRN, distinguido com a Medalha Cultural da Fundação Joaquim Nabuco do Recife e membro da Academia Norte-Rio-grandense de Letras.

Eis uma personalidade de escol, como se percebe. Homem profundamente humano, generoso, amigo dos amigos.

Conversador fluentemente versátil, porque viu muitos países e conviveu com um infinito número de pessoas em quatro continentes. Assim mesmo, sempre modesto, simples, sem grandeza – como se dizia antigamente dos grandes homens. Eis um breve depoimento sobre o Dr. Raul Fernandes, o escritor.

ABELARDO E O BOITATÁ

Abelardo Alves de Moraes é uma espécie de personagem de conto fantástico, que saiu de algum livro e não encontrou mais o caminho de volta. Ficou por aí.

De tradicional família de São Gonçalo do Amarante, em priscas eras. Temperamento doce, afável, lúcida inteligência, culto – tem tido uma das vidas mais atribuladas deste planeta. Jovem ainda, ingressou na marinha de guerra. Combateu os nazistas em vários oceanos.

Terminada a guerra, estava tão chateado que saiu direto para o Convento dos Beneditinos no Rio de Janeiro. Mas ali demorou-se pouco também. Largou a batina e resolveu casar-se. Ora, casar no Rio de Janeiro – como dizia Nilo Pereira – não é “bago de jaca”.

Aí, verificou que não tinha vocação para pai de família. Abandonou a mulher e foi fundar Brasília. Foi um dos primeiros candangos a chegar à nova capital no rastro de Juscelino. Trabalhou por lá em mil coisas.

Então resolveu fazer o mestrado em letras clássicas. Hoje é professor e poeta nas horas vagas. Publicou agora um livro de poemas que nominou *Só, somente só*, Editora Brasil, que nos manda agora, em 1980, e uma bonita dedicatória.

A melhor história de Abelardo foi aquela da livraria que deliberou instalar em Natal, faz uns 20 anos. Chamava-se Boitatá. Ficava numa das portas da antiga Liga Operária. Convidou Omar Coelho – ai meu Deus! – para ser o gerente. Omar, que é louco varrido, convidou, por sua vez, Albmar Marinho para assessorá-lo. E este levou como *expert* Newton Navarro. Resultado: inventara uma “liga literária”, todas as tardes, muito concorrida, muito badalada. Em dois meses beberam quase todos os livros de Abelardo, que terminou fugindo apavorado.

Foi nesta famosa livraria que Newton Navarro promoveu sua primeira exposição de desenhos e pinturas com surpreendente resultado: “Todos os seus quadros foram roubados. Alicate, crítico de arte, foi visto carregando o último deles”.

Agora Abelardo de Moraes regressa a Natal, vestido de livro de poemas.

Dentro dele está o homem múltiplo, o poeta sensível, o frade, o boêmio, o marinheiro, o mestre, o livreiro, o louco de todos os gêneros, como diz o nosso Código Civil.

DO ESPÍRITO E HUMOR DE RENATO CALDAS

Renato Caldas (1902), poeta dos mais queridos do estado. Seu livro *Fulô do Mato*, o melhor que se fez até hoje em matéria de poesia do Nordeste, já teve várias edições, sempre acrescidas de novos poemas. Muitos outros versos esparsos de Renato Caldas – trovas, glosas, repentes – correm na tradição oral natalense. Teve época de intensa participação na vida social da cidade – década de 1930, 1940 e 1950. Foi companheiro de grandes violonistas do passado, como Macrino Medeiros e Olavo Medeiros no Alma do Norte, e de poetas e boêmios como Jaime Wanderley, Carlos Siqueira, Jorge Fernandes, Evaristo de Souza e outros. Depois de casado, foi residir no Assu, onde vive até hoje.

Ficou famoso o pedido que fez, certa vez, a Carlos Lacerda para publicar uma edição do seu livro: “Seu doutor Carlos Lacerda/o senhor que inventou essa merda/de ajudar teu irmão/publique *Fulô do Mato*/ajude o velho Renato/poeta lá do sertão”. Foi atendido prontamente.

O anedotário em torno de Renato é copioso. Após o casamento em Natal, Renato resolveu tomar umas

cervejas com amigos e sumiu. No dia seguinte, manhã cedo, reapareceu no portão da casa, pisando na ponta do pé. Ao avistar a sogra, que já lhe reprovava o procedimento – não respeitou nem a noite de núpcias –, ele se justificou: “Fale baixo, eu vim só buscar o violão”.

Da última vez que foi a São Paulo, recebeu telegrama da esposa, advertindo-o: “Se for à Casa de Noca, lembre-se que eu existo ainda”. Ao que ele próprio respondeu por telegrama nesses termos: “Renato estará aí dia 27. Abraços Noca”.

Indo consultar-se a um amigo médico, em Natal, ouviu cabisbaixo as seguintes recomendações discriminatórias: “A partir de hoje o senhor não pode mais beber, não pode mais fumar, não pode mais comer gordura”. Ele interrompeu a fala do médico e disse para o lado, para a esposa: “Tais ouvindo, Fausta?”.

No começo da década de 1970, sofrendo de catarata, versejava: “Está cegando Renato/pois um objeto qualquer/só conhece pelo tato/principalmente mulher”.

Recentemente, um grupo de amigos, tendo à frente o Dr. Meira Lima, foi visitá-lo no Assu. Um dos presentes declarou que ninguém entraria na casa de Renato, porque o número era 24. Ao que ele retificou imediatamente: “Vocês vieram da prefeitura para cá do lado da igreja? Da prefeitura então o número é 42”.

CALAZANS FERNANDES – O BOÊMIO IRREVERENTE

João Calazans – Recife 1976 –, escritor, jornalista, autor do romance *O pequeno burguês* (José Olympio, Rio de Janeiro, 1952), foi editor em Belo Horizonte, transferindo-se para o Recife, tendo ali fundado a revista *Crítica, Política e Literatura*, da qual era diretor, revisor e distribuidor. Cada edição era dedicada a uma figura, sobretudo intelectuais.

A edição sobre Câmara Cascudo teve o maior êxito, com lançamento em Natal, tanto assim que Calazans resolveu tirar uma segunda edição, o que causou espécie na cidade.

Calazans era de irreverência esfuziante, especialmente quando bebia. Dizia-se comunista teórico, embora afirmasse que tinha sido exilado em Portugal em certa época. Era amigo de Portinari, que lhe pintou notável retrato, apreciado por nós no seu apartamento em Recife.

Escrevendo em jornal de Vitória (ES), informou-nos Renato Pacheco que João Calazans satirizou, de forma implacável, o desembargador Paes Barreto, autor de livro, cujo título era *O crime, o criminoso e a pena*. A crítica de Calazans se resumiu nestas palavras: “O crime, o livro; o criminoso, o autor; a pena, o encalhe do volume nas livrarias”.

Trabalhando como repórter para o *Jornal do Comércio*, do Recife, contou-nos Nilo Pereira: “Calazans foi destacado para entrevistar um figurão que estava

de passagem pela cidade. Procurou o homem por toda parte e não o encontrou. Voltando à redação, deixou o seguinte bilhete para o secretário do jornal, Caio Pereira: “Impossível entrevistar o homem. Ele é *intupível*”. O sr. Caio Pereira, que tinha horror à gíria, mandou chamá-lo para explicar-se. Calazans justificou-se alegando que *intupível* queria dizer que era impossível desentupir o lugar onde o homem se escondera.

O secretário do jornal demitiu-o sumariamente. À saída, já na porta, Calazans virou-se e disse apenas isso: “O senhor também é *intupível*”.

João Calazans orgulhava-se de ser capixaba, entretanto, acrescentava: “O Espírito Santo deu até hoje só três grandes homens: eu, Rubem Braga e Luz Del Fuego”.

Calazans era grande amigo do poeta Ascenso Ferreira. O poeta, uma noite, numa farra, num bar, teve um desentendimento com um marujo, bêbado e atrevido. Vez por outra o marinheiro dirigia pilheria a Ascenso. Calazans advertiu-o dizendo: “Um sujeito como você, desse tamanho, tem coragem de mexer com um homenzarrão desses?”. O marujo contestou: “Maior é o mar e eu mijo nele todo o dia”. Ascenso adorou a resposta, convidou o marujo para beber com eles e terminaram a farra de manhã.

Mauro Mota, registrando o falecimento de Calazans no Recife, em 1976, lembrou episódio do inesquecível escritor capixaba.

Estando em dificuldade em Niterói, amigos resolveram ajudá-lo e conseguiram o lugar de adjunto de

promotor no município de Cantagalo. Calazans tomou posse em Niterói, perante o secretário do Interior e Justiça, indo todos os meses ao Tesouro receber seus vencimentos. Depois de três meses, o juiz de direito da comarca reclamou ao secretário de Justiça a ausência total do adjunto de promotor da comarca. O secretário mandou chamá-lo. Relembrou que ele todos os meses ia receber seus vencimentos e indagou o motivo da sua ausência da comarca. Calazans assustou-se, exclamando: “E era para eu ir lá?”.

Agenciando anúncios para a edição de sua revista, passou várias semanas em Natal, visitando comerciantes e industriais, através de apresentações de gente da terra, como Diógenes da Cunha Lima e outros.

Nos intervalos da faina comercial, estava sempre no Bar de Olívio, na Ribeira, tomando whisky. Quando saiu a edição da revista, comerciantes e industriais reclamaram o fato de não ter aparecido um só dos vários anúncios pagos. Chamado ao escritório de Diógenes, Calazans se justificou dizendo: “Doutor, eu não mijo para trás, não. Todo o dinheiro que arrecadei está por aí nos bares, resultado dos whiskys que tomei. Não levo um tostão desse dinheiro pro Recife. Ficou tudo aí na cidade e os comerciantes vão ganhar esse dinheiro de novo”.

PROFESSOR JOSÉ MELQUÍADES E SEUS “REPENTES”

José Melquíades de Macedo (Macaíba-1925) foi professor de inglês do Atheneu Norte-Rio-Grandense, da SCBEU, do Instituto de Ciências Humanas da UFRN, professor emérito da mesma instituição e membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Melquíades é orador brilhante, grande conversador, sendo um dos fenômenos raros da cidade. Quanto mais bebe cerveja, menos cresce a barriga. Depois de aposentado, montou cadeira cativa no Bar do Lourival, onde diariamente bate papo com os amigos e comete irreverências intelectuais.

Quem fez boa piada com Melquíades, certa vez, foi o jornalista Woden Madruga. Dizia Woden: “A pronúncia de Melquíades é peculiar: é o único natalense que fala com sotaque nova-iorquino”.

Ao visitar uma granja modelo nos Estados Unidos, admirou-se do tipo de mecanismo colocado nos úberes das vacas para acelerar a produção e higienizá-las. E perguntou ao rapazinho encarregado: “Esse mecanismo não ofende as vacas?”. O proprietário da granja deu a resposta típica do humor norte-americano: “Até hoje nenhuma reclamou”.

Certa noite, estando sozinho em casa, com a TV ligada e tomando sua cervejinha, sua esposa, dona Zu, vendo-o solitário, não se conteve e reclamou: “Mas, José, você está bebendo sozinho?”. Ao que Melquíades

retrucou: “Não. Não estou bebendo sozinho. Estou bebendo com os artistas da Globo”.

Numa roda de amigos, num bar da cidade, bebia-se e conversava-se. Um dos presentes chamava-se Expedito. Na hora de pagar a conta, o amigo retirou-se “de bandinha”, esquecido da despesa. Melquíades virou-se e exclamou bem-humorado: “Lá se foi um expedito!”.

Sobre um amigo, ex-padre, que andou fazendo umas estripulias no meio comercial, Melquíades fez trocadilho muito comentado na cidade: “Fulano deixou de ser vigário para se tornar vigarista”.

LAURO PINTO – UM ESTUDANTE CHAPLINIANO

Lauro Pinto (Natal-1905) foi promotor público em Lages, juiz municipal de Vila Nova, secretário do Tribunal de Justiça, juiz de Direito, Consultor da COAB e autor do livro *Natal que eu vi*.

O mais terrível estudante de Direito que passou pela Faculdade de Recife – segundo depoimento de seus contemporâneos. Capaz de todas as estripulias possíveis e imagináveis. Dotado de viva imaginação, Lauro bolava soluções chaplinianas para divertir-se com seus colegas.

Certo dia, por exemplo, soube que um de seus velhos professores da Faculdade de Direito aniversariava. Convidou vários colegas para visitá-lo e desfrutar da festinha. Todos foram muito bem recebidos. Comeram e beberam à larga. À saída, Lauro procurava

alguma coisa para furtar. Quase à porta, vislumbrou uma bengala de cabo de ouro. Usando estratagemas, conseguiu colocar a bengala dentro da calça e saiu arrastando uma perna.

Dois dias depois, o *Diário de Pernambuco* publicava nota, do mestre professor, pedindo encarecidamente a quem encontrara uma bengala perdida, de cabo de ouro, objeto de estimação, a fineza de entregá-la à rua tal, que seria bem recompensado. Lauro leu o anúncio e disse aos colegas: “É hoje. Vou devolver a bengala e receber a gratificação. Vou ficar rico”. E foi. Como já esperava, o velho mestre ficou encantado com a “gentileza” do aluno. Quis saber como ele descobrira o paradeiro da bengala. Lauro explicou na hora: “O senhor sabe, não é professor? Eu sou estudante de Direito. Quando vi o anúncio, lembrei-me que algum larápio podia estar preso, numa delegacia, e a bengala à disposição do dono. Fui a várias delegacias da polícia, contando a história. Afinal, encontrei o larápio numa delegacia perto de Jaboatão. Foi só contar a história ao delegado e obter a bengala”. O professor abraçou-o emocionado. Convidou-o para tomar uma cerveja e, na saída, deu-lhe uma nota de 200 mil-réis.

Na pensão de estudantes, onde Lauro estava hospedado, só se falava no grande espetáculo de apresentação de uma orquestra do Rio de Janeiro, no Teatro Santa Isabel. Durante o jantar, para surpresa de todos, Lauro apresentou-se de jaquetão azul, gravata e sapatos limpos. Todos queriam saber o motivo da elegância de Lauro. Ele explicou: “Vou ao teatro”.

Ora, num fim de mês, todos lisos, de que maneira Lauro iria ao teatro? – pensavam todos. Lauro dirigiu-se ao seu colega, Eutiquiano Reis, e pediu-lhe emprestado só a caixa do violino. Estranho pedido. Por que só a caixa do violino?

No dia seguinte, por intermédio dos colegas, souberam todos do sucesso de Lauro: à entrada do Teatro, com muita gente, ele apareceu com a caixa do violino debaixo do braço, muito sério, exclamou diante do porteiro: “Da orquestra”. E foi entrando. Quem duvidaria que aquilo não fosse verdade? Numa viagem de volta a Natal, no velho trem da Great Western, os estudantes reclamavam a falta de dinheiro para tomar cerveja no caro restaurante. Foram a Lauro e comunicaram o desejo de todos.

Lauro pensou um instante e convidou-os a acompanhá-lo. Entrou no primeiro vagão de passageiros, bateu palmas, chamando a atenção dos presentes e comunicou: “Senhoras e senhores, nós somos estudantes de Direito. Descobrimos no trem, uma pobre esmoler, viúva, com três filhos que está passando fome e não tem dinheiro nem para pagar a passagem. Queremos que todos os corações caridosos ajudem a pobre mulher. Vou mandar correr a bolsa”.

Todos os passageiros, sem exceção, deram algum auxílio em dinheiro. Lauro repetiu o pedido nos outros carros e já havia dinheiro bastante para uma cervejada. Nisso, apareceu um velhote interessado em conhecer pessoalmente a esmoler e ajudá-la em mais alguma coisa. Perguntou onde ela estava, ao que Lauro, com

eterna presença de espírito, informou: “Ela acaba de saltar na última estação”.

Verbetes do *Dicionário do Espírito e Humor dos velhos amigos*, em elaboração.

O CENTENÁRIO DE MANUEL BANDEIRA

Estava na Livraria São José, no Rio de Janeiro, nos idos de 1960, em companhia de Noemi minha esposa, quando o avistei: “Aquele é o poeta Manuel Bandeira”, disse. E era. Foi a primeira e a última vez que o vi pessoalmente. Identificando-nos, recebeu-nos com simpatia e cordialidade que o caracterizavam. Conversamos um pouco sobre livros, figuras e coisas do Nordeste. Depois, saímos juntos e deixamos o poeta num ponto de ônibus na Avenida Rio Branco, ali nos despedindo para sempre.

A Manuel Bandeira, grande poeta e escritor erudito, devo eu inúmeras atenções e palavras de estímulo. A cada livro ou trabalho que lhe ofertava, em resposta recebia cartas amistosíssimas e bondosas. Uma dessas cartas continua em evidência até hoje, porque serviu de apresentação à reedição do *Livro de poemas*, de Jorge Fernandes, que organizei, publicado pela Fundação José Augusto em 1970. Nela, lamentava não o ter conhecido antes. Seu deslumbramento com o poeta potiguar era visível.

Entretanto, o que mais me marcou com relação a Manuel Bandeira, foi outro fato, para mim, extremamente significativo. Estudante do Colégio Universitário, no Rio de Janeiro, na década de 1940, meu livro texto, na disciplina literatura, era *Noções de história da literatura*, de Manuel Bandeira. Livro lido e relido tantas vezes por mim e anotado, muitos trechos.

Dez anos depois, já em Natal, adquirei a segunda edição dessa obra.

Para minha surpresa e alegria, via-me ali citado no capítulo referente à prosa erudita no Brasil, ao lado de Luís da Câmara Cascudo, Joaquim Ribeiro e outros. Era a glória. Citado no livro que estudei.

Mas é preciso registrar que a citação provocou ciúmeira a certo medalhão do folclore, sofrendo eu, por isso, represálias ordinaríssimas. Uma delas, num Congresso, no Rio de Janeiro, proibindo o congressista argentino, Tobías Rosemberg, a me distinguir, numa das reuniões do conclave, com a Medalha Cultural, que recebi depois informalmente. Prova de que a citação de Bandeira não foi graciosa e que ele a repetiu noutras obras, inclusive na edição norte-americana *A brief history of Brazilian literature* (Washington DC, 1964).

Esse o poeta que conheci e que tanto me honrou. Era espírito sensível e generoso para com os jovens. Na passagem do seu aniversário de nascimento (19 de abril), todos devemos reverenciar sua memória e exaltar sua obra que, em verdade, transcende as fronteiras do país pela sua relevância literária e cultural.

O “VENTO LESTE” DE GILBERTO AVELINO

Cada livro de poemas de Gilberto Avelino é um novo campo de experimentações líricas, perplexidades e redescobertas da poesia, sem jamais comprometer a unidade maior da movimentação constante de sua obra: o amor e o mar.

Em “Vento leste”, por exemplo, detectamos poemas nos quais Gilberto Avelino volta a contemplação do mar, daí retirando metáforas maravilhosas em relação ao fenômeno do amor. Referimo-nos ao poema “Ode à visão da enseada”, no qual ele exclama a certa altura: “Ah, o que queres anunciar-me irmão meu de toda hora, se apascentadas não estão – como eu as tuas verdes águas?”.

Depois da constatação, Gilberto reconhece afinidades entre o fundo das águas e seu espírito para proclamar: “Bem sei quanto o teu insossego é fundo ante o verde olhar dela no teu ventre”.

E, “Entre os orós que floram em janeiro e o cheiro que nasce dos pontais novos”, o poeta decididamente se preferencia... Cheque-me a chama do teu corpo branco. É o poeta que se renova a cada livro, como se de cada poema extraísse novas angulações de sua vida marinha e apaixonada.

A presença da infância no mar é conhecida constante da poesia aveliniana. Na “Ode do cais da infância”, entre “Peixes a azular”, “velas de sal unguidas ao vento”, “o sono de mastro e âncoras”, ele conclui: “Longamente o cais espio. E, em carrossel vem girando o menino”.

Um bom pintor poderia ter se inspirado na poesia de Gilberto Avelino para realizar uma série de belos quadros. Tal colorido de vários poemas nuances, sombras, sugestões em cores. Veja-se estes fragmentos da “Ode às águas ao lado do istmo”:

“Tomam (as águas) ao meio dia, a cor de lagartas de fogo. E, ao sol em angústia de ave que sangra o cinza das âncoras mortas. Sobre os rasos espaços correm, enquanto perto transluz o amplo rio. O azul voos de garças riscam de branco. E, à noite, é deusa a solidão do istmo”. Ou: “Bendigo o sossego e o amor das areias que nos pontais ocultam no veio das águas”.

O convite à viagem do sonho, à maneira das borboletas, é outra permanência da poética de Gilberto: “Amigos naveguemos à gambiarra. Assim: com as velas em plural visão das asas abertas borboletas”.

O tempo passa com suas luas e fantasmas, porém o poeta crê na resistência das papoulas, símbolo de algo superior.

Por isso registra a extrema novidade: “Quantos agostos passaram em luas. Quantas velas fizeram-se fantasmas. Mas, resistem às papoulas, rosas minhas”.

Gilberto Avelino, no laboratório de sua imaginação, é o alquimista moderno. E eis a sua grandeza: “Ele está só no mundo e de ouvido colado à concha do seu búzio ouve e proclama novidades, jamais vistas ou mencionadas na terra: o mar, a infância, os barcos, o crepúsculo, o amor”.

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS (O NOSSO JACK LONDON)

Desaparece em São Paulo, no dia 27 de julho de 1984, o escritor José Mauro de Vasconcelos, nosso Jack London, segundo a opinião de Cascudo e Alvamar Furtado.

José Mauro era escritor bi estadual. Tendo nascido no Rio de Janeiro, nos idos de 1920, veio criança para Natal, trazido por seu pai adotivo, Dr. Ricardo Barreto. Na capital potiguar, foi menino e jovem, com todos os defeitos e virtudes da faixa etária. Estudou no Colégio Marista. Aos 20 e poucos anos, arrumou a mala e partiu para as suas aventuras, junto aos índios no Xingu, depois Rio de Janeiro e São Paulo.

Era figura humana extremamente singular. Aventuroso nato, encontrou-se através da literatura. Amava o mar, o sol, a solidão, as selvas selvagens.

Tinha pouquíssimos amigos. Luiz G. M. Bezerra, colega de colégio, era chefe de seu “fã-clube” de uma dúzia de pessoas em Natal. Vez por outra, aparecia na cidade para rever a família, amigos, tomar banho de sol e de mar. Chegava à tarde, guardava a mala em casa e ia para a praia. Escolhia os recantos mais solitários para meditar. Só uma vez, nós o trouxemos a Natal em caráter oficial: no governo Cortez Pereira, para participar do encontro de escritores norte-rio-grandenses fora do estado. Ficou feliz com a lembrança embora passando mais tempo nas praias do que nas reuniões sociais e literárias. Em 1975, dedicou-se ao seu livro *A*

ceia, estranhíssimo, ao lado do seu grande amigo Cicilio Matarazzo e outros.

Apesar da sua simpatia pessoal, era homem arre-dio, um tanto estranho, cultivando ingenuidades. Era desempregado profissional. Só uma vez, rindo muito, confessou-nos que conseguira um emprego: “modelo da Escola de Belas Artes”. Posava todas as manhãs, nu, em cima de uma mesa, para moças e rapazes da escola. Achava o emprego ótimo.

Certa vez, voltando à tarde de um jornal onde trabalhávamos, encontramos José Mauro em pleno *rush*, na Avenida Rio Branco, no Rio, procurando alguma coisa na calçada. Ao indagarmos se perdera algo, recebemos a resposta insólita: “Estou procurando alfinetes. É ótimo procurar alfinetes no meio da multidão. Venha também procurar”. É claro que agradecemos a tarefa inglória.

Seu segundo livro, *Barro branco*, teve relativo sucesso no Rio Grande do Norte, onde decorre a ação da obra – ninguém engoliu a originalidade do título em espanhol. Posteriormente, em São Paulo, vieram as inúmeras edições e reedições de José Mauro, inclusive *O meu pé de laranja lima*, com êxito de venda sem precedente no país. Logo ocorreram as traduções de seus livros em 32 idiomas. Naturalmente que a Editora Melhoramentos impulsionou o autor, mas não se discute que José Mauro soube descobrir o gosto popular. Do contrário, não teriam seus livros ultrapassado extraordinariamente o êxito de venda que se verifica em geral no país.

Em pleno vigor dos seus 71 anos, em São Paulo, ganhando milhões com seus livros, veio a fatalidade: derrame cerebral que o derrubou e o acorrentou, durante dois anos, a uma cama de hospital. Mudo, apenas se comunicando através de sinais com os olhos.

Uma tristeza.

José Mauro de Vasconcelos foi homem que viveu intensamente à sua maneira. Ninguém o segurava. Era humilde, simples e, ao mesmo tempo, estranho. Sua obra de ficção – que a crítica brasileira jamais reconheceu e elogiou – ficará como problema literário a ser estudado no futuro.

“CAMINHOS CULTURAIS” DE GETÚLIO

Tribuna do Norte – Natal/RN

18 de abril de 1994

Se Getúlio de Araújo não existisse – e ele, felizmente, existe –, precisaríamos inventar um outro urgentemente. Afinal, indagará a si mesmo o leitor desprevenido: “Quem é esse Getúlio de que nos fala Veríssimo?”.

É um artista plástico norte-rio-grandense, médico, de raízes seridoenses – nasceu em Acari –, que reside e trabalha em Goiânia, Goiás. Nos últimos anos, Getúlio tem vindo a Natal acompanhado de escritores e poetas goianos, promovendo intercâmbio cultural,

como nunca se fizera no passado, entre os dois estados. Diga-se, para complementar sua imagem, que o trabalho de Getúlio é sério e produtivo. Além disso, apesar do dinamismo com que age, ele é modesto e humilde. Duas virtudes que também o engrandecem. Só pensa e cuida dos amigos, dos muitos amigos de lá e de cá.

Comunica-se com velocidade incrível, que deixaria a imagem de Ayrton Senna – comparando – como motorista de carro de boi. Por aí, talvez, já se possa perceber quem é Getúlio Pereira de Araújo, extraordinário relações públicas, incansável de bondade e generosidade humanas. Em 1993, ele veio a Natal acompanhando figuras da maior projeção na vida cultural goiana.

Vieram com ele o excelente escritor e poeta Brasigóis Felício; o porte da dimensão de Miguel Jorge; o romancista da categoria de Antônio José de Moura e o publicista de valor Eurico Santos. Meses depois, na mesma trilha desse intercâmbio, veio Bariani Ortêncio, versátil homem de letras, romancista, poeta, compositor. E muitos outros virão a seu tempo. Como daqui ele já levou intelectuais a visitar Goiânia e espera levar muitos outros. Tudo trabalho de Getúlio.

Agora, ele publicou livro meritório, que é uma espécie de manual desse intercâmbio potiguar-goiano: *Caminhos culturais do rio vermelho ao Potengi* (Goiânia, 1994). Insere artigos, crônicas e poemas de lá e daqui, numa mostra expressiva do que tem sido o seu esforço de gigante na promoção dos dois mundos.

Acentue-se que não houve ninguém – ao que sabemos – que tivesse feito trabalho de aproximação cultural semelhante ao que desenvolve Getúlio, por sua conta e risco. Sozinho, ele tem feito mais pelo conhecimento dos dois estados do que os órgãos oficiais que têm atribuições específicas no setor da cultura.

Em maio próximo, Getúlio participará de dois eventos em Natal: uma exposição de seus quadros – ele é pintor ingênuo, explorando temas tradicionais e folclóricos; e será recebido, com escritores goianos, pela nossa Academia de Letras, Instituto Histórico/RN e Conselho Estadual de Cultura.

Esse contato será – como gostava de dizer Nilo Pereira – “o encantamento do espírito”. Precisamos prestigiar o gesto altruístico de Getúlio de Araújo.

Num mundo de discordâncias, egoísmos e busca de vantagens, ele promove a amizade e o entendimento fraterno entre escritores. Espontaneamente – acrescente-se. Sem visar qualquer retorno do seu esforço hercúleo e que tem significação coletiva, de sua bondade e alto espírito de compreensão e fraternidade. Getúlio Pereira de Araújo é o embaixador plenipotenciário do Rio Grande do Norte em Goiás. Merece todo o nosso carinho e admiração – o grande Getúlio.

O POETA MAURO MOTA

A impressão que muita gente tem, ainda hoje, quando se fala em poeta, é de que se trata de um in-

divíduo de cabeleira grande, sujo e preguiçoso, que se dedica a rabiscar versos por não ter melhor ocupação.

Não nego que ainda existam poetas dessa categoria aqui, ou em qualquer outra cidade. São sujeitos excêntricos, ainda imbuídos de atitudes parnasianas do começo do século. Mauro Mota, que hoje nos honra com sua visita, espírito dos mais cultos e sensíveis que conheço, é figura humana que foge a qualquer catalogação em face de sua condição de poeta e de sua atitude na sociedade em que vive e em que atua, como um dos seus líderes mais legítimos.

Ninguém é mais trabalhador, responsável e dinâmico do que Mauro. No meu tempo de estudante no Recife, em qualquer madrugada, encontrava Mauro sempre no batente, dando duro, como se diz, na secretaria do *Diário de Pernambuco*.

Depois suas atividades redobraram: continuou na imprensa, é professor universitário e dirige um dos institutos de pesquisas sociais mais sérios que é o Joaquim Nabuco. A todos os movimentos de cultura em Pernambuco, Mauro está presente, dando sempre a sua contribuição ao que de melhor se faz no Recife no terreno literário ou cultural.

Como então justificar o poeta Mauro Mota? Cadê tempo para os dois ócios que a atividade mental exige, quando se sabe que ele tem mil e uma ocupações e compromissos?

É aí que reside, a meu ver, a grande virtude do poeta Mauro Mota. Ele nunca andou à procura da poesia. Não fabrica poemas.

Antes, a poesia é que o procurou, num dos momentos mais dolorosos de sua vida para manifestar-se em versos dos mais lindos e humanos que conheço. Refiro-me ao poema “Elegias e outros poemas” (1952) que, por si só, define o autor e o consagra.

Só agora surge o segundo livro de Mauro, *Os epítáfios*, que não conheço, mas cujo lançamento está anunciado para hoje à tarde, na Livraria Universitária. É outra prova que o poeta não tem pressa em aparecer. De toda sua atividade de uns 15 anos, apenas dois livros de versos.

Mauro, porém, não é apenas o grande poeta das “Elegias”, seus estudos de ecologia e interpretação social da vida nordestina são conhecidos e aplaudidos por todos que se interessam pelos problemas de nossa região. Livros como *O cajueiro nordestino* e *Paisagem das secas* dignificam qualquer escritor, porque enriquecem a bibliografia dos estudos do Nordeste.

Seria injustiça que não se proclamasse, no dia em que nos visita, o trabalho combativo que desenvolveu divulgando os nomes e os trabalhos dos intelectuais mais novos do Rio Grande do Norte no seu “Suplemento Literário”, e tudo isso com sinceridade e modéstia, porque nem sempre soube valorizar o trabalho alheio.

Junto com Mauro Mota, está chegando a Natal o poeta Ascenso Ferreira com seus 300 quilos e sua grande poesia. Ascenso acaba de lançar, em discos *long-play*, todos os poemas dos seus três livros publicados. Certamente, pretende lançá-los na cidade

de Natal. Entretanto, vamos esperar os dois grandes poetas para acertar os ponteiros.

EDSON NERY DA FONSECA

O escritor e crítico literário Edson Nery da Fonseca é um dos expoentes da cultura brasileira contemporânea. Por ser extremamente discreto, pouco se conhece sobre sua personalidade, projetos literários e grandes admirações.

Nasceu no Recife, a 6 de dezembro de 1921. Tem um vínculo de família no Rio Grande do Norte. Seu avô materno, José de Macedo, era natural de Caicó, casado com a inglesa dona Elsa Maria Harris, cujo pai trabalhava na Machine Cotton.

A formação universitária de Edson foi tumultuada. Por ter sido convocado para o exército, durante a Segunda Grande Guerra, abandonou a Faculdade de Direito do Recife.

Após três anos de caserna (1943-1945), deliberou fazer o bacharelado em biblioteconomia “por acreditar na importância da biblioteca na educação permanente e na formação da cidadania”. Ainda se matriculou na Faculdade Nacional de Filosofia, mas logo desistiu por considerá-la decadente.

Como professor de sua especialidade na Universidade de Brasília, viveu ali período de intensa atividade intelectual, guardando boas recordações de seus amigos reitores Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, dos pro-

fessores e um aluno que considerava genial: Inocêncio Mártires Coelho.

A uma pergunta que lhe fizemos sobre qual o número de páginas de uma publicação para considerar-se livro, informou: a norma da Unesco estabeleceu que publicação de até 50 páginas deve ser considerada folheto; de 50 em diante já é livro. A respeito da *boutade* de que publicação que não fica em pé não é livro, Edson discorda e diz: “O *Discurso do método*, de Descartes, também não fica em pé, mas ficou na história da filosofia”.

Sobre Gilberto Freyre – de quem é um dos maiores conhecedores de sua obra –, declarou: “Foi a figura de mestre que me ficou até hoje maior impressão”. Acrescentou: “Logo senti que ele era tão grande quanto os pensadores e escritores que conhecia apenas de leitura”. Ele o ajudou a conscientizar-se “de que ser brasileiro, é perceber a importância de interdisciplinaridade”. Do homem Gilberto Freyre, disse-nos que a impressão maior foi a de sua fidalguia sem afetação, do seu gosto para ouvir os outros, do seu horror à oratória e à ênfase dos doutores. Costuma defini-lo como “um grande sedutor”.

Quanto à sua exigência e inflexibilidade de posição como crítico literário, justificou-se: “Sigo a lição de André Gide: “É com os bons sentimentos que se faz a má literatura”. Como proclamou o seu mestre Otto Maria Carpeaux, Edson adiantou: “Da minha capacidade ilimitada para admirar os que são realmente grandes, deduzo o direito da crítica mais severa”. O carinho que

tem pelos gatos, confessou-nos: “É uma forma de ser fiel a minha mãe que os adorava. Mas, só comecei a criá-los por um motivo prático: para combater os ratos que ameaçavam a minha biblioteca”.

NOMES SAUDOSOS

20 de maio de 1950

Os últimos dias têm sido de tristeza e de luto para muitas famílias antigas e tradicionais de nossa terra. O Ano Santo, esperado com tantas alegrias pelas mães de famílias católicas de Natal, tem sido para muitas, infelizmente, um ano de amargura profunda e irreparável.

Não contarei apenas o exemplo que me ficou mais de perto, enlutando a minha família para sempre, com a morte de meu querido pai – Graciano Melo – de quem não posso falar agora sem turvar os olhos e sentir uma indefinível saudade.

A casa paterna, “onde tudo parecia impregnado de eternidade”, para lembrar os versos de Manuel Bandeira, acabou-se de uma hora para outra, definitivamente. Mas é possível calcular ou definir o que representa essa tragédia na existência de uma família? Só os que sofreram também o rude abalo poderão ter uma ideia do que significa o desaparecimento de um chefe de família como meu pai, homem pobre, mas de uma honradez a toda prova, que se privava de todo o conforto

para manter o equilíbrio financeiro do lar, educando todos os filhos e encaminhando-os na vida, pelo exemplo das próprias virtudes, pelo conselho e pela autoridade paternal.

Não quero e não posso evocá-lo num artigo de jornal, mesmo superficialmente, porque estou ainda bem perto de sua morte, para sentir e expressar verdadeiramente o que esse golpe representou no seio da minha família.

Outros chefes de família, também figuras tradicionais natalenses, como o Coronel Quincó (Joaquim Anselmo de Moura), Teodorico Guilherme e João Galvão, Fotógrafo, partiram quase ao mesmo tempo para a viagem definitiva.

Relembro hoje, rapidamente, esses velhos vultos conterrâneos arrebatados de uma existência honesta e produtiva. Foram todos meus amigos e deles guardo recordações inesquecíveis, lamentando, ainda hoje, a morte de todos.

Coronel Quincó – parece que o estou vendo – palestrando entre amigos na praça João Maria, em gestos largos, brandindo o guarda-chuva no ar como se fosse uma carabina. Teodorico Guilherme comandando a procissão de Nosso Senhor dos Passos, de bastão prateado em punho, numa autoridade inconfundível; e João Galvão, Fotógrafo, como era conhecido, vermelho como um camarão, presente a todas as solenidades, com a sua máquina antiga de pano preto, mão erguida, pedindo a atenção dos presentes para a chapa que dormia na pontaria.

Graciano Melo, Coronel Quincó, Teodorico Guilherme, João Galvão, Fotógrafo, nomes queridos, nomes saudosos, nomes que nos fazem lembrar o verso imortal de Camões: “Quem morre não morreu, partiu primeiro”.

BARROSO PONTES – UM HOMEM CORDIAL

Antonio Barroso Pontes é o que se pode chamar um homem cordial. Atencioso com todos, respeitador, vive pedindo pelo amor de Deus para prestar um favor a alguém. Cascudo nos dizia que, quando gostava de um amigo escritor, andava duas léguas para trás a fim de citá-lo em seus livros. Barroso Pontes é dessa espécie de homens generosos, fraternos.

Será que ele foi sempre assim, desde o início de sua formação? Pelo que deixa entrever em seus livros, um tanto biográficos, não parece. Mas o comportamento de sua maturidade iria favorecê-lo tanto quanto ele o merecia.

Em verdade, a vida de Barroso Pontes nem sempre foi um mar de rosas. Menino pobre e jovem sofrido lutou bravamente por um lugar ao sol. Deu duro nos vários empregos humildes pelo Nordeste afora, especialmente no Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Conscientizou-se, desde cedo, de que ou enfrentaria a vida como ela é ou cairia no fundo do poço. Forte de espírito e de corpo, decidido e corajoso, deliberou seguir desassombadamente o seu destino, assumindo com responsabilidade os diversos postos a que foi con-

vocado a servir.

Conhecemos Barroso desde o tempo em que foi administrador da Vila de Parnamirim, em Natal, durante a última Grande Guerra. Época em que a localidade tinha apenas o campo de aviação e um arruado de casas esparsas.

Ele foi designado para prestar serviços de apoio às tropas americanas, resolvendo problemas cotidianos nas relações entre brasileiros e americanos. Tornou-se assim um embaixador plenipotenciário, acumulando os cargos de delegado de polícia e chefe da contraespionagem. Só isso lhe dava oportunidade para demonstrar o seu poder de decisão, espírito de iniciativa, enfim, o seu valor pessoal jamais desmentido.

Pontes cumpriu a tarefa difícil de um modo exemplar. Fez mais amigos do que inimigos. Relacionou-se com toda a cidade de Natal, ganhando prestígio na área do governo estadual como autêntico líder popular.

Com o crescimento de Parnamirim, tudo fazia crer que ele seria o primeiro prefeito do novo município. Tinha qualidade e qualificação pessoal e serviços prestados, além de contingente ponderável de amigos e admiradores. Todos o queriam como prefeito da florescente comunidade.

Houve a eleição. Ele conquistou votos suficientes para eleger-se tranquilamente – a informação está no seu mais recente livro publicado *Reminiscências de um caboclo sertanejo*.

Acontece que Barroso era “marinheiro de primeira viagem”. Não se vinculara aos poderosos da política

local. Resultado: tomaram-lhe a votação, como era dos usos e costumes antigos. Os votos já quase contados, de repente sumiram por entre o rendilhado das negociatas eleitorais.

Nem isso arrefeceu o ânimo do bravo lutador. Deu adeus a Parnamirim e mudou-se com armas e bagagens para a Paraíba. Vieram novos amigos e novos desafios. Conquistou posição e se firmou como jornalista profissional, colaborando assiduamente no *Diário de Pernambuco* e outros periódicos do Nordeste.

Nos seus artigos, Pontes reuniu e usou a experiência de vida e o conhecimento dos valores humanos com os quais foi contatando. Publicou vários artigos e vários livros do seu saber de experiência feito. Era jornalista ativo, observador voraz dos homens e acontecimentos de sua época.

A tudo juntou o pitoresco da cena social e política paraibana, fixando histórias deliciosas nos seus livros. De certa forma, ofereceu contribuição valiosa para esboçar o perfil do homem dessa região sofrida e discriminada em que vivemos.

Louvamos o esforço, a dedicação ao trabalho, o ardor cívico desse lúcido “caboclo nordestino”, como ele próprio se classificava modestamente. Hoje é nome conceituado e admirado pelas suas virtudes de cidadão e amigo fiel aos seus amigos.

Essas *Reminiscências de um caboclo nordestino* é só uma parte do romance mágico e real do autor nordestino, a quem nos liga amizade fraterna de cinco décadas, sem uma rusga no coração.

MESTRE AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

Tribuna do Norte – 26 de agosto de 1996

Mestre Américo de Oliveira Costa foi uma das personalidades cimeiras da vida intelectual norte-riograndense nestes últimos 50 anos. Desapareceu no dia 1º de julho de 1996, com 85 anos e meses.

Nasceu em Macau/RN, a 22 de agosto de 1910. Convivemos com Américo durante muitos anos, tanto na Academia Norte-Riograndense de Letras quanto no Conselho de Cultura do Estado.

Era cidadão discreto, modesto, sempre bem-educado. Entre amigos intelectuais era bem-humorado, gostando de lembrar passagens de livros e episódios pitorescos.

Quando se lhe fazia referência elogiosa à sua obra literária, lembrava artista popular que conhecera em Mossoró, o qual agradecia as palmas da plateia com estas palavras: “Essas palmas agradeço de coração. Agradam ao artista”.

Américo teve atuação destacada na vida pública do estado, exercendo o cargo de secretário-geral nos governos de Dix-Sept Rosado e Sílvio Pedroza. Interinamente, ocupou diversas secretarias de estado.

Professor titular da Faculdade de Direito da UFRN, foi ainda professor de Cultura Brasileira e Técnica de Jornal, na Faculdade de Jornalismo da Fundação José Augusto. Lecionou ainda nas antigas Escolas Normal

e na Escola Doméstica. Foi promotor público, juiz do Tribunal Regional Eleitoral, aposentando-se como promotor fiscal do estado.

Um dos fundadores da Aliança Francesa de Natal, recebeu duas importantes condecorações do governo francês, pelas suas demonstrações de admiração e amizade à cultura francesa.

Na imprensa natalense, colaborou assiduamente com *A República* e o *Diário de Natal*, tendo sido editorialista deste último matutino durante vários anos.

Ensaísta e crítico literário, Américo foi distinguido, em 1992, com sua eleição para o Pen Clube, do Rio de Janeiro. Na sua posse, em 16 de maio de 1992, foi saudado pela escritora Heloísa Maranhão, em sessão presidida pelo escritor Almir Madeira.

Publicou diversos e valiosos livros, destacando-se o seu ensaio *Aurélio Pinheiro – tentativa de estudo crítico e biográfico* (1950); *Viagem ao universo de Luís da Câmara Cascudo* (1969); *A biblioteca e seus habitantes* (1971); *Seleção de Luís da Câmara Cascudo* (1972) e *O comércio das palavras: textos e montagens* (1989), seguindo-se mais 2 volumes dessa obra. Na verdade, Américo foi um leitor voraz, sendo a maior parte de sua obra fruto de leituras e interpretações de autores e livros. Grande parte de sua obra, de seus artigos e ensaios encontra-se dispersa em jornais e revistas de Natal. Sua obra é fonte permanente de sabedoria e humanismo.

Quando da passagem do general De Gaulle por Paranamirim, durante a Segunda Guerra Mundial, Améri-

co foi recebê-lo e cumprimentá-lo com outros amigos. Nessa oportunidade, recebeu exemplar de *Memórias*, de De Gaulle, com esta dedicatória significativa, que vale uma condecoração: “Ao sr. Américo de Oliveira Costa, em lembrança da grande e em testemunho de meus fiéis sentimentos pelo sr. e por seu grande país. Charles de Gaulle – Natal – 9/8/1956”.

DUAS CONFERÊNCIAS SOBRE NATAL

Gilberto Osório e Odilon Ribeiro Coutinho
falam sobre Natal

O espaço e o homem

Sobre a cidade de Natal – o espaço e o homem –, há duas conferências importantíssimas que deveriam figurar numa antologia especial sobre a capital do Rio Grande do Norte.

A primeira foi proferida pelo saudoso geógrafo pernambucano, Gilberto Osório de Almeida, a respeito da posição geográfica *sui generis* de Natal. A segunda, sobre o traço psicológico fundamental do natalense, foi pronunciada recentemente pelo ensaísta Odilon Ribeiro Coutinho ao receber a Medalha do Mérito Alberto Maranhão. São duas obras-primas. Ninguém desenvolveu teses mais impressionantes e mais belas sobre “o espaço e o tempo” – o homem natalense, do que eles dois – partindo de escritores de outros estados.

Gilberto Osório fez a sua conferência nos idos dos anos 1960. Infelizmente, ninguém a guardou para publicação. Temos dúvidas ainda se Gilberto leu a sua palestra ou se a fez de improviso. Foi no tempo em que Sílvio Pedroza era prefeito de Natal, tendo sido proferida no Teatro Alberto Maranhão.

Em síntese – já escrevemos a respeito –, Gilberto Osório mostrou que a cidade de Natal só existe por dois motivos essenciais: a presença dos ventos alísios que varrem a cidade diuturnamente, possibilitando clima saudável e habitável; e pela presença das dunas que a circundam. Sem as dunas que a protegem das areias, que os alísios atiram constantemente sobre o chão da cidade, Natal não poderia existir.

Disse mais Gilberto Osório:

“Se percorrermos o meridiano de Natal, onde ela está inserida, só encontraremos desertos ou semidesertos. Nenhuma sociedade floresceu naquela faixa tórrida. A exceção é a cidade de Natal, protegida pelos ventos alísios e as dunas salvadoras”.

A conferência de Odilon Ribeiro Coutinho é depoimento antropológico magistral sobre o caráter do homem natalense em geral. Sendo paraibano, com larga vivência no Recife – além de conhecer bem outras capitais nordestinas –, Odilon salientou que o homem natalense difere de todos os outros do Nordeste, pela sua cordialidade inata e vivência democrata. É o traço que acentua com fundamento histórico e antropológico, até mesmo com base na nossa formação pastoril e agrária do estado. Os poucos engenhos de açúcar trouxeram

para o Rio Grande do Norte um pequeno contingente de escravos, havendo maior assimilação do elemento indígena com os lusos conquistadores e colonizadores através dos sertões norte-rio-grandenses.

Odilon traçou ainda retrato magnífico do mecenas Alberto Maranhão, que chegou a conhecê-lo na juventude – destacando igualmente a figura emblemática da escritora Nisia Floresta.

São os dois vultos mais representativos do estado, que merecem cuidadosa e carinhosa interpretação sociológica e psicológica por parte do conferencista.

Por sugestão do governador Garibaldi Alves Filho – que declarou, após ouvir a palavra do escritor Odilon Ribeiro Coutinho, que vivera “um momento mágico” naquela tarde inesquecível –, a Fundação José Augusto irá publicar, em livro, a conferência do notável escritor e ensaísta paraibano. O que Odilon proclamou com a ênfase que sabe imprimirá sua palavra culta e fulgurante. É algo que não se pode esquecer.

Março de 1996

Nota: Estes foram os últimos artigos escritos por Veríssimo de Melo, que faleceu domingo passado.

MANOEL NENEM

“Para amostra, basta um botão”, diz um antigo provérbio espanhol. De fato, o trabalho de José Aloísio

Brandão Vilela, que acabo de ler, assegura-me que estou diante de um dos grandes folcloristas de Alagoas.

Usineiro e plantador de cana, morando no próprio engenho, conforme me diz em carta seu primo irmão Théo Brandão (outro esteio dos modernos estudos do populário alagoano): “José Aloísio é um apaixonado de tudo que diz respeito às nossas tradições populares”.

Sua conferência, lida no Centro de Estudos Econômicos e Sociais daquele estado em 1945 e publicada na Revista do Instituto Histórico de Alagoas (Volume XXV – 1947), revela-o conhecedor seguro da nossa poesia popular, pesquisador que não se fadiga, informado de melhor bibliografia brasileira sobre o assunto. E é através desse estudo que travo conhecimento agora com um dos cantadores mais impressionantes do país. Refiro-me a Manoel Nenem (Manoel Floriano Ferreira), mulato alagoano, analfabeto, de poderosa imaginação, senhor de todos os ritmos, esmagando, pela graça maravilhosa de seus repentes, qualquer adversário.

Na opinião respeitável de José Aloísio Brandão Vilela, Manoel Nenem é “o maior dos nossos cantadores vivos”. Leonardo Mota, o saudoso mestre, dizia ao próprio José Aloísio, que o maior cantador do Nordeste era o cearense Anselmo Vieira de Souza. E Luís da Câmara Cascudo afirma que o mais original de todos é Jacó Passarinho. Cantadores pernambucanos, com os quais José Aloísio tem convivido, dizem que o maior de todos é Severino Pinto.

De qualquer forma, pode ser que Manoel Nenem não seja o maior, mas o certo é que, atualmente, me

parece insuperável. Tudo que sai da garganta desse mulato tem um sabor inimitável.

Os exemplos que José Aloísio apresenta são demonstrações irrefutáveis do seu talento genial. Vejam só como Manoel Nenem se apresenta antes de iniciar uma cantoria:

Seu dotô, eu pra cantar
Não faço triste figura,
Abro a boca, estendo o verso,
Tenho rima com fatura
Meu pensamento é um veio
Parece com um rio cheio
Correndo em toda largura.

Eu me chamo Manoel
Floriano Ferreira,
Papagaio falador,
Curiantã cantadeira,
Rosa de todo jardim,
Água de toda ribeira.
Eu sou o Manoel Nenem
O campeão do repente,
Que quando dispara um verso
Tem quatro ou cinco no dente
E nunca perde uma rima
Nem que o diabo arrebente.

Manoel Nenem quando canta
Ninguém fica no sereno,

Todos vêm apreciar
Do grande até o pequeno
Padre, doutor, bacharel.
Branco, cafuzo e moreno.

Falando de sua vida, velho tema que os cantadores tanto gostam, Manoel Nenem faz um jogo de palavras que enche a boca da gente d'água:

Eu não sei o que é que tem
Minha viola amarela,
Ela combina comigo
E eu combino com ela
Eu sou dela e ela é minha
Ela é minha e eu sou dela.

Que é que tu tens viola velha
Que é que tu tens violinha,
Minha viola amarela
Meu pensamento adivinha
Ela é minha e eu sou dela
Eu sou dela e ela é minha.

E um homem desses é analfabeto. Ele próprio confessa nesses versos interessantes:

Sou cantador atrasado
E meus erros ninguém note,
Eu só canto porque Deus
Foi quem me deu este dote

Mas eu só conheço o “o”
“Devido à boca de um pote”.

Mas onde Manoel Nene se agiganta e rivaliza com os nossos maiores poetas líricos é neste pedaço que adiante transcrevo.

Vejam só com que espontaneidade ele fala de coisas prosaicas e poéticas ao mesmo tempo:

O meu verso é uma jaula
Que o cantor entra e não sai
Minha palavra é uma bala
Bate no poeta e ele cai.
A fonte do meu repente
Ninguém sabe onde ela vai.

Colega tenha cuidado
Do meu cantar tome nota.
Sou um pé de roseira branca
Quanto mais velho mais bota,
O meu tanque de repentes
Nunca mais ninguém esgota.

Criei-me sem pai nem mãe
No meio deste sertão,
Andando de déu em déu
Fui criado, meu patrão,
Com o sol e com a chuva
E com os ramos do algodão.

Fico contente da vida,

Cantando desta maneira,
Aqui nesta sala bela
Canto bem a noite inteira.
Estou como um sabiá
No galho de uma roseira.

Manoel Nenem sabe que é grande cantador e não tem medo de apregoar:

Pra cantar mais do que canto,
Nenhum poeta nasceu
Se nasceu, não nasceu vivo,
Se nasceu vivo, morreu
Se existe, está muito oculto
Que ainda não apareceu”.

E não quero terminar esta nota sem fazer um apelo sincero a José Aloísio Brandão Vilela, no sentido de que continue a sua recolha de materiais folclóricos, através dos versos dos cantadores nordestinos. Sobre esse formidável Manoel Nenem escreve José Aloísio, que tanto o conhece e admira. Um cantador desse não é tema somente para uma conferência. Ele é digno de um esforço maior. Pede um livro. E ninguém mais aparelhado para isso do que José Aloísio Brandão Vilela, que transformou sua sala grande do engenho numa espécie de quartel general dos cantadores do Nordeste que transitam por Alagoas.

MYRIAM COELI – UM ANJO

Todos nós, velhos amigos e companheiros de imprensa, sofremos com o desaparecimento de Myriam Coeli – a poetisa. Era uma dessas pessoas que somente irradiavam delicadeza, compreensão, carinho humano. De sua boca jamais se ouviu uma só palavra áspera ou amarga contra quem quer que fosse. Myriam comunicava otimismo e alegria de viver à flor da pele. Por isso, fez de sua vida uma busca permanente de beleza, harmonia e amor – expressões que transbordavam em todos os seus versos.

Mesmo nos últimos anos, certamente de extrema amargura interior – pelos problemas com a saúde, ameaçada e abalada a cada dia –, Myriam não mudou. Nem nos afligia com palavras de desespero ou desesperança. Nos raros encontros de rua ou de reuniões sociais, ela permanecia a mesmíssima pessoa: doce e leve no trato, com aquele sorriso ingênuo de criança tímida.

Não sabemos de outro exemplo mais forte em nossa terra do que esse dessa frágil, extraordinária criatura, que foi Myriam Coeli. Seus últimos livros, todos premiados, e com justiça, são mensagens de lirismo, que enriquecem a literatura norte-rio-grandense.

Se em algum de seus livros é possível vislumbrar a dramaticidade dos momentos que vivia, pela obsessão da morte que a rondava, jamais Myriam fez desse doloroso tema que a rondava sua motivação maior.

Ela acreditava na vida. Sonhava com a recuperação e pregava a fraternidade universal.

É muito cedo para se avaliar a contribuição de Myriam Coeli no domínio da criação poética. Ela inovou em muitos aspectos de sua poesia. Foi além do seu tempo. Adiantou-se no futuro.

De Myriam Coeli sempre falaremos com admiração verdadeira e até exaltação. De agora em diante, todavia, ela virou anjo e o lugar de anjo é no céu. Continuaremos a falar sobre Myriam com profunda saudade.

WALDIR – BOM DE FATO

Espínola é exemplo recente e expressivo de funcionário itinerante que bebeu da nossa água – como de dizia –, gostou e resolveu ficar para sempre. Dessa vez, a cidade de Natal saiu lucrando. Mas, de outras, deixa para lá.

Waldir é figura humana de múltiplas virtudes. Papo excelente, versado em vários ofícios, doutor em futebol, tem experiência de vida que o enriquece em sabedoria, conhecimento dos homens e terras do país.

Faz poucas semanas, ele revelou mais uma faceta de talento: Lançou um romance *Honorato – bom no ato*, cuja ação atribulada se desenvolve no interior do Rio Grande do Norte. Livro impróprio para menores até 80 anos, vem provocando controvérsias e comentários.

Lemos *Honorato* já há algum tempo, ainda nos originais. A espontaneidade da narrativa é traço que

ressalta logo às primeiras páginas. Honorato é personagem central – o machão. Tipo semelhante a tantos por aí, para o qual a vida consiste num jogo intenso de paixões e nada mais. Embora estreando no complexo gênero literário, Waldir soube criar personagens e situações de forte realismo, imprimindo clima de constante curiosidade à narrativa.

Na época em que lemos o volume, fizemos até observação suplementar ao autor, que foi rejeitada.

Apesar do entrecho final do livro ser de grande impacto psicológico, entendíamos que as aventuras do Honorato poderiam ter continuação, tal a vitalidade do personagem, tal a crescente atração da narrativa picaresca.

O fato é que o romance de Waldir Espínola está na rua, com aceitação vitoriosa por parte do público, surpreendendo autor e editor. O acontecimento na Livraria Lima foi um acontecimento da cidade.

LUIZ TAVARES – O GIGANTE BOÊMIO DE NATAL

A cidade de Natal ficou mais triste no dia 21 de dezembro de 1982, com o desaparecimento de Luiz Tavares – o gigante boêmio inesquecível.

Lula foi um de nossos ídolos, na mocidade, pelas histórias extraordinárias que ele contava. Era um homem de físico descomunal. Era um gigante de fato. Quebrava coco verde com um soco e amassava capote de automóvel com murro, por mero divertimento. Pesa-

va 180 quilos, todavia era um boêmio inteligente, espi-rituoso de criatividade constante.

Amava a poesia popular, o cancionero da música urbana, o esporte da vaquejada. Como conversador, numa roda de amigos, era insuperável de verve, repen-tes fulminantes, ditos e pilhérias fabulosas.

Sabia histórias incríveis. Histórias suas também, que fantasiava com imagens e exageros característicos. Suas aventuras na mocidade, brigas homéricas, farras e quebra-quebras ficaram no folclore natalense. Botava apelidos gozadíssimos, como Farinha Mofada, para Antônio Soares Filho, ou Penico Cheio, para Sílvio Tavares.

Apesar de aparência carrancuda de homem malcria-do, que causava pavor às crianças, era Luiz Tavares, contudo, alma doce e terna. Cantava sambas dolentes e se transformava interpretando velhos tangos nostál-gicos. Era afinado. Tinha boa voz e era exigente com o acompanhamento dos violões.

Além disso, era um coração generoso que se sacrifi-cava pelos amigos a qualquer momento. Sua presença numa roda de boêmios, varando a madrugada, era ga-rantia de tranquilidade para os circunstantes.

Quem se atreveria a interromper os lazeres do gi-gante boêmio? Entretanto, era bem-humorado e até permitia gozações dos amigos íntimos, como Raimundo Cavalcante, Ney Marinho, Roldão Botelho, Careca, José Maria Guilherme e tantos outros – embora reagisse com palavrões terríveis quando ofendido.

Nascido no Assu, a 29 de novembro de 1913. Veio menino para Natal, estudando no Colégio Santo Antô-

nio. Depois, concluiu o curso de Técnico Agrícola, em Areia, na Paraíba. Ele próprio dizia que era “capa-bode”, apelido da profissão.

Conversando, uma vez, numa roda onde estava Raimundo Cavalcante, ele declarou que nunca mentiu em sua vida. Apenas, botava um “babado” na história. E contou aquela do baile em Mangabeira, afirmando: “Uma vez fui a um baile em Mangabeira que nunca vi mais animado”.

O salão era de barro batido. Pois bem, a animação do baile era tanta, que o chão começou a ceder. E tanto cedeu que chegou uma hora que o povo que estava no sereno, não se via mais ninguém no baile: o salão afundou.

NA CASA DOS POETAS

Na nossa passagem pela cidade de São Luís do Maranhão, um dos nossos alumbramentos foi, sem dúvida, a visita que fizemos ao casal Fernando Viana e dona Lourdes Bacelar Viana.

Fernando, médico – hoje desfrutando os benefícios da sua aposentadoria –, ex-parlamentar, poeta de poucos livros, mas excelente poesia, é figura humana rara e nobre. Hoje está ligado ao Rio Grande do Norte através de dois de seus filhos que aqui casaram.

Mora o casal em velho casarão à rua Egito, com deslumbrante vista para o Rio Anil. A casa regurgita de gente, filhos e netos, amigos, numa incessante movimentação.

Relembramos a visita do casal a Natal, várias vezes, assim como os amigos comuns, como Cascudo, Mariano Coelho, Cosme Lemos, Newton Navarro.

Citamos algumas quadras satíricas norte-rio-grandenses, ao que Fernando Viana retribuiu com esta sua, magnífica: “Vi-te há pouco com um vestido/e há pouco foste mudá-lo./Ah, se eu tivesse podido/abraçar-te no intervalo.”

Ofereceu-nos exemplar do seu livro – *Seara* – em que há alguns dos seus melhores sonetos mais recentes. Todavia, a surpresa maior, naquela visita, estava reservada ao momento em que ouvimos alguns poemas recitados pela autora, dona Lourdes Bacelar Viana, como “Oração de Natal” e “Minha canção ternura”. Duas joias da poesia maranhense e brasileira. Diante do nosso espanto, Fernando Viana segredou-nos mais uma vez: “Ela é maior poeta do que eu”. Dona Lourdes Bacelar Viana diz coisas dessa profundidade e beleza na sua oração: “É certo que nos ombros doloridos/nós carregamos bem pesada cruz./Mas, nesses anos todos já vividos,/vem sendo o nosso amor quem a conduz...”

CAPÍTULO 11

—◆—

**VERÍSSIMO:
VISTO POR
LAURO PINTO**

VERÍSSIMO DE MELO

Lauro Pinto

Nasceu em Natal. Ensaísta, folclorista, historiador, professor universitário, vive empolgado pelo folclore, aportuguesamento do termo inglês – *Folklore* (*lore*, antigo substantivo verbal de *learn*, e *folke*, vulgo) – referente aos costumes e tradições que persistem nas camadas inferiores de uma sociedade evoluída, com o resto de uma cultura abandonada nas classes superiores.

Veríssimo, na sua atuação como escritor, não somente recolhe o material fornecido pelo folclore, como o burila com seu estilo próprio, individual. Ele utiliza os documentos, as fontes de suas investigações, para servir ao estudo da literatura. Certo que esta e o folclore não se confundam. O primeiro é de natureza objetiva, enquanto a literatura tem caráter subjetivo.

Se é no folclore que a literatura encontra sua fonte original, tem razão Câmara Cascudo quando diz que ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular.

Os livros de Veríssimo de Melo estão cheios da alma do povo.

Estudante ainda, no Rio de Janeiro, leu a obra de Manuel Bandeira – *Noções de história da literatura* –, e 10 anos depois era citado por esta, na segunda edição da obra, entre os que, no Brasil, davam valiosa contri-

buição a esses estudos, o que provocou uma grande ciumeira.

Por versar gêneros literários diversos, incluímo-lo no capítulo literatura, certo de que esta se usa com alcances vários – retóricos, filosóficos, históricos, etc. Apesar de dizerem uns autores que o jornalismo, a história, a filosofia e a sociologia estão fora da literatura (Afrânio Coutinho), pensamos com H. Tavares, citando D. Bonald, que qualquer obra em prosa ou verso, de conteúdo artístico ou científico, que envolva conhecimento da vida e dos homens, será literatura.

Afirmam outros ainda, que o pesquisador não é nada em cultura ou literatura, esquecidos de que a pesquisa histórica é uma ciência e uma arte e, nesse sentido, já opinamos anteriormente.

Veríssimo tem paciência beneditina para encontrar a fonte, o veio.

Graças a ele, à sua perícia de batedor, temos à mão o cascalho diamantífero ou os grãos auríferos. Sem isso não teríamos o cabedal necessário a uma antologia, como a que desejaríamos organizar.

Tem mais de 100 trabalhos publicados sobre folclore no Brasil, Portugal, Itália, França, Espanha, Alemanha e Venezuela. Fundou, juntamente com Câmara Cascudo, Onofre Lopes, Dom Nivaldo Monte e José Nunes Cabral de Carvalho, o Instituto de Antropologia, hoje museu Câmara Cascudo, que é uma das unidades mais atuantes da nossa universidade.

CAPÍTULO 12

ENTREVISTAS
E HISTÓRIAS

ENTREVISTAS E HISTÓRIAS

Veríssimo entrevista o maestro Oriano de Almeida, depois de ter ganhado um prêmio, entre 22 paulistas e cariocas, na Associação Potiguar, no Rio de Janeiro. Quando o cidadão vai ficando importante, vai ficando também difícil de se encontrar em casa. Foi o que aconteceu agora com Oriano. Quase uma semana que o repórter telefona. Telefona e as respostas são essas: “O senhor Oriano não está”, “O senhor Oriano foi dar um concerto em Petrópolis, na casa do milionário fulano de tal”, “O senhor Oriano foi ao Municipal”, “O senhor Oriano está estudando”, “O senhor Oriano foi a um banquete, com Mister Ship”...

Ora, o repórter também precisa ganhar o pão nosso de cada dia, e por isso tem uma paciência extraordinária, “uma resignação de inseto atormentado por crianças”, como dizia o velho Balzac.

Às oito horas do último domingo, finalmente, o repórter abraçava Oriano no Largo do Machado. Não é intimidade não. O repórter já o conhecia pessoalmente, muito tempo antes da recente coroa de louros. Ainda nos remotos tempos do Atheneu.

“O que é que você nos diz do concurso?”. Arriscamos. E ele com aquela voz calma, voz arrastada, tipicamente nossa: “Formidável, rapaz, formidável! Nunca fui tão bem tratado em toda minha vida. Aliás, aqui pra nós, estou com um prestigozinho na elite musical de São Paulo.

“Você concorreu com quantos pianistas?”

“Vinte e dois. Cinco ou seis muito bons. O resto fraquinho”.

“Quanto tempo durou?”

“Um mês mais ou menos”.

“Quais foram os autores que você interpretou?”

“Schumann, Chopin e Debussy. A primeira vez, toquei a Sonata em Sol Menor, de Schumann. A segunda, um Scherzo de Chopin, e Clair de Lune, de Debussy. Na terceira, e última, repito Chopin, e houve aquela festa que você já sabe”.

O repórter respondeu: “Sim, eu sei, agora conte isso direito para os fãs do jornal d’A *República*”.

“Os concorrentes tocavam e dona Madalena ia corrigindo. Quando chegou minha vez, ela não me corrigiu, porque não tinha nada para corrigir... então os intelectuais e professores da terra que compunham a mesa, fizeram um diploma na hora e me deram. Depois a Sociedade de Cultura de São Paulo me conferiu o prêmio de doze concertos, sendo dez nas principais cidades do estado e dois na capital, no Teatro Municipal, e com acompanhamento de orquestra sinfônica”.

Oriano, aqui, não pôde evitar um sorriso de grande alegria e repetiu:

“Com orquestra sinfônica, meu filho... O maestro com aquela cabeleira enorme, os violinos chorando e eu, coitado, tão humilde no meio”.

“E quando se realizarão esses concertos?”

“Em janeiro ou fevereiro”.

“E o que você diz de tudo?”

“Estou satisfeitíssimo. Seria bom que você dis-

sesse aos leitores d'A *República*, que eu devo mais isso a Waldemar e dona Madalena, que a mim mesmo. Dona Madalena merece todos os elogios possíveis”.

O repórter pensou: “Para que melhor elogio do que esse?”.

Depois, Oriano falou da guerra (porque é impossível deixar de falar nessa desgraça nos dias que correm), que, por sinal, veio prejudicar certos planos seus... (Isso é segredo!)

A entrevista tinha começado no Largo do Machado. Mas houve um bonde para a cidade, um cafezinho na Cinelândia, e naquele encontro com o violoncelista, Aldo Parisot, saiu a conversa sobre Natal. Falou-se em Waldemar, Cascudinho, Edilson, a Rádio Educadora de Natal (para a qual Oriano teve as palavras mais amigas, fazendo entender que ela será o mais decisivo veículo da música no estado), e a entrevista terminou na calçada da Escola Nacional de Música.

Os dois grandes artistas convidaram o repórter para entrar, porém, como o repórter não tinha tempo, devido a um outro “concerto” muito mais interessante. Agradeceu tudo e saiu louco para casa. Ia escrever a sua primeira reportagem.

“ESTOU CITADO NUM RÓTULO DE GARRAFA DE CACHAÇA”

**Entrevista concedida por Veríssimo
ao jornalista Danilo Gomes**

Veríssimo de Melo é jornalista, escritor e atual presidente do Conselho de Cultura do Rio Grande do Norte. Nascido em Natal em 19 de julho de 1921, iniciou estudo de Direito na PUC, no Rio de Janeiro, e concluiu na Faculdade de Direito de Recife, em 1948. Foi juiz municipal de Natal durante 10 anos.

Depois ingressou na UFRN e foi professor fundador da cadeira de antropologia cultural e do Museu Câmara Cascudo. Primeiro-secretário da Academia de Letras, já publicou perto de uma centena de livros, ensaios, estudos, conferências, além de centenas de artigos em vários estados e no exterior. Hoje está aposentado pela UFRN, mas garante: “Numas coisas, noutras não!”.

DG – Afinal de onde veio esse seu interesse pelo folclore?

Veríssimo – Foi o velho mestre Câmara Cascudo quem me envenenou. Ouvindo suas sábias lições, desde jovem, um dia ele me disse: “Vivi, você pode fazer um grande trabalho na área do folclore infantil. Deu-me a bibliografia fundamental e me orientou. Daí comecei a tarefa que durou mais de 4 anos. Fiz amigos por toda parte e estou plenamente recompensado da luta.

DG – Lembre um fato de sua experiência como folclorista.

Veríssimo – Com a intensificação da minha correspondência internacional, inventei um clube de troca de livros e informações, na base dos clubes filatéticos da juventude. Ninguém pagava nada. Quarenta países da Europa e da América aderiram ao clube. Reunia gente de alto nível como Stith Thompson, nos Estados Unidos; Rafael e Corso, na Itália; Pires de Lima, em Portugal; Castillo de Luca, na Espanha; Félix Collucio e Tobías Rosemberg, Argentina, etc. Eu quase enlouqueço de responder cartas. Também sofri ciumada terrível no Brasil. No 1º Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, o presidente proibiu o folclorista argentino, Tobías Rosemberg, de me entregar uma medalha cultural. Recebi-a depois, no hotel.

As ciumadas mais se acentuaram depois que Manuel Bandeira, publicou a segunda edição do seu livro *Noções de história de literatura* e citou apenas três folcloristas no Brasil: Cascudo, Joaquim Ribeiro e Veríssimo de Melo.

DG – Dos seus livros de folclore, qual o que mais o projetou nacional e internacionalmente?

Veríssimo – Foi o *Folclore infantil* que já teve duas edições. É o único livro sobre folclore das crianças no país, tratando o tema cientificamente. Muito se disse sobre esse livro no Brasil e no estrangeiro. A referência do escritor Oswald Lamartine me encantou: “Não é pra chaleirar não. Tenho para mim que, enquanto o mundo tiver vivente que for menino, o seu livro terá lugar numa estante”.

DG – E a sua amizade com Ascenso Ferreira?

Veríssimo – Foi a figura humana, entre os intelectuais, que mais me fascinou. Tudo que ele dizia tinha para mim uma graça infinita. Lembro só um episódio. Ele sempre me convidava para almoçar em sua casa. Uma manhã eu o esperava na rua Nova, no Recife.

Estava em companhia de meu irmão Protásio Melo. Ascenso chegou, apresentei o mano. Ascenso o abraçou cordialmente e exclamou: “Vamos embora, Vivi”. E dirigindo-se a Protásio: “Não convido você pra almoçar comigo, porque lá em casa está faltando pimenta”. Quando comuniquei a Ascenso que terminara o Curso de Direito, ele espantou-se e disse: “Essa Faculdade de Direito parece um engenho de cana: entra de um lado e sai bacharel do outro”. Ascenso adorava Natal, tendo escrito um belo poema sobre a cidade, que está no seu livro editado por José Olympio.

DG – E as cartas de Mário de Andrade a Cascudo?

Veríssimo – Pedro Paulo Moreira, da Vila Rica Editora, anuncia o livro para o primeiro semestre de 1991.

As cartas de Mário são fabulosas. Mostram a influência que exerceu em Cascudo, e igualmente a que sofreu do mestre potiguar.

DG – Na sua longa vida de escritor, qual a homenagem mais original que recebeu?

Veríssimo – Ah! Foi ver meu nome no rótulo de uma garrafa de cachaça. Você já ouviu falar em alguém que tivesse semelhante? O negócio foi o seguinte: um velho amigo, Othon Oliveira, tinha uma fabriquetinha de garrafas de cachaça com caju dentro. Colocou no rótulo

uma quadrinha que fiz, certa vez, para uma toada de Hianto de Almeida, e que Cauby Peixoto gravou. Dizia assim: “Caju nasceu pra cachaça/Pirão pro peixe nasceu/Mulher nasceu pro amor/Pro amor também nasci eu.” Como você sabe, foi glória! Cascudo quando soube ficou enciumado. Abriu uma gaveta de sua mesa de trabalho e retirou de dentro uma carta de um amigo no interior de Minas Gerais, que dizia: “Mestre Cascudo: estou construindo uma ponte no interior de minha propriedade e resolvi dar seu ilustre nome à ponte”. E virou-se pra mim e exclamou pra me abafar: “Está vendo, meu filho? Eu sou ponte”.

DG – E seus pacotes literários?

Veríssimo – Venho publicando uma série de artigos, sobre temas universais no *Jornal do Comércio*, do Recife. Como meus amigos de outros estados não leem, resolvi xerocá-los e mandar de oito em oito para eles. Tenho recebido muita carta interessante, com alguns ricos comentários. Pretendo reunir em artigos para um livro que pretendo publicar em breve.

DG – Qual a temática desses artigos?

Veríssimo – A sabedoria e a beleza universais. Acho que só se deve escrever para se transmitir algo superior. Algo que deve ser guardado para sempre. Nada de literatura de circunstância, que nada constrói. Só os temas definitivos.

PELÚSIO E O COENTRO

Nilo Pereira contou: “Há menos de um mês, estava eu assistindo missa na catedral de Natal. Alongo os olhos e quem eu vejo? Meu Deus! Lá estava o velho amigo, o médico Pelúcio Melo, irmão de Vivi e de Protásio.

Uma trindade bendita.

Na igreja mesmo – por que não confessá-lo? –, Começa nosso papo: “Pelúcio, sei de muita história sua. Aquela das bandeiras é inesquecível. Na campanha de Aluizio Alves e Djalma Marinho, bandeiras verdes e vermelhas eram colocadas nas casas, de acordo com a tendência do leitor. Foram à sua casa. Você recusou-se a embandeirá-la. Alegou gentilmente os motivos da recusa dizendo: ‘Sou casado na família Bandeira, do Ceará-Mirim, para que mais bandeira na minha casa?’. Ora, convenhamos é preciso ter talento para dar uma resposta dessas, no momento agudo de uma campanha pelas candidaturas ao governo do estado”. Pelúcio confirma a *boutade* e sorri. Mas, vai além. Conta a última:

“Gosto de uma cervejinha. Minha esposa, Nair, não quer que eu beba. É intransigente no seu mandonismo afetuoso. É tão severa na vigilância que, quando eu chego em casa, ela cheira minha boca (aqui Pelúcio cai na risada) para se certificar se eu bebi ou não”. Faz uma pausa. Continua a narrativa: “Ensinaaram-me um remédio infalível contra o cheiro da bebida; passar coentro nos lábios”. Esse cheiro anula o outro. Assim, conseguiu entrar em casa livre de culpa e pena. Nossa

conversa chega ao clímax. Só era possível continuá-la fora da igreja.

Nunca tinha ouvido falar em sublime antídoto. Pelúcio estava vitorioso. Vencia uma resistência doméstica que é a mais séria possível. Vim com Pelúcio ao local onde estava hospedado. Ali me esperava o seu ilustre irmão, o antropólogo e escritor Veríssimo de Melo, a quem Pelúcio receitou o coentro.

DOIS EPITÁFIOS

Creio que daria estudo curiosíssimo a reunião dos dois epitáfios mais famosos. Não apenas natalenses ou brasileiros, mas universais. Porque há muita arte e psicologia nessas legendas derradeiras em torno dos túmulos dos homens. É, como se vê, a síntese de toda uma vida longa, produtiva ou inútil. Em poucas palavras, há quem saiba dizer mais e melhor num simples epitáfio, do que num artigo, ou às vezes, até num livro.

Comentava-se o assunto numa roda de amigos quando o dr. Milton Ribeiro Dantas cita um epitáfio, charge de autoria de dr. Armando China, sobre um velho conterrâneo nosso, desaparecido há muitos anos.

Infelizmente não se pode divulgar o nome do homem, porque isso, além de ser irreverência terrível à sua memória, deixaria sua família perturbada e constrangida.

Todavia, o epitáfio da autoria de Armando China pode e deve ser conhecido, porque é, em verdade, uma

pequena obra-prima de síntese, uma sátira magistral. O dr. Esmeraldo Siqueira, depois de ouvi-lo, considerou-o excepcional, adiantando que poderia figurar em qualquer livro sobre a matéria. Figuremos um cidadão que passou a vida toda enriquecendo, amealhando dinheiro desta ou daquela maneira (mais daquela do que desta), esquecido das virtudes mais elementares da caridade e da solidariedade ao próximo, e, afinal, um dia morre e deixa uma grande fortuna para uma família ávida.

A PIADA DAS DORES DO PARTO

Dilma Ottoni, sobrinha de Vivi, conta que Noemi, nos últimos dias de gravidez, esperava pelo momento para ir ao hospital. Só que as dores vieram às dez e meia da noite. Vivi já na rede. Noemi, então, sentindo a chegada do bebê, grita por Vivi: “Vivi, estou sentindo as dores. Vamos para o hospital”. E ele, com uma voz mais cansada (já havia dormido um pouco), lamentou-se; “Noemi não dá para adiar isso para amanhã de manhã?”.

No dia da morte de Dick Farney, de quem era grande fã, em 4 de agosto de 1987, depois de ter sido informado do desaparecimento do nosso cantor suave, Vivi saiu com essa: “Tanto cabra safado que podia ter ido no lugar dele!”.

Estas notas foram tiradas da sua página semanal em jornal da cidade, nos anos de 1958.

DOIS FLAGRANTES NATALENSES ESCÂNDALOS

Comentava-se, no Grande Ponto, os últimos escândalos nas repartições federais, quando um cidadão declarou, enérgico: “A solução para isso é pegar todos esses criminosos e jogá-los no mar”. Ao que um alto funcionário federal, também chefe de repartição, comentou: “Você diz isso porque sabe nadar”.

CINZEIROS

Creio que já posso informar a existência do maior cinzeiro do mundo. Um dia desses, estive na rede – velho hábito –, lendo e fumando, e tendo aos meus pés uma dessas bacias de menino tomar banho. Estranhei a existência da bacia, até que descobri sua finalidade: era nada mais nada menos do que um cinzeiro. E dos mais práticos, pois não havia possibilidade da cinza do seu charuto cair no assoalho.

CAPÍTULO 13

—◆—

**VERÍSSIMO
E A MÚSICA**

VERÍSSIMO E A MÚSICA

Veríssimo, desde cedo, interessou-se pela bossa nova, e também pela música americana, influência de minha mania pelo jazz da orquestra do Atheneu e de meu violão. Começou a comprar discos, conseguiu um violão e, em pouco tempo, possuía grande coleção de fitas e de LPs. Entre o grande número de discos americanos, possuía mais de 100 do pianista Oscar Peterson, por quem se apaixonou depois de vê-lo ao vivo na sua viagem pelos *States* na década de 1950. Vivia sempre a compor em sua casa. Vez por outra, era visitado por músicos e conjuntos musicais, que incentivava ao máximo, e também cobrões da música clássica, como a violonista María Luisa Anido, sobre a qual escreveu em “Acontecimentos da Cidade”:

“Natal está hospedando, desde domingo último, a renomada violonista María Luisa Anido, considerada pela crítica universal como uma das maiores intérpretes do difícil instrumento musical.

Na próxima sexta-feira, dia 25, María Luisa estará realizando seu recital no Teatro Alberto Maranhão, sob o patrocínio da Sociedade de Cultura Musical do Estado e do Clube do Violão de Natal.

Esta é a terceira vez que ela nos visita. Ela é a hospede do cônsul Carlos Lamas, onde tem recebido os cumprimentos dos seus admiradores, e tocado na intimidade para os fãs natalenses. De María Luisa Anido escreveu o dr. B. A. Berrot, presidente da filarmônica de Londres: ‘É uma mestra absoluta da

guitarra’, que arranca desse instrumento tudo que é possível obter: extrema beleza de sonoridade, ilimitada variedade de expressão, e todos os efeitos imagináveis logrando combinar maravilhosamente a firmeza do homem com a delícia da graça da mulher. O professor Takashi Okada, de Tóquio, no Japão, assim se expressa sobre María Luisa Anido: ‘Existem coisas que realmente alcançam nosso coração mais sensível. Em uma palavra, María Luisa Anido é o melhor embaixador da cultura argentina, muito melhor que 100 diplomas juntos. Sua música estimula nossa admiração até aquele país tão longínquo, no outro lado do mundo’.

De Moscou o sr. Pavel Lisitsian escreveu ao ouvir María Luisa Anido: ‘Na deliciosa interpretação dessa guitarra, soam maravilhosamente as obras dos compositores latino-americanos. María Luisa Anido é uma virtuosa, em todo sentido da palavra. Sua interpretação produziu-me uma forte e brilhante impressão’.

Vivi formou um conjunto musical com os amigos, Geraldo Bezerra e Galvãozinho, fazendo representações no Teatro Carlos Gomes e nas casas dos amigos.

Era um apaixonado por tudo na arte musical. O Trio Irakitan recebeu um incentivo especial de Vivi, que fez uma visita a Cascudo com os três rapazes, e ali, definitivamente foi batizado o conjunto com o nome atual, sugerido pelo mestre.

VERÍSSIMO E O VIOLÃO

Veríssimo, amante do violão de Segóvia, fazia sempre campanha para prestigiar esse instrumento que aprendeu a tocar por influência “do mano Protásio”, como me chamava, tornando-se grande afeiçoado do “pinho”, como se dizia na gíria da época, escrevendo suas composições e seus sambas, tocando em serenatas e festas, no Teatro Carlos Gomes. Enfim, era mais um ídolo querido do povo natalense.

Sobre a pseudoinferioridade do instrumento, pregada por alguns palpiteiros, escreveu vários artigos em sua defesa. Quando da fundação do Clube do Violão de Natal, pelo renomado maestro pernambucano, Amaro Siqueira, iniciou uma série de crônicas na sua coluna na imprensa natalense, que intitulava “Dois dedos de prosa”. A uma delas dizia: “Não há instrumento de corda mais desvalorizado no nosso país do que o violão e, entretanto, haverá outro mais querido do que ele no Brasil?”.

Cascudo já se pronunciara numa conferência no Carlos Gomes, em janeiro de 1920, sobre o tema Violão – voz da raça. Num concurso sobre instrumentos, afirmou que votaria pelo violão e continuava: “Nesta cidade do Natal, mais de mil pessoas tocam violão. Quantas por música? Quantas realmente conhecem os segredos e valores desse instrumento popularíssimo? Quantas moças e rapazes sabem tocar violão? Por que motivo o violão não participa realmente do nosso movimento musical artístico?”.

Às respostas das perguntas do mestre Cascudo, dizia Vivi: “Estão sendo dados agora fatos concretos. Já existe uma cadeira de Violão no nosso Instituto de Música. Graças ao incentivo musical de Waldemar de Almeida, no dia 26 de setembro passado, foi fundado o Clube do Violão de Natal, entidade destinada a congregar todos os amantes do instrumento na cidade, com um vasto programa a desenvolver.

A função desse clube, continuava Vivi na sua crônica, nasceu da necessidade de congregar os alunos do professor Siqueira, para a realização de audições íntimas e palestras, relacionadas com a vida e a obra dos grandes artistas do violão, que se destacam como concertistas ou compositores do instrumento. E logo no dia seguinte da fundação do Clube, ouvimos vários natalenses executando peças de Tárrega, Schumann e Isaías Sávio. Foi uma exibição de ilustres conterrâneos, entre os quais estavam Múcio Varela, Arnaldo Pires, Geraldo Bezerra, Carlos Tavares e o próprio Siqueira, esse “bichão”, a quem devemos o atual desenvolvimento violonístico do estado. Pouco a pouco, o violão está reconquistando em Natal o seu lugar de destaque como instrumento de concerto.

A este artigo, seguiram-se outros, todos em defesa do violão, na tentativa de elevá-lo a um lugar de destaque no movimento musical do estado. Por iniciativa do ex-reitor Diógenes da Cunha Lima, na sua administração foi criado o Projeto Memória, no qual Veríssimo teve todas as suas músicas gravadas por Lucinha Lyra, e por ele mesmo. Eis algumas letras das diversas gravações:

PROJETO MEMÓRIA (UFRN)

Caju nasceu pra cachaça

**Música de Hianto de Almeida
e Veríssimo de Melo**

Caju nasceu pra cachaça
Pirão pro peixe nasceu
Mulher nasceu pro amor
E se é bom, do amor, também nasci eu.
Nasci também pros carinhos,
Pros abraços, pros cheirinhos,
Das coisas boas assim
Por isso eu gosto da lua
De violão e da rua
Da boemia sem fim.

Caju nasceu pra cachaça
Pirão pro peixe nasceu
Mulher nasceu pro amor
E se é bom, do amor, também nasci eu.

Coisa boa
Música de Hianto de Almeida e Veríssimo de Melo

Coisa boa é querer bem
Ter alguém, namorar,
Coisa boa é um xodó, um fobó, vadiar.

Coisa boa é o mar
O luar
É caju com pitu,
Cafuné, cochilar

Coisa boa é tudo isso que se diz e que se faz
Na hora em que a gente quer
Coisa boa é uma noite numa praia, num alpendre
Uma rede, uma mulher.

Cajueiro

Oriano de Almeida e Veríssimo de Melo

Cajueiro
Da beira mar
Cadê a sereia
Qu'eu quero noivar
Qu'eu quero beijar
Cajus amarelos
Vermelhos também
Procurem bem longe
Pra ver se ela vem.
Pra ver se ela vem.

Cajueiro
Na alvura das dunas
Tão verde é tão verde
Que fere o luar

Cajueiro
Conversa com a lua
Encontra a sereia
Que eu quero beijar.

Brinco de amor

Diógenes da Cunha Lima e Veríssimo de Melo

Você me fez
Cantar assim
Ai de mim

Você é coisa
Brinco de amor
Dizer loucuras

Fazer loucuras
Que o amor
Sempre permite
Tudo é juízo
Dentro da noite
Com uma mulher
Junto de mim.

Sempre permito
O amor lindo
Tudo perfeito
Amor infinito

Homem e mulher
São dois amantes
E nada mais

Assunto pessoal

Diógenes da Cunha Lima e Veríssimo de Melo

Não me perguntem
O que se passou
Na casa bonita do amor
Do amor
Guardo o segredo de amar sem fim
Faço menos que você por mim.

É assunto pessoal de você por mim
De mim pra você

Eu vivi a vida que Deus me deu
O gozo que o amor rendeu
É assunto pessoal
Ninguém vai saber o que se passou.
Segredo é invenção do amor
Como Deus inventou a flor
Ninguém jamais vai saber
E existe a flor e existe o amor
E existe.

VERÍSSIMO FALA À GLORINHA OLIVEIRA SOBRE SUA MÚSICA

Numa quinta-feira, nos anos 1970, Vivi é entrevistado pela cantora Glorinha de Oliveira, em programa especial da Rádio Poti, na sede da Federação Norte Rio-Grandense de Futebol. Depois de cantar um número de seus sucessos, acompanhada pelo conjunto Grupo dos Cabras da Peste, Glorinha começa sua entrevista, chamando Verissimo de “Papa da música popular e folclore”, ao que ele, humildemente, agradece. Ela, então, pede-lhe para dizer como nasceu a canção de sua autoria chamada “Coisa boa”. Fala Vivi: “Quando Hiato de Almeida, nosso grande compositor, vinha a Natal, sempre me procurava para ‘fazer’ música, como chamava”. Vivi, então, mostra-lhe a primeira parte de sua “Coisa boa”, e diz que não encontra saída para o final. Hiato ouve a música e, um ano depois, completa a canção, tendo antes sugerido a colocação das coisas boas da terra na canção, que nascia naquele momento, empolgando Natal e seus amantes da boa música.

Depois Glorinha fala de outra música de Vivi, gravada por Cauby Peixoto – “Caju nasceu pra cachaça”. O mano disse que não gosta muito dessa música, mas revela que ela o tornou famoso no Brasil. E relata que seu amigo, o industrial Othon Oliveira, fabricava cachaça na sua propriedade, em São Gonçalo de Amarante, e colocou o rótulo com o nome de minha composição. Diz, então, Vivi para Glorinha: “Com isso

passsei a ser o único músico brasileiro a ter seu nome num rótulo de cachaça”.

Conta ainda Veríssimo que mostrou a garrafa a Cascudo. Este não achou muita graça, e disse que tinha visto ponte chamada Cascudo, no interior de Alagoas.

Vivi soube também que Gilberto Freyre não achou muita graça no fato. No correr da entrevista, fala-se na máxima bíblica de Jesus: “Não faças aos outros o que não queres que façam a ti”.

Vivi, entretanto, diz que o escritor inglês, Bernard Shaw, dizia diferente: “Faças aos outros o que queres que façam a ti, pois eles podem não gostar”. E cita um fato: “José Percy, grande cantor natalense, tocava num bar com Vivi a música “Coisa Boa”, rodeado de amigos e jovens estudantes. No final da música, cada menção de uma coisa era seguida de gritos de “Ótimo!”, ”Formidável!”, “Fantástico!”. Porém, no final da frase “Uma rede e uma mulher”, um dos rapazes disse, em alto e bom som: “Não gostei do final”.

Glorinha volta a chamar Veríssimo de “Papa do folclore e pergunta:

“Veríssimo, você acha que o folclore está morrendo?”. Veríssimo dá uma risada e responde: “Glorinha, o folclore é a sabedoria do povo, a cultura popular. Enquanto houver gente no mundo o folclore está vivo. O que sucede é a falta de incentivo do poder municipal. Lembra-se de Djalma Maranhão, e como eram animadas as apresentações dos autos populares? Fandangos? Bumba meu boi e outros? É a falta de incentivo,

só isso”. Glorinha agradece a honra de Vivi aceitar o convite para entrevista e continua a chamá-lo de “Papa do folclore”. Veríssimo então responde: “Como dizia o mestre Cascudo, é mentira, mas é gostoso”. E termina ali o depoimento sobre a música de Veríssimo. Depois de fazer um grande elogio ao filho, Silvio, e sua habilidade como violonista, cantarola sua última composição e dá por encerrado o papo.

CAPÍTULO 14

—◆—

**VERÍSSIMO
E A SEGUNDA
GUERRA
MUNDIAL**

ESCRITOS DE VERÍSSIMO SOBRE A GUERRA E ASSUNTOS RELACIONADOS

No dia 21 de outubro de 1993 escreveu Veríssimo ao jornal Folha da Manhã, de São Paulo: “Natal na Segunda Grande Guerra”.

Quase simultaneamente dois livros foram publicados sobre Natal na Segunda Grande Guerra. O primeiro, do professor Clyde Smith Junior, Trampolim da vitória (Ed. da UFRN, 1993), e o segundo do professor Protásio Melo, Contribuição norte-americana à vida natalense (Ed. da Gráfica do Senado, Brasília, 1993).

O livro do professor Clyde reúne documentação expressiva sobre fatos da guerra e informações militares; tudo colhido em arquivos e bibliotecas dos Estados Unidos. Da vasta documentação, ressaltou-se a preocupação maior das forças armadas ianques com a possível espionagem nazista em Natal. Ninguém duvida de que deve ter havido espões e sabotadores durante a guerra na cidade, mas um fato, pelo menos, parece-nos inaceitável: incluir o locutor Genar Wanderley, da Rádio Educadora, como espião. Genar era excelente pessoa, poeta e boêmio, estimado por toda a cidade. Era um pacifista nato. Tudo porque a Rádio Educadora transmitiu, em certo horário, o hino nacional alemão – fato insólito e estranho, sem dúvida. Mas envolver Genar numa sabotagem daquelas não tem sentido. Ele passou dois dias preso, incomunicável.

No livro do professor Clyde, há denúncias graves contra autoridades brasileiras e comerciantes conheci-

dos na cidade, todos envolvidos em atos de corrupção. Digamos que a visão do professor Clyde é mais de Natal na guerra do ponto de vista dos militares ianques. Já o livro do professor Protásio Melo tem um enfoque diferente. É um painel da guerra em Natal, visto do lado de cá, pelos natalenses que tiveram participação na defesa da cidade, como os funcionários da base aérea de Parnamirim, ou exercendo atividades paralelas. Enriqueceu-se o livro de Protásio, extraordinariamente, com uma série de depoimentos de figuras conhecidas na cidade sobre o momento histórico. Funcionários, militares e comerciantes brasileiros, gente do povo, todos contando coisas que viram durante a época da guerra.

Nesse sentido, o depoimento mais impressionante é do sr. Rui Câmara, ex-funcionário da base de Parnamirim desde o primeiro dia até o fim do conflito. Rui estava por dentro da base, como se diz, vendo e ouvindo tudo. Ele desmistificou alguns boatos que circulavam na cidade e que chegaram até os nossos dias – os quais chama de lendas. Três deles: não foi verdade que a pista asfaltada, ligando Parnamirim a Natal, tivesse sido feita em duas semanas. Foi edificada em oito meses – diz Rui –, devido ao rigoroso inverno de 1942. Não é verdade também a afirmação de que, em Parnamirim, baixavam e decolavam 200 a 300 aviões diariamente. O número de aviões nunca ultrapassou a 100 unidades, de vários tipos. Por último também não foi verdadeira a “lenda” de que havia instalações militares subterrâneas em Parnamirim.

Rui Câmara explica o interesse dos soldados ianques pelos relógios Rolex, Tissot, Ômega e Eska – que

compravam a qualquer preço. É que não existiam, na época, esses tipos de relógios nos Estados Unidos. Nem as botas de cano baixo que todos os soldados faziam questão de adquirir. Todavia, Rui Câmara pinta um quadro da rua Dr. Barata, durante a guerra, que nos parece fantástico daqueles dias inquietos e angustiosos que viveu a cidade. Ela teria ficado infestada de escroques, espertos e contrabandistas, destacando-se a célebre Madame Chose, que comprava todo o mundo e que entrava e saía da base como se fosse um militar americano.

A rua Dr. Barata era um verdadeiro bazar marroquino. Desfilando por ela, homens de todas as raças, heróis, bandidos e prostitutas. Só valia quem tinha dólares, a moeda corrente de Natal.

Há outros depoimentos interessantíssimos. Túlio Bezerra de Melo, nosso primo, dançou ao som da Orquestra de Glenn Miller; Humberto Pignataro dançou com a artista Kay Francis. Mas, tendo Nilo Pereira ouvido do Almirante Ingram – chefe das Forças Navais Norte-americanas do Atlântico Sul – que Cascudo era o chefe da defesa antiaérea da nossa cidade, arrematou: “Essa circunstância mostra que Deus protegeu Natal, pois que, para a referida defesa não havia mais do que apelar para a misericórdia divina”.

CARTA DE VERÍSSIMO PARA WODEN MADRUGA SOBRE ASSUNTOS DA GUERRA

Woden: meu abraço.

Faço a você a mesma pergunta de conotação histórica: Para que ponto da África rumavam os aviões norte-americanos, durante a guerra, que saíam de Parnamirim? Verá que você, como todo mundo em Natal, indicará o rumo errado.

Todos dizem: “Claro, os aviões saíam daqui para Dakar, o aeroporto do Senegal”.

Errado! Os aviões, quando saíam de Natal em direção à África, jamais informaram o exato ponto para onde se dirigiam. Será que você se recorda do noticiário antigo dos norte-americanos, os jornais informavam: “De um ponto da África” ou coisa semelhante. Jamais indicavam o ponto exato, naturalmente, por uma questão de segurança.

A história é longa e só o expert Lenine Pinto pode dar informações mais detalhadas.

A coisa me chamou atenção após a leitura de um livro do brasilianista Frank D. McCann Jr., *Aliança Brasil-Estados Unidos: 1937-1945*, que acaba de sair pela Biblioteca do Exército. Lá está dito, com todas as letras, que Hitler, logo após a tomada da França, exigiu do governo fantoche de Vichy, a cessão do aeroporto de Dakar para a aviação militar alemã.

Ele sonhava manter em Dakar o ponto fundamental para o salto sobre o Brasil e a América do Sul, con-

sequentemente. Mas (aqui está algo que pouca gente sabe), e antes da queda da França? Os aviões que saíam de Natal iam mesmo ou não para Dakar? Lenine me informou que não poderiam ir, pois os norte-americanos tinham problema sério contra os franceses, apesar de serem aliados.

E para onde iam os aviões norte-americanos?

Iam para um aeroporto em Gambia, faixa estreita de terra que fica um pouco abaixo de Dakar. Veja no mapa. De lá – após abastecimento – eles se dirigiam aos aeroportos do norte da África: em Marrocos, Tunísia, Argélia, arrendados aos norte-americanos. Ali eles aguardavam o grande momento para o salto decisivo da invasão da Europa – via Itália.

Além daqueles pontos onde tinham aeroporto, os americanos também construíram um outro aeroporto na Ilha de Ascensão, que fica próxima da África. E tinham aeroportos na Libéria.

Essas informações – já hoje de importância histórica – precisam ser ratificadas. Os americanos, durante a guerra, jamais foram para Dakar antes da queda da França, porque já havia problemas deles com os franceses. Depois – impossível –, pois os alemães já dispunham do aeroporto de Dakar, cedido pelo governo fantoche de Vichy.

Veja você como são as coisas. Todo mundo em Natal pensara errado sobre esse detalhe da guerra. Mas creio que ninguém perguntou seriamente para que ponto eles se dirigiam ao sair de Natal. E, se perguntassem, claro, eles não diriam por questão de segurança.

No meu artigo de domingo na *Tribuna*, faço ligeira referência ao assunto. Mas seria bom que você logo se adiantasse sobre o tema, para que o povo de Natal saiba – inclusive os militares brasileiros – que nada sabiam sobre o rumo dos aviões de guerra que se dirigiam na direção da África.

Elmo Pignataro – grande filatelista – sabe desse detalhe. Ele informou agora a Protásio Melo que também sabia a respeito. Não é incrível? É mexendo nas coisas da história que a gente vai descobrindo que nada sabe ao certo das mesmas coisas. Alguém informou errado – a primeira vez – e toda a população acreditou.

Dê notícias sobre o assunto. A função da imprensa é esclarecer ao público sobre a verdade dos fatos.

Em tempo: Gambia fazia parte da Comunidade Britânica na época. Hoje é um país independente. Veja que mais um mito da história da Segunda Guerra Mundial está sendo destruído por essa minha colocação.

PARTICIPAÇÃO DE RUI MOREIRA PAIVA NO ESFORÇO DE GUERRA EM NATAL

Todos que acompanharam as atividades sociais, políticas e comerciais do sr. Rui Moreira Paiva – especialmente das décadas de 1940, 1950 e 1960 – não podem negar-lhe o título de benemérito desta cidade de Natal.

Vindo de Pernambuco para esta capital, afim de dirigir a Companhia de Navegação Costeira, Rui Paiva

desenvolveu uma série de atividades, que o projetaram como homem de visão, e largas iniciativas sociais. Adquiriu *O Diário*, que se editava n' *A República*, dirigido por Waldemar Araújo, Rivaldo Pinheiro, Aderbal França e Djalma Maranhão, equipando-o modernamente, introduzindo, pela primeira vez, a clichéria na nossa imprensa. Enfim, fez um jornal moderno, com a colaboração de jornalistas do porte de Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa, Djalma Maranhão e outros, inclusive com a colaboração de Luís da Câmara Cascudo.

Em depoimento recente, que ofereceu ao livro de Protásio Melo em preparo sobre a participação de Natal na Segunda Grande Guerra, Rui Paiva informa como partiu para essa iniciativa.

Em reunião com amigos no Grande Hotel, começo do ano de 1940, foi apresentado ao comandante do navio cargueiro, Buarque, que aguardava no porto o comboio que o acompanharia a Nova York. Partindo, dias depois, foi o Buarque torpedeado nas proximidades de Fortaleza.

Rui Paiva ficou tão constrangido com o covarde torpedeamento, que jurou a si próprio tudo fazer para ajudar no esforço de guerra das Nações Unidas. *O Diário* foi a sua primeira iniciativa nesse sentido.

Passou, então, Rui Paiva a colaborar também no transporte de material de guerra, que chegava ao nosso porto e era conduzido a Parnamirim. Colaborou na defesa passiva, ao lado de Luís da Câmara Cascudo. Semanalmente saía da redação de *O Diário* uma cami-

nhonete com mercadorias variadas (enlatados, cigarros, etc.) para distribuição gratuita entre os pracinhas brasileiros acantonados em nossas praias mais diversas. Serviço que era feito pelas damas da nossa sociedade, tendo à frente a esposa do general Cordeiro de Farias, do prefeito e a do proprietário de *O Diário*.

Foi Rui Paiva quem alugou um armazém na Avenida Rio Branco ao proprietário do Hotel Quitandinha, para a instalação do cassino destinado às tropas americanas. Ali desfilaram artistas famosos do cinema. Dirigindo o América Futebol Clube na época, recebia ali a oficialidade norte-americana. Teve, depois, disposição para construir a bela sede do clube, hoje ainda servindo ao seu quadro social. No depoimento que ofereceu, Rui Paiva destaca duas figuras que contribuíram muito no esforço de guerra: Sílvio Pizza Pedroza, então prefeito de Natal, e Edilson Cid Varela, diretor do jornal *A República*.

Todavia, para quem viveu, como nós, aquele período da guerra em Natal – e mesmo posteriormente –, não poderá deixar de reconhecer que o trabalho de Rui Paiva se equipara, sem favor, aos daqueles conterrâneos.

Após a guerra, Rui Paiva teve ainda atuação destacada na vida pública do estado, através do Partido Social Democrático, do qual era um dos dirigentes em Natal.

CAPÍTULO 15



**O BOM HUMOR
DE VIVI**

A HISTÓRIA DO VIOLÃO

Veríssimo ficou conhecido na cidade pelo seu bom humor sem agressão. Certa vez, saiu de casa com Roberto Freire, amigo de farras, e demorou bastante, o que deixou a esposa, Noemi, temerosa e apreensiva. Às duas horas da madrugada, finalmente, Vivi para o carro em frente da casa e abre a porta devagarinho, então Noemi se aproxima e, zangadíssima, exclama: “Vivi a essas horas?”. Vivi entra calmamente e retruca: “Calma, Noemi, vim somente buscar o violão”.

A DOENÇA DE NOEMI

O nosso herói não ligava muito para doenças, nem nele nem na esposa Noemi. Era um dos seus defeitos, e a esposa achava isso péssimo. Mas que é que se podia fazer? O homem era altamente teimoso e, certa vez, deu uma resposta à Noemi que a deixou furiosa. Uma manhã, bem cedo, ainda meio sonolento, vestia-se para o expediente no Museu Câmara Cascudo. Ao passar do banheiro à sala de jantar, encontra-se com Noemi, já zangada, pois sabia de suas atitudes e comportamentos em relação a doenças, exclama: “Vivi, estou sentindo uma grande dor na perna”. Veríssimo volta-se, calmamente e retruca: “Também você, Noemi, não quer morrer nunca?”.

O DISCURSO DA COLAÇÃO DE GRAU

Na última vez que foi escolhido para paraninfo de todas as turmas da UFRN, começou o discurso, entusiasmado, depois das várias fases da cerimônia; os alunos já estavam cansados, pois o paraninfo da turma se alongara bastante na saudação. Veríssimo, ao notar os sinais visíveis de desatenção e cansaço, com seu bom humor habitual, em vez de tomar alguma atitude drástica ou grosseira, segura o discurso nas pontas dos dedos e começa a soltar, livremente, as folhas da saudação ao vento, com a cara mais bem-humorada do mundo.

A PIADA DO CARRO

Esta foi contada pela viúva do coronel Leão, ex-secretário de segurança do governo Aluizio Alves. Leãozinho, como era conhecido pelos amigos, pegou uma carona com Vivi, no tempo em que a descida para a Ribeira era pela Junqueira Aires. Mais ou menos em frente ao prédio da Capitania dos Portos, Leão ouviu um barulho, como se algo tivesse caído do carro. Leão, preocupado, diz para Veríssimo: “Veríssimo caiu alguma coisa do carro”. Veríssimo olha para o coronel, calmamente e pergunta: “O carro tá andando?”. “Sim”, respondeu Leão. “Então deixa pra lá”, disse Vivi, e continuou a viagem.

SURGE UM “ENTOMÓLOGO” EM NATAL

Artigo de Veríssimo fazendo gozação quando comecei a colecionar insetos em Natal

Entomologia, diz o dicionário que está mais perto da mão: “é a parte da zoologia que estuda os insetos”. Entomologista ou entomólogo é, por conseguinte, a pessoa que se dedica ao estudo da entomologia. Pode muita gente não acreditar, mas a verdade é que Protásio Melo, meu irmão, bacharel em ciências jurídicas e sociais, como todos nós, professor de inglês, aluno de violão por música, colecionador crônico de selos, moedas, cédulas, caixas de fósforos, imagens velhas de santos, cerâmica popular e outras coisas trabalhosas, conseguiu disposição e tempo para colecionar e estudar insetos. Dentro de dois meses já instalou em casa um pequeno arsenal, constando de seiscentas caixas de vidro e madeira, vasos de todos os tamanhos e todas as espécies, vidros de éter, cânfora, clorofórmio, naftalina, inseticidas de todos os gêneros, enfim, uma variada farmácia em miniatura.

O inseto que cair em suas mãos sofre mais do que pobre nos exames do DASP. É fixado, espanado, banhado, desinfetado, espetado, analisado, classificado e mumificado.

Depois vai para uma caixa de vidro, onde, então, outros desgraçados companheiros, vítimas da ciência, aí ficam na exposição.

Protásio vem sempre fazendo excursões nos nossos

morros e recantos campestres, trazendo sempre consigo uma infinidade de espécimes. Viaja com bússola, termômetros, barômetros, vasos de clorofórmio, éter, uma bateria de campanha completa, além de três ou quatro capangas dispostos a pegar de um pulo o mais ágil dos gafanhotos.

Em casa, paga aos meninos da redondeza, dez tostões por um besouro e dois mil-réis por uma borboleta. Não há dia em que sua coleção não aumente de dez a quinze exemplares diferentes. E de toda a parte dos morros, do sertão, do estrangeiro, chegam insetos para sua coleção. Já tem uma biblioteca especializada e não conversa 15 minutos sem que não fale de um coleóptero, que podia chamar besouro; num lepidóptero, quando podia chamar borboleta; num hemíptero, que não é outra coisa senão um repugnante percevejo; num himenóptero que, apesar de um nome tão bonito, não passa de um reles marimbondo, ou uma inquieta abelha; nas blatárias, que têm um nome simpático em espanhol – cucaracha –, mas nada mais são do que míseras baratas; e assim por diante. Não há dúvida, surgiu mais um entomólogo em Natal, como dr. Sebastião Monte, Marcos Cavalcante ou o garoto de Costinha Fernandes, que não estão mais sós no estudo e coleção de insetos nesta capital. Protásio surgiu na especialidade com a mesma dedicação e entusiasmo com que coleciona selos ou moedas há mais de 30 anos. E vai longe, bem sei, pois além do prazer de fazer ciência, ele tem o prazer de colecionar, uma mania ou um dom que só poucas pessoas mantêm com perseverança.

Ainda ontem ele me perguntou que nome devia botar num inseto quando descobrisse uma espécie raríssima ainda não classificada pelos mestres da ciência no Brasil ou no estrangeiro. Como é hábito batizar novos insetos com um nome tirado do próprio nome do descobridor ou classificador, sugeri este, que ele recebeu com uma gargalhada: “Protasoária”.

A ELEIÇÃO DO HOMEM MAIS CHATO DE NATAL

Veríssimo comandou e sugeriu, certa vez, no Bar Granada, junto com Roberto Freire, nestas alturas já “melado”, como se dizia por aqui, que se fizesse uma eleição para saber-se qual o homem mais chato de Natal.

Roberto aceitou imediatamente a sugestão, ajeitaram-se as cadeiras e mesas e a turma se preparou para os trabalhos, não sem antes se fazer uma lista dos mais prováveis chatões da terra. Nomeada a comissão apuradora e procedida a votação, chegou-se a um consenso geral: Limarujo, comerciante muito estimado na cidade, assim como certas rodas de farristas, foi eleito em primeiro lugar: “O mais chato de Natal”.

Veríssimo, então, nomeia uma comissão para levar a boa notícia ao candidato recém-eleito. Partiram de automóvel e foram até a casa de morada de Limarujo que, nessas alturas, dormia a sono solto (eram 2 horas da madrugada).

Depois de palmas e gritos, Limarujo aparece e pergunta o que queriam àquela hora. Vivi, então, informa

que tinham uma comunicação a fazer. Entram todos para a sala de visitas e Roberto informa: “Lima, estamos aqui para comunicar-lhe a grande distinção que lhe foi conferida”. “O que foi?”, perguntou Limarujo. Roberto então concluiu. “É que você foi eleito hoje, no Bar Granada, por unanimidade, o homem mais chato de Natal”. Limarujo recebeu a notícia com uma grande gargalhada e a farra continuou, ali mesmo, por conta do candidato vitorioso, indo até o nascer do dia.

CAPÍTULO 16



**A MORTE
DE VERÍSSIMO
DE MELO
E A
REPERCUSÃO
ENTRE OS
AMIGOS**

A MORTE DE VERÍSSIMO DE MELO

Protásio Melo

Foi do sábado para o domingo, no dia 18 de agosto de 1996, que faleceu meu irmão Veríssimo de Melo.

Vivi, como era conhecido em família e entre os amigos, não respeitava nem aterrorizava com doença. Fernando, seu filho mais velho, que assistiu o desenlace, diz que ele morreu como se estivesse dormindo. Calmo e sereno. Nunca tinha ido a hospital e a enfermidade que o vitimou era conhecida por ele (era a segunda vez), mas nunca ligou muito. Sua perda consternou a família, a cidade e os amigos, e foi perda irreparável para os estudos e o desenvolvimento da antropologia cultural. Ele, que Manuel Bandeira disse, na sua obra monumental sobre a literatura brasileira, que eram ele e Cascudo os maiores folcloristas do Brasil.

ENTREVISTA PROUSTIANA COM VERÍSSIMO DE MELO

Dorian Gray Caldas

Sabemos que a amizade é uma conquista que vamos todos os dias cultivando nesse jardim difícil do convívio humano. Com Veríssimo de Melo não se deu assim. Como no texto de Saint-Exupéry, Veríssimo tem aquela cumplicidade cativante para com os amigos, e o

fez comigo no primeiro encontro quando artista iniciado. Depois vieram outras, com o poeta incluso: notas, comentários, prefácios para o artista, o escritor em processo, o homem. Em 1950, afirma que, sendo o mais jovem, era o mais voltado para abstração. Tece elogios, faz-se generoso, ou melhor, é generoso. Em 1955, diz em reportagem no jornal *Poti*, de 16 de janeiro do mesmo ano: “O quadro *Dois amigos* é impressionante”.

Mas, se escrevo estas linhas sobre essa múltipla cumplicidade de Veríssimo de Melo para comigo, é simplesmente para mostrar a sua generosidade.

Veríssimo, já a essa época, era escritor consagrado, antropólogo, folclorista, cronista, pesquisador das coisas simples do povo, da alma simples e boa do povo, que tão bem ele conheceu.

Conservo com muito carinho os seus livros *Xarias e Canguleiros*, separatas (inúmeras, dezenas a merecer estudo apurado e sério). Já pensou nisso Diógenes da Cunha Lima? Ninguém melhor do que você para essa missão de resgate e o testemunho dessa obra que se agiganta na sua totalidade aparentemente dispersiva.

Professor, escritor, cronista do cotidiano, Veríssimo de Melo é uma constante anotação de reciprocidade afetiva da correspondência literária, que fazia com sensibilidade rítmica, ágil, inteligente, com os bens comuns da inteligência, consciente da sua missão de escritor participativo, conselheiro, acima de todos os preconceitos e aberto à grande virtude (rara) da lealdade. A cidade de Natal fica mais pobre, mais triste. Choveu domingo na madrugada de sua morte, às duas

da manhã, a súbita avalanche da morte. Que fazer? A esposa dedicada, os filhos e os médicos; que fazer? Havia perguntado por Veríssimo, poucas horas antes, ao amigo comum Enélio Petrovich. A hora era grave. Percebi. A hora grave da qual fala o poeta Rilke. Livre das algemas de cristal que nos prende à vida, sua alma, como um astro, navegou nas alturas, passeia ruas antigas de Natal, demora-se na rua Vigário Bartolomeu, visita a casa dos pais, sons de violão nas noites serenatas, parceria com Diógenes.

**A TRIBUNA, DE 19 DE AGOSTO DE 1996
PUBLICAVA: “CRÔNICA NATA”,
DE VERÍSSIMO DE MELO**

**Presidente de Cultura e imortal
da Academia de Letras estava internado
desde a última quinta-feira**

Uma página das letras do Rio Grande do Norte apagou-se ontem, com a morte de Veríssimo de Melo, à meia hora da madrugada. Ele mesmo dizia que morreria aos 101 anos como sua mãe. A hepatite crônica levou-o a se internar na quinta-feira (15), na Casa de Saúde São Lucas, sem permitir viver tanto o homem como definiu em seu livro, *Patronos e acadêmicos* (Editora Pongetti, volume II, 1984), magnificamente, a subcultura nordestina, onde nasceu e viveu.

De estrutura anatômica frágil e com disposições cerebrotônicas, na classificação de W. H. Sheldon.

No livro que conta a antologia e a biografia dos membros da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, Veríssimo disse ser um “consumidor voraz de livros”, sobretudo na sua especialidade: antropologia cultural brasileira, e igualmente de música e arte em geral”, um discólito inveterado e violonista bissetor, qualificava-se. Até os 16 anos não descobriu a verdadeira radicação. Quis ser piloto da marinha mercante para vadiar nos sete mares. Não resolveu e decidiu estudar Direito. Era o chique da época. Veríssimo ocupava a cadeira de número 12 da Academia Norte-Riograndense de Letras, do patrono Amaro Cavalcante e do ex-governador Juvenal Lamartine, a quem Veríssimo substituiu depois de seu falecimento em 1956.

Veríssimo de Melo estudou no Colégio D. Pedro II, Atheneu de Natal e Colégio Universitário, no Rio de Janeiro, onde ingressou na Faculdade de Direito da Pontificia Universidade Católica.

Terminou o curso no Recife, em 1948. Foi juiz, promotor e professor universitário.

Escreveu nos principais jornais do estado, no *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*, *Folha da Manhã* e *Jornal de Letras*. Ultimamente, assinava a coluna literária, aos domingos, no jornal *Tribuna do Norte*.

O corpo de Veríssimo foi velado na sede da Academia Norte-Riograndense de Letras. Era casado, com dona Noemi Noronha de Melo. Deixou três filhos: Fernando Augusto, Silvio e Monique. Presidia o Conselho Estadual de Cultura e era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Foi sepultado às 16 horas, no Cemitério Morada da Paz, em Parnamirim.

O MUNDO DE VERÍSSIMO

O Popular (Goiânia/GO – 29 de junho de 1998)

Antônio Lisboa

Quem, algum dia, não desejou conhecer pessoalmente determinado personagem da história após obter informações sobre a vida e os feitos dessa figura? Esse anseio brota espontaneamente quando se lê Cartas e crônicas de Veríssimo de Melo, conjunto de escritos do mestre potiguar, organizado por seu amigo e admirador Getúlio de Araújo.

Veríssimo de Melo, que se voltou com intensidade para o estudo do folclore e à prática do jornalismo, marcou-se, até sua morte em 18 de agosto de 1996, como ardoroso fomentador da cultura brasileira, especialmente daquela praticada na terra onde nasceu, o Rio Grande do Norte. As letras, porém, despontaram como a vertente mais beneficiada pelo discípulo de Luís da Câmara Cascudo.

Além de dar seu testemunho sobre a amizade que os unia, Getúlio de Araújo oferece um punhado de cartas e artigos da autoria de Veríssimo de Melo. Com isso, rende o culto ao saudoso carpinteiro da palavra. Assim, o recheio desse livro é composto por exempla-

res da vasta correspondência que Veríssimo de Melo trocou com intelectuais de diferentes calibres e das mais diferentes latitudes. Num segundo momento, a obra exhibe notável conjunto de crônicas com as quais o ex-professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte colaborou com significativa parcela de jornais brasileiros, principalmente no Nordeste.

A seleção de textos acaba por compor um vistoso perfil de Veríssimo de Melo. Em cartas trocadas a partir de 1980, ele cultiva o salutar hábito de destacar o brilho de criadores nas artes e nas letras. Em suas crônicas, o folclorista não poupa confetes nos amigos e naqueles em que diz admirar, mesmo anonimamente.

Entretanto, em nenhum momento deixa de apontar a substância que motivou o elogio. Ao invés de tornar-se enfadonha, a abundância de referências ganha vigor e acaba por atestar o vastíssimo conhecimento de Veríssimo de Melo. Das letras à filosofia, das ciências às artes, Veríssimo de Melo consegue combinar a erudição com a simplicidade do sertanejo. Significa que o mestre norte-rio-grandense chama para si características aparentemente díspares, como a convivência da humildade com a inteligência. Tudo temperado com a inolvidável presença do bom humor. Com isso, esse sertanejo culto costura na realidade a imagem do sábio cordial.

O diretor do Museu Câmara Cascudo da UFRN fala, por exemplo, de sua admiração por Tom Jobim, cuja morte lamenta; cita obras notáveis, como *Mediterrâneo y Joan Miró*, de Saturnino Pesquero Ramón, e re-

vela fatos curiosos e interessantes, como o que aponta o poeta Jorge Fernandes como “descobridor” da Praia de Genipabu. Nas crônicas, Veríssimo de Melo cita acontecimentos históricos, comenta obras literárias ou simplesmente relembra lances engraçados.

Os personagens se misturam nos textos avulsos do professor potiguar. Doutores e gente simples se encontram como protagonistas de lances às vezes até divertidos. Como costuma acontecer com todo regionalista apaixonado, Veríssimo de Melo deixa fluir um certo bairrismo poético quando o assunto é, por exemplo, sua Natal. Não consegue conter a emoção temperada pelo orgulho em relação às belezas da terra e ao povo do lugar. Com certeza, trata-se de uma prazerosa viagem por um mundo rico de informações.

MEU VELHO E QUERIDO AMIGO VERÍSSIMO, O VIVI

RLL Brandão Villar ou Meno?

Há quantos anos nos conhecemos? O tempo, implacável, deixou de ser matematicamente contado.

Lembro-me do convívio com Toia, das ligeiras prosas com o senhor Melo, de você garoto e de seus irmãos mais velhos. No bulício natural, eu, Toia e as outras colegas vivíamos trocando ideias no calçadão no velho Instituto de Música da Vigário Bartolomeu, ao compasso ora binário, ora ternário das músicas cantadas no Orfeão, sob a batuta de Waldemar de Almeida.

Ainda hoje escuto os acordes fortes e suaves do maestro e o dedilhar pianíssimo de Chopin.

Acredito que sua vocação musical nasceu nessa época. Mas o tempo passou, e você se tornou um homem de letras, amante do folclore brasileiro e um pesquisador nato. Suas crônicas encantavam os leitores, você, Vivi, era um vulto que honrava o título de imortalidade acadêmica, exatamente por ser um erudito. Lembra-se, amigão, das festas na casa da praia ou na granja de Joaquim Luz? Você dedilhava ao violão canções como “Bonequinha linda” e a célebre “Índia”, amada por Jair Villar, sempre fazendo questão de solá-la acompanhada por nós todos. E Maria, a grande Maria, renovando nossas doses de veneno e Noemi reclamando.

Tudo passa nesse mundo, mas a amizade, essa coisa aparentemente sem corpo, que flui e não se materializa nunca, é mais forte do que um cepo, porque nasce da alma da gente. É, amigão. Como foi seu encontro com São Pedro? Resplandecente de perdão e amor estou junto a ele gozando de suas bênçãos e olhando para os que ficam sem sofrimento e sem dor. Que mais quer dizer? Para Noemi, companheira amada, e para seus filhos queridos e meus amigos verdadeiros, o pensamento do filósofo grego, Aristóteles, do século IV antes de Cristo, que dizia: “Não se entristeça desmesuradamente pelos seus mortos, apenas terminaram a viagem, que é necessária para que cada um de nós faça. Todos nós iremos para o grande lugar da recepção, onde eles todos estão reunidos, e nesse en-

contro da humildade viveremos juntos em outro estado de ser”. Vivi foi recebido e conduzido por São Pedro para ser o 12º anjo.

CARTA DE VINGT-UN ROSADO, DE 2 DE DEZEMBRO DE 1998.

Meu caro Protásio:

Notável sua ideia de um livro sobre Vivi. Você foi irmão de um grande homem e ninguém o conheceu melhor. Temos em Mossoró um Museu Epistolográfico, ao qual doei 60 cartas da maior autoridade brasileira do folclore nacional. Uma das cartas, infelizmente sem data, poderia ser utilizada como introdução a essas anotações. Elas vão de 17 de janeiro de 1948 até 7 de janeiro de 1996. Na carta de 4 de setembro de 1949, Veríssimo acrescenta um P.S.: “Conversando com Cascudo, há tempos, ele me disse que você conseguiu uma coisa única no mundo: escrever ruim à máquina. Sabe que sabe que é mesmo?”.

Ao amigo querido, de quase meio século de convivência epistolar, uns dos melhores trabalhadores da imprensa potiguar, de tão valiosa contribuição às letras de nossa terra, presto homenagem e minhas saudades. É autor de mais de 80 livros, ensaios e trabalhos publicados. Pertenceu à Academia Norte-Riograndense de Letras e ao Instituto Histórico do Rio Grande do Norte. Pertence a mais de 40 academias de letras e

instituições históricas de países como Argentina, França, México, Peru, Portugal, Bolívia, Espanha e outros. Pela sua atividade, foi distinguido por inúmeras medalhas culturais em São Paulo, Rio de Janeiro, Belém do Pará, Recife e Natal. Publicou ainda a obra folclórica de Cascudo, como expressão do movimento modernista do Brasil.

Oswaldo Lamartine, em seu discurso de posse na Academia de Letras do Rio Grande do Norte, assim se referiu a Veríssimo de Melo, cuja cadeira, de número 12, ele assumia naquele momento: “No dia 9 de julho de 1921, quando se completava 11 anos do primeiro casamento civil no Rio Grande do Norte, ali na casa de número 628, da Vigário Bartolomeu, antiga rua da Palha, o ar cheirava a alfazema. Cortaram o umbigo de um menino macho. Anos depois, trajando as calças compridas da farda escolar, nos encontramos no Colégio D. Pedro II, do professor Severino Bezerra. Dali se foi para o Atheneu, onde terminou preparatórios... naqueles “ontens”, os estudantes tinham inclinação para as letras, costumavam se enodoar nas tintas das tipografias dos jornais. Foi um deles. Já encabelado, fez-se acadêmico de Direito, primeiro na PUC do Rio de Janeiro, depois no Recife onde, em 1948, botou o anelão de rubi no dedo.

Aqui em Natal, por uma dezena de anos, foi juiz municipal. Casou-se com dona Noemi Noronha, que lhe deu Fernando, Sílvio e Monique. Lecionou etnografia na Faculdade de Filosofia e na UFRN.

Dirigiu o Museu Câmara Cascudo, presidiu o Conselho Estadual de Cultura e foi o primeiro-secretário

desta Academia. Participou atuante, em eventos folclóricos por todo esse Brasil de meu Deus.

Contagiado desde cedo pelo mestre Cascudo em espiar as coisas do povo, escreveu vários livros, como no dizer de Bandeira, as mais puras alegrias da nossa infância.

Daí foi um nunca mais parar, tendo como referência maior o *Folclore infantil*, em 1981. Esse livro é hoje volume indispensável nas estantes didáticas escolares. Buliçoso, aqui e ali, passarinhava os caminhos do folclore e entesou para chãos da história, filosofia, poesia e prosa. Daí, contados nos dedos dele, arrolou 116 títulos publicados. Era discreto no trajar, no viver e no escrever. Dono de original talhe de letra, nunca deixava carta sem resposta. Boêmio de muito prazer em torno de louras cervejas, era ainda compositor e violonista. Batia nos peitos ser o único de nós a ser citado num rótulo de cachaça. Alegre e sensível, gostava de rir e fazer rir. Figura fina, lazarina e morena como um Quixote do nosso conviver. Veríssimo era nome de batistério. Para os amigos e o povo que o estimavam, tinha nome de passarinho: Vivi.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO VI- VI

Diário de Natal, terça-feira, 21 de agosto de 1996

Socorro Trindade

Quando a gente precisa isolar o saber, é que descobre que o mundo “é de plástico”.

Nós, nordestinos, somos chamados de heróis, loucos, retirantes, os últimos homens da raça. Chegam aqui técnicos, educadores, médicos, artistas, escritores, poetas, prosadores, sanitaristas, cientistas, políticos para nos salvar. Mas não conseguem, porque somos deuses e, uma vez deuses, somos imortais.

A digressão é a propósito de Veríssimo de Melo, que nos deixou, inesperadamente, no domingo, dia 18 de agosto de 1996, deixando tristes amigos e companheiros de ofício e de lutas, no Brasil e no exterior, especialmente em sua terra, Natal.

Não fui do seu círculo de amigos pessoais. Contudo, tive a oportunidade de conhecê-lo e encontrá-lo em diversos momentos da prática cultural de nosso estado.

O primeiro, quando o conheci na casa de Cascudo, em 1972, ocasião do lançamento do meu primeiro livro de contos.

O segundo encontro, quando retornei do Rio de Janeiro, em 1979, para fixar residência em Natal. Eu trazia na bagagem o desejo antigo de instigar outros contemporâneos a escrever sobre Nísia Floresta.

Ele foi até a UFRN, onde eu trabalhava, e me presen-

teou com o livro *História de Nísia Floresta*, de autoria de Adauto da Câmara, dizendo: “É o único exemplar existente no estado”. Eu não tive palavras para agradecer, mas saí grata, mil vezes grata.

O terceiro encontro se deu em 1994, por ocasião de minha candidatura a deputada estadual pelo PSB. Mais uma vez, o grande homem de letras me procura para pedir o folheto de cordel escrito por Raimundo Silva. O autor do cordel estava presente. Em seguida, deu-me um cartão, no qual ele escreveu a sua então luta para um projeto de sua autoria, que propõe a inclusão nas escolas primárias de primeiro e segundo graus, uma disciplina de âmbito de cultura norte-rio-grandense, a exemplo de literatura, artes plásticas e folclore (art. 137, parágrafo 2º da Constituição do Rio Grande do Norte, promulgada a 3 de outubro de 1989). Ao final do nosso papo, ele disse: “Lute por isso na Assembleia Legislativa”.

HOMERO DO REGO BARROS SOBRE VERÍSSIMO DE MELO

Na “Tribuna do leitor” do *Jornal do Comércio* em
Recife, em 18 de agosto de 1996

(Em sua memória)

Deixando seu Natal triste bastante, Veríssimo de Melo faleceu. Foi-se embora depressa, num rompante, triste deixando este Brasil tão seu.

Orador convincente, bem-falante, a sua voz canora emudeceu. Folclorista e escritor assaz brilhante, para muitos jornais sempre escreveu. Só mesmo a morte tornaria anêmico esse prosaico e exótico acadêmico de talento que sempre honrou Natal. Pois de lá e por lá esse seu filho espargia sua pátria, imenso brilho de percussão internacional.

**A COMISSÃO PARAIBANA DE FOLCLORE
EDITOU NO SEU BOLETIM ANO 4, Nº 6, DE
AGOSTO DE 1997, EM ARTIGO DE FUNDO
ASSINADO POR ALTIMAR PIMENTEL, QUE
CHAMOU SEU TRABALHO “RÉQUIEM PARA
VERÍSSIMO”**

Diz-se que a morte é a única certeza da vida e que comecemos a morrer mal nascemos. Mas Vivi era como se fosse infenso aos males da cidade, indiferente ao tempo.

Esguio, ágil, sempre afável, de muitos amigos, raros desafetos era um homem talhado para a eternidade.

A previsibilidade da morte com relação a Veríssimo resvalava na categoria dos imponderáveis. Sinceramente, apostaria com mais segurança na sua longevidade que na minha própria.

A notícia encontrou-me em Salvador, para onde havia ido proferir uma conferência. Atingiu-me com a força do inesperado. Desconcertou-me.

Não houvesse escrita a minha fala, e dificilmente teria me desincumbido daquela tarefa. Iniciei falando

de Veríssimo, da vida do escritor, professor e pesquisador e da excepcional figura humana – aquele que tecia a intriga do bem, que amava aproximar pessoas, multiplicar amigos. Secundaram-me no elogio a Veríssimo os escritores baianos José Calazans e Hildegardes Vianna, prestando depoimentos pessoais que ainda mais aumentaram minha admiração pela perda do amigo. Escritor versátil, Veríssimo realizou obra multifacetária no campo da cultura popular, do folclore, sua primeira paixão, desde o conto popular à literatura de cordel, aos cantadores, aos tipos populares, às disputas entre xarias e canguleiros, em magnífico ato de devotado amor a Natal. E como não amar essa cidade de gente como Cascudo, Racine Santos, Diógenes da Cunha Lima, Deífilo Gurgel... Mais do que sua arquitetura ou as belezas de sua paisagem, uma cidade é o povo. Assim, a cidade de Natal é, como poucas, por sua gente, por gente como Veríssimo, um lugar mágico.

Fico a imaginar agora a estranheza de São Pedro ante a ansiedade de Cascudo e Nilo Pereira, postos desde cedo à porta do céu à espera de Veríssimo.

Recife, 25 de fevereiro de 2000.

Meu caro amigo Protásio Melo:

Conforme prometi, estou enviando, nesta data, o segundo capítulo de um livro de memórias que pretendo publicar, talvez ainda este ano, intitulado de *Ao bater do martelo*. Esse título expressa, de certo modo, o meu entendimento atual de que devo escrever, nesse gênero literário, pespegado a lembranças. De forma mais descontraída, livre, despreocupada com os efeitos engessantes do estilo da melhor concepção linguística da literatura, que, em muitos, faz aprisionar completamente as ideias.

Veríssimo, meu irmão, como expresso em minhas lembranças, foi e será sempre uma figura humana inconfundível, singular.

Se alguns equívocos de conceituação o amigo encontrar no meu texto, está autorizado por mim a corrigir.

Aguardando notícias para breve, o meu abraço cordial e sincero.

Aluízio Furtado de Mendonça

ALUÍZIO FURTADO DE MENDONÇA

A última vez que vi Veríssimo de Melo, faz muito tempo já.

Foi numa excursão que a Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro fez no Rio Grande do Norte, transportando, num ônibus especialmente fretado por

William Ferrer, grande número de intelectuais pernambucanos àquela cidade, para um encontro literário. Entre esses, o norte-rio-grandense naturalizado pernambucano pelo tempo – mais de quarenta anos – que redige o presente capítulo de memórias:

Veríssimo iria ficar em João Pessoa e, por deferência especial, desviamos o curso do ônibus na volta ao Recife, para atender a uma solicitação sua para descer em determinado local do percurso, nos limites da capital paraibana.

No ponto indicado, ele saltou. Entre as despedidas efusivas dos companheiros que permaneciam gesticulando dentro do coletivo, resolvi saltar e despedir-me pessoalmente dele, apertando-lhe a mão.

Veríssimo compreendeu o meu gesto fraterno e agradeceu, comovido.

E de onde estava, assaltado por um forte pressentimento de que alguma coisa estaria errada naquela despedida, fiquei acompanhando Veríssimo de Melo, até ele desaparecer completamente da distância: uma figura singular, esbelta, magra, ligeira e, pessoalmente, sempre cordial e amável no convívio com as pessoas, independentemente de sua posição social, política ou econômica.

E esse último momento, com a sua morte prematura, pouco depois, está em minha consciência, como um momento de perda irreparável, que se anunciava, já, naquela despedida...

Recife, fevereiro de 2000.

RELEMBRANDO VERÍSSIMO DE MELO

Nilson Patriota

Morre Veríssimo de Melo, deixando um grande vazio no panorama das letras potiguares. Foi seu passamento um derrame de nostalgia e saudade. Sua morte apanhou-nos a todos desprevenidos, não esperado para tão cedo.

Sua meta era trabalhar, produzir e viver. Viver muito como vários membros de sua ancestralidade.

Havia em Veríssimo um quê de existência longa e esperançosa, um traço de humor, que nos dava do mundo uma visão filosófica. Como certas pessoas privilegiadas, que não parecem envelhecer, ele nos dava a impressão que somente tardiamente – e quando bem se dispusesse – morreria, apagando com resignação consciente a flâmula ardente da profícua, da fecunda existência.

Homem de riquíssimo conteúdo espiritual, foi um sonhador a colher ensinamentos da vida e transformá-los em pérolas que distribuía, magnanimamente, aos amigos. Por isso, inspirava tanta confiança – um homem de integral confiança sob todos os aspectos. A seu respeito, seria perfeitamente lícito pensar que não morreria nos próximos vinte anos. Sua saúde espiritual mascarava a fragilidade física que, aos poucos, minava e debilitava seu organismo.

“Quem irá agora substituir Veríssimo?”, perguntava Diógenes da Cunha Lima, na oração que proferiu na despedida do amigo.

Sim, quem irá?

Morto Veríssimo, que administrava com integral dedicação a vida acadêmica e cultural do Rio Grande do Norte, contribuindo para o fortalecimento de nossas instituições, é preciso que se repense a atividade cultural no âmbito dessas instituições como Conselho de Cultura e Academia de Letras, por exemplo, porque enorme vai ser sua falta, profundamente sentida sua ausência.

Não desapareceu apenas o escritor, o antropólogo, o etnólogo, o cronista bem-humorado, o historiador, o folclorista, o mestre, o homem que conversava, que aconselhava, mas também o opistógrafo incansável, capaz de escrever 15, 20 cartas diariamente, indagando ou respondendo a indagações vindas de todos os quadrantes do Brasil e até do exterior, por onde se espalhavam seus amigos.

Grande e variada era a correspondência de Veríssimo, cuja mente curiosa e instruída, estava sempre interessada nas coisas capazes de operar elevação moral do homem. Jamais ambicionou outra espécie de riqueza, senão aquela que preenchia e revigorava o espírito, representada pelas obras de arte e pelos livros, pelo convívio com pessoas inteligentes e capazes, também como ele, em oferecer sadia acolhida à cultura.

O mundo de MacLuhan encantou-lhe o espírito, pelo que proporciona de bom e de humano para melhorar o relacionamento das pessoas. Dava sequência aos hábitos civilizados que aprendera com o mestre Cascudo, de escrever, de não deixar uma carta sem resposta, uma consulta viesse lá de onde viesse.

Tinha em mente que se os fatos acontecem, precisam ser narrados, comentados, comunicados. Sua correspondência, em variados aspectos, é um primor, pois é bem-humorada e inquieta. Toda ela levando seu jeito engraçado e divertido, meio infantil, buliçoso, despretensioso, amável.

Agora que se transportou a outra dimensão, vai fazer muita falta ao Rio Grande do Norte. Principalmente às suas duas famílias, a de Noemi e filhos, mas também, mais extensa e numerosa, a constituída por grande parte da intelectualidade do Rio Grande do Norte. Homem de atividade ininterrupta produziu uma obra de extensão e profundidade dificilmente igualada. Como seu mestre Cascudo, publicou mais de 100 títulos, entre livros, plaquetes e folhetos sobre os mais variados assuntos.

Veríssimo nasceu em Natal, a 9 de julho de 1921, e faleceu na mesma cidade, no dia 18 de agosto de 1996.

VIVI VIVEU!

Chico Lira (Nenem)

Menino, ainda pelos lados do mangueiral da rua Juvenal Lamartine – o calçamento da Afonso Pena em 1966, não existia naquele trecho do Tirol –, eu nunca pensei que o jovem senhor magro e calvo do fusquinha pé-de-boi, o respeitado e badalado professor Veríssimo de Melo, pai de meus adversários nas peladas do quintal dos Lamas, Fernando e Sílvio, pudesse um dia

ser meu amigo, e eu, carinhosamente, chamá-lo Vivi, sequer levando em conta seus 32 anos de vantagem.

Ainda lembro de quando, com seus irrequietos filhos, “puxávamos” seu Gordini, sempre estacionado em frente a sua rede estendida na varandinha do primeiro andar. Eram curtíssimos passeios suicidas, pilotados pelo seu primogênito, já simpatizante dos autoramas, durante seus cochilos de almoço.

Só não lembro a primeira vez que gargalhou com meus causos, “em memória” de um latifundiário deputado potiguar, conhecido por escandalosas gafes político-sociais. Dava para acreditar na afirmação do dono da confeitaria, de que “o professor Veríssimo só acha graça em quem não presta”.

Anos depois, ressacado das traquinagens, passei a devorar seus pacotes literários, como a impagável *Galeria dos imbatíveis*, até mesmo os livros sobre o centenário da Associação Comercial do Rio Grande do Norte e o *Faça-se a luz – contribuição* à história da energia do Rio Grande do Norte. Em 1992, recebi de suas mãos, já sem as capas, o hilário livreto *O gigante Luiz Tavares*, quando ali me dedicou: “Não boto dedicatória porque estou com preguiça”.

Vivi às vezes me esnobava, por saber da admiração que tinha por ele. Nem tanto pelo ex-juiz de Direito municipal, o etnógrafo, o antropólogo, o memorialista, o resenhista, o cronista, o compositor, o articulista, muito mais pela sua carismática presença, pelo exímio contador de histórias, a sua calma, a discreta e cínica visão das coisas.

Falar de Vivi pra mim, é como lembrá-lo numa roda de amigos jogando conversa fora. É vê-lo com um copo do velho *eight on the rocks*, ou de cerveja espumando e um cigarro entre os dedos amarelados de nicotina.

Lembrar de Vivi é lembrar de seus livros nas estantes, suas canções, “do caju que nasceu pra cachaça/do pirão que pro peixe nasceu”; seus discos do Zimbo Trio, Dick Farney, Jobim e Oscar Peterson, que não apenas adorava escutar, como fazia questão da pronúncia correta: “Asca Pireson”.

Lembrar de Vivi é lembrar de seus ensaios, plaquetes, artigos na Tribuna do Norte, Jornal da Manhã, de São Paulo, *Jornal do Comércio*, de Recife; seus “biscoitos finos” (as monografias), sutilmente embalados por um refinado senso de humor, sua abnegada correspondência: uma janela aberta muito antes da internet para o mundo.

Vivi era o popular e o erudito, a modernidade de Ortega y Gasset e os poemas de Jorge Fernandes e Ascenso Ferreira, seus velhos e novos amigos: Cascudo, Meira Lima, Diógenes, seus irmãos Protásio e trocentos outros apegados por variados laços. Vivi era pesquisa em tempo integral, memória e dedicação cultural; era estudo do folclore, paixão pelos seus santos de barro e madeira. Vivi era Vivi e Noemi, sua nem sempre paciente e compreensiva mulher, seus filhos – dos três, Monique é a caçula, e meia dúzia de netos, como o prodígio “Gueguel” que vivia aprontando “caçucagens” para o avô contar seu *Folclore infantil*.

E Vivi vivia como se tudo fosse único a cada instante: um gesto, uma palavra, um olhar. Era a simplicidade comovente e sem par, gostava de celebrar até em suas músicas: “Coisa boa é o mar, o luar/É caju com Pitu/Cafuné, cochilar”.

UMA CARTA DO PROFESSOR BERNARD ALLÉGUÈDE PARA VERÍSSIMO DE MELO AOS CUIDADOS DE DIÓGENES DA CUNHA LIMA

(Que por sugestão resolvi traduzir a carta do professor Alléguède, ex-diretor da Aliança Francesa de Natal, artista plástico, antropólogo, músico e amigo da nossa cidade e de seu povo).

Charleville, 29 de setembro de 1996.

Meu querido Veríssimo:

Acabo de saber que trocaste de domicílio, mas tu sabes que nossa amizade, de mais de 30 anos, passa por cima dessas transformações sociais.

Um pouco mais longe, um pouco mais perto, sabes como eu, que estarás eternamente entre nós.

Tu me deste muitas alegrias, tu me ensinaste muitas coisas. Elas ficam constantemente perto do meu coração.

Lá do alto, violão a tiracolo, acompanha-nos sempre com teu olhar penetrante.

À Noemi, Protásio, Ivete, às crianças e a toda a família, a todos os ilustres sócios dessa tão bela Academia de Letras, a todos os amigos dessa maravilhosa cultura norte-rio-grandense, da qual tu eras o chefe e o pastor, a lembrança afetuosa do teu Alléguede e também de Oscar Peterson (*Veríssimo era fã desse grande pianista de jazz americano, do qual tinha mais de 100 discos*).

Obs.: Junto, meu caro Vivi, eu te comunico o testemunho bem concreto da nossa cultura nordestina, através de nossos prezados Dorian, Zaira e Newton Navarro, que acabei de apresentar ontem, no 24º Salão Internacional de Revin (mais de dez nacionalidades diferentes). Podes dormir tranquilo.

Bernard

CAPÍTULO 17



**OUTROS
ARTIGOS
SOBRE A
MORTE DE
VERÍSSIMO**

VERÍSSIMO DE MELO NO OUTRO LADO

Manoel Onofre Júnior

Cinco dias antes de sua morte, conversei animadamente com ele, pelo telefone. Disse-me que estava doente, com hepatite, mas nada grave. Só achava chato ter que ficar preso em casa; ainda bem que os amigos o telefonavam constantemente. Agora mesmo tinha falado com Alvamar Furtado. Pedi-lhe, então, notícias sobre o preenchimento de vagas na Academia Nortte-Riograndense de Letras. Veríssimo era entusiasta da candidatura de Vicente Serejo à cadeira de número 27, vaga após a morte de Américo de Oliveira Costa. Assegurou-me que Serejo já podia considerar-se eleito. Enveredamos por outros assuntos e, em certo momento, tornamos à Academia – sua “menina dos olhos”. Referimo-nos às sucessivas mortes de acadêmicos, verificadas por último em curto espaço de tempo, o que, aliás, motivou indignação bem-humorada: “Quem é a próxima vaga?”. Dia seguinte, liguei-lhe novamente, não para inteirar-me do seu estado de saúde – que não inspirava cuidados –, mas apenas para solicitar-lhe o endereço de um amigo comum. O telefone só chamava. Fiz-lhe, outras ligações, em vão. Até que neste domingo chuvoso, uma voz de mulher, ao telefone me diz, para minha perplexidade: “O senhor não sabia? Morreu... enterrou-se hoje”. Poucas vezes, na vida, senti tamanho impacto emocional. Há dois minutos esperava ouvir a voz do amigo e agora custa-me admitir que que ele já não pertence a este mundo.

No meio cultural e no círculo de amizades, Veríssimo vai fazer muita falta. Era um líder. Presidente do Conselho Estadual de Cultura, primeiro-secretário da Academia. Ensaísta e crítico literário, exercia a salutar crítica de rodapé, quase sempre voltado para a literatura do Rio Grande do Norte. Deixou inúmeros livros e plaquetes. Dois desses merecem menção especial: *Patronos e acadêmicos* (2 volumes), antologia e biografia, obra de consulta obrigatória; e *Folclore infantil*, com que se afirmou discípulo de Cascudo, respeitado além-fronteiras.

Simplicidade e clareza – estas as virtudes maiores da sua prosa. Ele próprio um homem simples, dotado de extraordinário senso de humor, comunicava-se com facilidade.

Partiu setentão, mas jovial, e em plena florescência literária. Seu nome há de ficar, como expressão de primeira grandeza, na história da inteligência nordestino-grandense.

OS VIVOS E OS MORTOS DO ÚLTIMO DOMINGO

Valério Andrade

3 de outubro de 1997

Li o artigo sobre João Ribeiro aqui na *Tribuna do Norte*, no domingo pela manhã e, a seguir, liguei para a casa dele. Quando o telefone não atendeu, pensei, de repente, que ele poderia estar hospitalizado, mas logo

afastei a ideia. Por não querer, talvez, afastar a ideia de um súbito agravamento do seu estado de saúde, achei que ele estaria dormindo.

Voltei a ler o dramático relato sobre os últimos dias do ator Peter Lawford, o jovial e bonito galã da Metro, de 40 anos, que fora cunhado do Presidente Kennedy e assinalei a última cena dele no palco da vida: “Peter mexeu-se pela primeira vez em dias. Os músculos se contraíram, a parte superior do tronco tremeu, num espasmo involuntário. E depois ele decaiu sobre o corpo. Estava morto”.

Era o fim de mais um ator cuja carreira eu havia acompanhado na tela e através da imprensa nos anos Kennedy e na época em que era um dos notáveis do clã de Sinatra.

Antes de voltar a telefonar, pois algo não me deixava esquecer o telefonema sem resposta, fui surpreendido com uma ligação do Rio de Janeiro. Era o meu primo irmão, Otto Júlio Marinho que, através de uma pergunta, descobriu que por mais estranho que pudesse parecer, até aquela hora da tarde eu não sabia o que tinha acontecido em Natal.

E então me fez a revelação tão chocante quanto inacreditável: Vivi morreu. Em estado de perplexidade liguei para o Diógenes da Cunha Lima e uma voz afirmou que o número tinha mudado.

Falei, então, com outro amigo comum, Vicente Se-rejo, que acrescentou outras informações à triste notícia recebida lá do Rio de Janeiro. Falei ainda com Dr. Ernani Rosado e fiquei sabendo que ele havia estado

com Veríssimo pela manhã do sábado e saíra do hospital ciente da gravidade da enfermidade, que já começara a afetar a lucidez do nosso querido e já saudoso amigo. Por último, liguei para a casa do meu mano Derval Marinho e ouvi Nilda dizer: “Pensei que você já soubesse”.

Com a memória funcionando como um filme formado por cenas fragmentadas, relembrei os longos anos de convivência com Vivi, estreitados e aprofundados depois de minha vinda a Natal. Mergulho nas trevas da tristeza. Parecia ainda vê-lo ali na cadeira de balanço conversando com Serejo e Sobreira, na última vez que estivemos juntos no meu apartamento.

Tarde da noite, fui para o único refúgio que me restava. Na ressurreição filmica voltei a me encontrar com Humphrey Bogart, Peter Lorre e Ward Bond.

Assim terminou o domingo que convivi com os mortos e os vivos, dentro e fora do cinema.

ERÍSSIMO, VERVÍSSIMO: UMA HOMENAGEM

Washington Araújo

Ver-me distraidamente ao telefone discando para o Conselho Estadual de Cultura, buscando saber as notícias da província pela voz cativante do mestre Veríssimo de Melo, fez-me sentir em algum lugar inacessível da alma a legitimidade e sensibilidade do desabafo de Miguel Torga, o grande luminar das letras portuguesas.

Torga foi enfático ao afirmar, melancolicamente, aos 86 anos de idade, que toda vida humana é uma breve ou demorada despedida, que começa de fato logo à nascença, e acaba aparentemente no dia da morte. Despedida dolorosa do ventre materno primeiro, e, depois, de tudo quanto temos de melhor: meninice, dons naturais, saúde, bens, alegrias e, finalmente, a própria luz da consciência. Mas só ficamos verdadeiramente desprendidos de tudo aquilo quando somos esquecidos. Quando mais ninguém lembra dos traços singulares da nossa fisionomia física e espiritual, e no coração lhe dói a dor da nossa ausência.

E Torga estava coberto de razão. Não uma razão qualquer, mas antes, aquela razão selada, assinada, conferida e registrada no tabelionato competente. Vivemos nos despedindo, seja dos amigos ou dos novos amores, seja das antigas ou novas amizades, e nos despedimos um pouco da gente sempre que um ente querido se eleva a outras paragens, etéreas, transcendentais, místicas.

Recordamos algo quando estamos fazendo voltar a passar pelo coração aquilo que já passou, isto é, revivemos, imaginariamente, o já vivido, como se déssemos um passo de dança visando dar um salto energético para o futuro.

O quilate dessa sentença é aferido pelo genial Ortega y Gasset. Quem privou da convivência e da sabedoria de Veríssimo de Melo bem sabia que Ortega y Gasset era, muito provavelmente, o maior inspirador do pensamento de Veríssimo de Melo, um pensamen-

to que buscaremos recordar, reaprendendo as antigas lições com o mesmo sabor de mangas tiradas há pouco pé.

Veríssimo, afirme-se, não se tornou renomado em sua área de estudos apenas com a ausência de Cascudo. Não, antes, no distante 1949, José Lins do Rego escrevia em jornal carioca: “O jovem pesquisador Veríssimo de Melo, com verdadeira vocação para os estudos folclóricos, põe-me na intimidade das adivinhas que o tempo já apagara de minha memória”.

Se Veríssimo tivesse que ser lembrado apenas por uma única obra, certamente seria pelo seu *Folclore infantil*, que, clássico do gênero, o colocou como legítimo sucessor de Cascudo na carpintaria da descoberta do folclore nacional. Tarefa imensa que fez Carlos Drummond de Andrade, ensimesmado como somente o poeta sabia ser, comedido em elogios, e estes geralmente reservados ao seu fechado círculo de amigos mineiros se rendendo ao encanto desse livro, escreveu-lhe “É um livro que bole com a gente, por um mundo de lembranças guardadas no coração e na memória dos brasileiros”.

Nas palavras de outro dileto amigo de Veríssimo, Oswaldo Lamartine de Faria, encontramos a definição que o autor gostava de citar sobre seu livro: “E tenho para mim que enquanto o mundo tiver vivente que foi menino, o seu livro terá lugar numa estante”.

A FAMÍLIA NO CENTRO

O seu amor pelos netos é uma constante. Uma crônica no próprio dia de Natal tinha este título “Quando Papai Noel é válido”. Nela, ele, aos 67 anos de idade, refere-se ao seu neto Gueguel, então com 5 anos.

“Gueguel, o carro é como um avião. Tem piloto e copiloto. Amanhã quando você crescer, você será piloto e eu copiloto”.

Gueguel então disparou: “Quando eu crescer você vai morrer”. No dia seguinte, recordando esse diálogo, Veríssimo diz ao neto: “Cara, você quer que seu avô morra?”, Gueguel responde de imediato: “Você morre depois você volta”.

De outra feita, respondendo, segundo o avô, encantado, a pergunta da professora sobre quem havia descoberto o Brasil. Gueguel disparou: “Foram os índios, mas dizem que foi Pedro Álvares Cabral – a resposta considerada errada fez Veríssimo se solidarizar com o neto, ante tamanha injustiça.

A verdade é que Veríssimo concordava com Drummond, esse poeta feito com o ferro de Itabira, “que ouvir as crianças tinha o mesmo sabor de recolher a poesia na fonte”.

CRONISTA DE SEU TEMPO

Estudioso da literatura brasileira, Veríssimo demonstrava suas predileções por alguns dos nossos gê-

nios, dentre estes, Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Ascenso Ferreira.

De Mário, que faleceu muito jovem, aos 51 anos, e que sempre foi fustigado por muitas enfermidades, Veríssimo garimpou uma carta de Mário de Melo Franco, de abril de 1944, na qual Mário afirmava: “não gosto de doenças, mas gosto de saborear a convalescência, sou um convalescente convicto”. Já em outra carta citada por Veríssimo, esta dirigida a Murilo Miranda, em 1943, Mário de Andrade escreveu: “declaro solenemente em estado de razão perfeita, que quem algum dia publicar as cartas que possuo ou cartas escritas por mim, seja em que intenção for, é fdp, infame, canalha e covarde. Não tem noção da própria e alheia dignidade”. Era o picaresco, o inédito, que atraía Veríssimo por essas personalidades.

Tinha o jeito de trazer para a humanidade esses expoentes bafejados pela ação da genialidade. “Se todos os rios são doces, de onde o mar tira então o sal?”, perguntou Pablo Neruda e Marty respondeu lacônico: “Das lágrimas dos pobres”. E é assim que esses dois poetas, tão distantes cronologicamente, fornecem o combustível para uma das crônicas dominicais de Veríssimo de Melo na imprensa natalense. Ele havia recebido, muitos anos atrás, de seu amigo Guilherme Santos Neves o *Libro de las preguntas*, cujos originais haviam sido encontrados nos arquivos literários do poeta maior do Chile por seus familiares. Anos depois, lendo a edição da *Revista Deutschland*, deparou uma reportagem sobre a artista plástica Marty Brito. E ele

buscava responder algumas das perguntas de Neruda. Pronto.

A faísca criativa estava em ação e logo seria servida naquele domingo, 18 de junho de 1995. Escreveu uma crônica, belíssima por sinal, sobre Pedro Calmon, que fora seu professor na Faculdade de Direito da PUC, no Rio de Janeiro. O velho mestre tinha o talento de encantar seus alunos. E não era raro vê-lo caminhando pelos corredores da faculdade, rodeado de alunos ansiosos por ouvirem as histórias e anedotas do mestre. Cremos que data dessa época o jeito que Veríssimo adquiriu de encantar a todos pelo histrionismo, pelo bom humor a toda prova, pela conversa desenxabida.

Veríssimo recordava um episódio em que Calmon, reitor da Universidade Federal da Bahia, em pleno regime militar de 1964, fora informado que policiais estavam nos portões querendo entrar para prender alguém. O reitor levanta-se e manda um aviso curto e grosso aos policiais: “Digam a esses senhores que aqui na universidade só entra quem fez o vestibular”. Os policiais retornaram às suas guarnições desapontados.

AMIZADES POR ATACADO

Veríssimo tinha esse dom de cultivar amizades que atravessavam décadas, alimentadas ao telefone ou pela correspondência, ele estava sempre presente na vida dos amigos. Mas, afinal, como seus amigos o viam? Não é difícil fazer uma rápida e enxuta seleção.

O escritor paulista Gilberto de Mello Kujawski, autor de *O sagrado existe* afirma que: “a segunda lição é a da generosidade, predicado moral que não falta a Veríssimo de Melo. Mas, refiro-me à generosidade intelectual, que se mede pela simpatia de um autor por outros autores e por sua inclinação a dividir com outrem as alegrias do espírito”. Para o padre O’Grady, ele tem um “estilo claro e conciso. Linguagem objetiva e direta. Temática oportuna e atual. E a tudo presidindo, espírito de justiça”. Para um pintor natalense, falecido em 1952, Veríssimo escreveu uma crônica densa de poesia e originalidade, como se estas pudessem de alguma forma ser excludentes. A crônica, infelizmente, extraviou-se.

CARPINTEIRO DAS LETRAS

Veríssimo, autor de uma centena de livros, sobre os mais variados assuntos, certa vez, comentando uma interessante pesquisa do jornal francês *Liberation*: “Por que os escritores escrevem?”, não se furtou em registrar sua resposta em deliciosa crônica: “Escrevo para dar testemunho do meu tempo e dos meus amigos”. Escreveu sobre centenas de amigos, poetas, filósofos, artistas plásticos, boêmios. Encerro essas mal traçadas linhas, este esboço do Veríssimo que conheci, citando o escritor inglês Samuel Johnson, que ele, anos atrás, havia referido em uma das suas crônicas. “Um pensamento estranho me perturba: no túmu-

lo deixaremos de receber cartas”. Fica, então, a nossa tosca homenagem ao avô de Gueguel, ao dileto amigo de Diógenes da Cunha Lima, ao confrade Enélio Petrovich, ao anfitrião dos saraus literários do Conselho de Cultura, e ao destinatário dos belos cartões vindos de Oswaldo Lamartine, com a brisa que sopra do Aterro do Flamengo.

VERÍSSIMO SOB A HARMONIA DAS COISAS SUPERIORES

Gilberto Avelino

Sempre me rendi à soberania deste conceito: “Aqueles a quem amávamos, a que perdemos, já não estão onde estavam, mas estão sempre onde estamos”.

Veríssimo foi para mim sinal de permanente presença, sempre, quer pela emoção, quer pelo sentimento de afeto, ou pelo ideal. Isso revela e testemunha os meus livros. Neles, há marca de nitidez dos seus textos, nos quais ressaem o saber e a generosidade. Ainda fui amplamente distinguido, fora meu pai, na nossa Academia de Letras, saudado por ele e, ao substituí-lo, naquela augusta casa, ouvi a palavra de Veríssimo saudando-me. O que mais me acrescer, em relação ao bem-querer e à grandeza?

Ponham-se em evidência os seus belos sentimentos – a lealdade e o solidarismo, em favor das ame-

nidades. Ressalte-se, jamais se neutralizava ante a justiça ou deixava de aplaudir de pé a merecida conquista e de enaltecer o justo pleito. Escritor das atitudes, sem, contudo, perder a humildade espontânea.

Voz vibrante, que se obstinava a serviço da cultura da sensibilidade e da inteligência. Imagino-o hoje, sob os suavíssimos sons de aves, mas fazendo ao lado de Wolfgang Amadeus Mozart a vigília dos astros. Enquanto aqui na Terra, eu permaneço entoando o meu canto, dedicado a Veríssimo de Melo, em louvor do poeta Jorge Fernandes, também por ele louvado.

Sol alto, águas serenadas banhando
O corpo da cabocla e a canção que nascia.
E o coração do poeta fazia-se lua nova.
Tecedores de fios de verdes e madrugada
Acauãs, tetéu, azulões, graúnas,
Concrizes em revoadas,
As calçadas da rua da Palha de vibrações azulando

VERÍSSIMO DE MELO – REMINISCÊNCIA

Getúlio de Araújo

(Médico e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás – 5 de abril de 1999)

Nunca é tarde para reviver uma velha amizade, principalmente quando ela nasceu nos bancos do velho Atheneu norte-rio-grandense, na paradisíaca cida-

de de Natal, famosa pelo Clube dos Inocentes, frequentado na década de 1960 por Câmara Cascudo, José Melquíades e Veríssimo de Melo.

O Atheneu era o foco centralizador do ensino potiguar e para ele convergiam estudantes de todo o Rio Grande do Norte, que tiveram a felicidade de conhecer o professor Veríssimo de Melo, mestre em antropologia, jornalista, crítico literário, cronista, ensaísta, folclorista e legítimo sucessor do insigne Luís da Câmara Cascudo, presença marcante em nossas letras. Mas, realmente, meu primeiro encontro com Veríssimo (Vivi) data de 1986, no escritório do poeta Diógenes da Cunha Lima, autor de *Câmara Cascudo – um brasileiro feliz*. Foi o intelectual mais bem-humorado que já conheci, brincalhão, sincero, um homem exemplar, digno e correto.

Sua obra literária engrandece os anais da cultura popular nordestina. Ali estão entre os mais destacados livros: *Folclore infantil*, *Tancredo Neves na literatura de cordel* e *Fabião das queimadas*.

Admirador de Mário de Andrade, cujas cartas a Câmara Cascudo organizou e prefaciou, aprendeu com o mestre da Junqueira Ayres “o milagre da multiplicação do tempo”. Estava sempre fazendo palestras, participando de simpósios, congressos, publicando livros, e nunca deixava carta sem resposta.

A marca registrada desse papa-gerimum, apaixonado pelas artes plásticas, era ser um fiel cultor da “intriga do bem”, que o diga o poeta Diógenes da Cunha Lima. Neste final de milênio, vamos evocá-lo com a

mais bela palavra luso-brasileira – saudade. Como desterrado da terra seridoense, gostaria de homenageá-lo aqui, no Planalto Central, com a medalha do Pequi. Veríssimo de Melo, meu saudoso Vivi, receba aí no Éden um caloroso abraço de seu fã clube de Goiás.

NA MEMÓRIA DE VERÍSSIMO DE MELO

José Melquiades

Elogiável essa iniciativa de Protásio em prestar justa homenagem à memória de Veríssimo de Melo, publicando sua biografia acompanhada de depoimentos na espontaneidade de seus apreciadores. Veríssimo bem o merece. Infelizmente, o reconhecimento póstumo não atinge o homenageado, conforme se lê pessimistamente no Eclesiastes: “os mortos não sabem coisa alguma, não tem reconhecimento”. Por essa razão, Agripino Grieco recorreu às memórias “ântumas”, neologismo que criou para valorizar os elogios feitos na presença do vivo.

Ao elogiarmos o morto com requintada retórica, damos sempre a impressão de alongarmos os epitáfios, desenvolvendo uma eloquência fúnebre com discursadeiros de cemitérios, onde as exéquias se inspiram na redenção da cruz. Veríssimo detestava essa facúndia. Infelizmente, porém, impossível seria fugir à regra. Inevavelmente, Veríssimo merece reconhecimento. Ele foi uma grande alma. Grande figura humana. Tudo que se disser de bom sobre ele ainda será pouco.

Intelectual de renome, sempre bem-humorado, conseguiu viver tranquilamente nesse zoológico antropomórfico de flagelados teriomórficos, em que o homem conseguiu ser inimigo do próprio homem, um lobo de si mesmo ou um lobo devorador do próximo – *homo homini lúpus*, revelado no teatro de Plauto.

Veríssimo seguiu fielmente as pegadas de Câmara Cascudo e continuou seus estudos no campo do folclore, ampliando-o com perspicácia de mestre. Viveu essa tradição com o mesmo espírito de dedicação e da mesma maneira de como os padres vivem o Evangelho no espírito das pregações. Nesse mundo de vividas ilusões e repetidas tradições, sentia-se muito bem entre os tripulantes da Nau Catarineta, como também se sentia à vontade na companhia das dianas e pastoras das Lapinhas.

E ele preferia um bom improvisador, um excelente cantor de viola, ao lirismo das Odes de Píndaro, ou ao encanto dos hinos de Homero.

Para ele, os figurantes dos reisados eram verdadeiros faunos nordestinos. Talvez até tivesse vontade de se encontrar com lobisomem em noite de lua cheia, pelo menos aquele das assombrações de *Catulo da Paixão Cearense*. Esse era seu mundo encantado com o ciclo das superstições: e esse foi o Veríssimo que todos nós conhecemos e que veneramos. Seus artigos publicados em jornais e seus trabalhos antropológicos apresentados em revistas especializadas definem bem sua criatividade literária.

Entre os muitos livros que escreveu, *Patronos e acadêmicos* tornou-se a bíblia da Academia de Letras, sua

maior contribuição à imortalidade dos potiguares. Esse foi o Veríssimo de Melo da nossa intimidade. Nunca devemos esquecê-lo, se bem que a memória humana é muito falha para com os mortos.

Nos últimos dez anos de vida, Veríssimo desenvolveu incansável trabalho intelectual entre a Academia de Letras e o Conselho de Cultura. Ali produziu livros de grande valorização ao patrimônio cultural do nosso estado. Fiquemos com a sua memória; e isso nos fica muito bem.

ALEX LEMBRA VERÍSSIMO

Alex Nascimento

Em carta a mim endereçada

De Veríssimo muita saudade. De encontrá-lo tomando uma cervejinha na Bella Napoli, magro, manso e, sempre que tinha oportunidade, falando sobre Oscar Peterson. E, se não tinha, ele criava. Oscar Peterson perdeu um dos maiores admiradores em todo o mundo. A paixão pelo pianista foi uma das coisas que nos uniu. Tenho a impressão de que Veríssimo havia se tornado mais colecionador do que ouvinte dos discos do músico canadense. A última entrevista de Peterson, Veríssimo me mandou com a urgência e o zelo de um documento sagrado. Última vez, na Bella Napoli, havia uns entusiasmados pelo whisky cantando umas serestas chatas.

Veríssimo me chamou e disse: “Quero lá saber dessas porcarias, esses imbecis nunca ouviram Oscar Peterson ou coisa parecida”.

Tinha razão, Veríssimo, há excesso de imbecis e falta de gente para se sentir feliz com o simples toque do nosso amigo comum. Em nome do senhor Oscar Peterson, tchau.

Também me lembro bem da frase publicitária que Vivi adorou, uma propaganda de uma agência funerária americana:

“Para que viver, se você pode ser enterrado por 100 dólares”.

Abraços, Alex.

VIVI, MEU COMPANHEIRO OU DELEITE DOS SANTOS

Enélio Petrovich

Vivi deve estar na morada celestial, dialogando com o criador, ou lendo e escrevendo para deleite dos santos.

Parece um sonho ou pesadelo. Faleceu na madrugada de domingo passado (18/8), o já saudoso amigo Veríssimo de Melo, nosso companheiro nessa página literária.

Sem dúvida, uma lacuna difícil de ser preenchida na cultura potiguar. Livros, publicações diversas, ornaram seu currículo de intelectual sério, autêntico, co-

nhecendo a todos nós e a todos que o conheciam e o admiravam, transmitindo a força viva de sua personalidade, alta e nobre.

Na convivência quase diária com Vivi, como o chamavam carinhosamente, suas palavras de estímulo, o som da sua voz que espargia em conversas pessoais e através de longos telefonemas com entusiasmo, tudo, enfim, impregnava-se na alma de cada um como o marisco ao rochedo.

Veríssimo deixa uma ausência imensa no ambiente cultural da boa terra de Cascudo, de quem fora um dos mais ardorosos discípulos.

Presidindo o Conselho de Cultura, ali era o seu lugar de encontro, ora debatendo e expondo acontecimentos de interesse dos homens de letras e instituições, até em nível nacional, ora como sabedor de alguém ligado à sua pesquisa, por aqui vinha logo e convocava para depoimentos acerca das suas atividades e sua obra. Tinha o dom de fazer amigos.

Não é fácil, pois abordar todos os aspectos da existência profunda de Veríssimo, em um simples comentário. Mister um livro para defini-lo. E, temos certeza, não irá demorar, quem assuma esse compromisso ou tome essa iniciativa louvável. Talvez o colega e amigo Diógenes da Cunha Lima.

Aliás, muito bem se expressou o consócio Juran-dir Navarro, atendendo à nossa solicitação, em nome do Instituto Histórico, no instante da despedida final.

Fomos nós todos, visitando-o na Casa de Saúde, o último confrade a ver e trocar ideias com Veríssimo

sobre a posse de Oriano de Almeida e Sílvio Pedroza, na Academia. Quanta expectativa! Uma alegria contagiante. Na verdade, há pessoas que não deveriam morrer, sair do nosso convívio. Veríssimo era uma dessas criaturas. Daí a nossa lembrança eterna.

Mas os desígnios de Deus são, obviamente, divinos e indiscutíveis.

Estamos convictos que Veríssimo de Melo, “O admirável Vivi”, conforme Dorian Jorge Freire, é símbolo de humildade, persistência e amor às letras e arte. Bem podemos sentir o sentimento de Noemi, sua esposa e seus filhos, dos seus netos queridos, de Protásio, seu irmão, e demais familiares. Neste espaço de jornal, já não contendo a emoção, vale outro registro com as lágrimas da saudade.

Todo o sábado nos telefonava, invariavelmente. À noite, uma parada obrigatória em frente à nossa casa, e de sua irmã, Nicênia, nonagenária, e também saudosa com sua partida.

É que recebendo alguns recortes destes comentários, separávamos os seus artigos acima de junto dos nossos. No ato da entrega, o bate-papo valia a pena. Fatos, pessoas, episódios afluíam a cada momento. Depois, um breve adeus, à espera do sábado seguinte.

Agora, na mesma horinha de sempre, contemplamos a rua deserta e escura, e não chega Veríssimo para buscar seus artigos, e dele já não ouvimos mais os seus conselhos e lições de sabedoria e humanismo. Os desabafos oportunos e construtivos.

Deve estar, na morada celestial, dialogando com o Criador, lendo e escrevendo para deleite dos santos. Assim a vida. Assim a morte.

VERÍSSIMO, VERÍSSIMO

O Galo, de 9 de agosto de 1999

Dorian Gray Caldas

Veríssimo de Melo, Veríssimo, o homem por inteiro. Ainda parece-me vê-lo mediano porte, magro, sempre bem escanhado, olhos apagados, riso disfarçado, pálido, quase tímido, um pouco índio, na maneira de conversar e avançar. Até com os mais íntimos, reservado, calva à mostra, sorriso intimista, prosa fácil, amena, inteligente, mas prudente.

Do muito que sabia pouco demonstrava, guardando para si e para os amigos os artigos de jornais e separatas. Soberbos nesses escritos, *post scriptum*, cartas para os amigos. Prosa escrita na medida de 50 linhas bem contadas, nunca ultrapassadas. Fazia do jornalismo sua profissão, doação de pacotes literários à necessidade íntima de Voltaire, o epistolar conforto da palavra aos amigos; generoso. Acadêmico como poucos, leal, perempto, sempre aberto a todo entendimento, cultura humanista, folclore, antropologia, sociólogo do dia a dia, múltiplo e vário, incansável e atento, o que nem sempre acontece com outros, mesmo sendo do Sul ou do Rio Grande do Norte.

Na cerveja comedido, ou em parceria com Diógenes da Cunha Lima, sempre atento e disciplinado. Secretário da Academia, nunca perdeu uma eleição.

Veríssimo, amigo surpreendido pela indesejada, acreditando-se longevo por herança materna. Na Ulisses Caldas, o tempo do bonde e das magubeiras no caminho do Tirol, nas tardes na Ribeira, na balaustrada do Atheneu, a intransferível companhia dos boêmios do Granada e do Cisne, às atenções aos solícitos garçons de outros dezembros. Em qual lugar mais ativo e mais humano ficou tua bonomia?

Amigo de todos os amigos e de todos os companheiros, xarias, canguleiros, qualquer tribo desta cidade de Natal, de mestre Cascudo.

Crônicas, artigos, louvinhas, adivinhações, parlenhas, cordel, tudo que anima o coração esteta quando escreve. Procuro-te e não te encontro na geografia, hoje anel da cidade, nem em tua mesa de trabalho, no edifício Café Filho, onde moravas.

A casa da Vigário Bartolomeu está vazia. Nos corredores, amigos novos, presenças que transmitem o chão de antigamente, mas em supremo este tens outros afazeres; outros propósitos, onde não sabem nossas dúvidas e nossos sonhos.

POR ONDE ANDARÁ NOSSO VIVI?

Luís Carlos Guimarães

Copiando Dorian Jorge Freire, deixo aqui minha lágrima para o saudoso Vivi – um instante apenas para reverenciar sua partida. E afugento a tristeza de pensar no amigo que se foi, para lembrá-lo como aquele homem afável, que fez do seu tempo no mundo, uma militância de amizade, de alegria e de bem viver.

E tudo deve continuar como se ele estivesse ao nosso lado, o olhar manso e o riso manso permeando o comentário jocosos sobre um fato cotidiano.

Lá ia ele passando o caniço de seu corpo magro e leve, ágil, no seu passo miúdo. Quase sem tocar o chão. Nessa leveza conhecia o mistério da levitação? Para onde ia Vivi todas as manhãs, tardes e noites pelas ruas da cidade? Na minha imaginação aprendi a vê-lo passando inquieto, chegando ao Conselho de Cultura, ao escritório de Diógenes, e entre um cigarro e uma xícara de café, seus gestos costuravam no ar o bordado da conversa amena.

Na minha fantasia de lembrá-lo sempre passando, esquecia suas horas diárias de trabalho na leitura de livros, ministrando suas aulas, escrevendo artigos para jornais, sua correspondência, dedicado à antropologia, retratando os tipos que viveram a época boêmia da cidade.

Nos bares, fui seu companheiro, à luz do dia ou da noite. Às vezes, unguído pela graça da poesia, quase em surdina, dizia um verso de Jorge Luis Borges.

O poeta e boemia mudavam, mas a cena vive ainda na minha memória. A vida devia ser fluida todos os instantes. Nascido numa casa na rua da Palha, esse nordestino da melhor linhagem deixou uma obra considerável no campo da antropologia e do folclore. Outra face da moeda era o cordial Vivi, sempre bem-humorado e em constante comprazimento com a vida. Diverso de Veríssimo de Melo, que escrevia sobre o lado lúdico do dia a dia, retratando perfis como Zé Areia, Luís Tavares e outros boêmios da terra como se convivessem numa só pessoa, um ser grave, reservado no ambiente de trabalho, outro, extrovertido e comunicativo. Foi tão pessoal no seu modo de ser que, uma vez no Conselho de Cultura, Américo de Oliveira Costa o advertiu: “Você deve ser mais Veríssimo de Melo e menos Vivi”.

Onde andarás Vivi agora? Estará na esquina de uma nuvem, trabalhando a sua mais nova canção? Ainda o vejo. Vou mais longe ao tempo para encontrá-lo pela primeira vez, nos anos 1960, num bar da Frei Miguelinho, na Ribeira. À mesa do bar, com Newton Navarro e Albimar Marinho, deliciado, entornava uma loura Teutônia, provando uma fatia de queijo do reino. À falta de uma fotografia que registrasse essa cena de um tempo feliz, guardo esse momento na lembrança, velho amigo, Vivi. E, de repente, me dei conta que um dia de agosto, esse mês cruel, a cidade ficou mais triste e pobre sem você.

LIVROS PUBLICADOS E DISTINÇÕES

Neruda e Diógenes em desafio onírico

Veríssimo de Melo

Diógenes da Cunha Lima publica um novo livro: *Livro das respostas*; face ao *Livro de las preguntas*, de Pablo Neruda (Massao Ohno Editor – São Paulo – 1996).

Temos certa intimidade com esse livro de Diógenes, que nasceu por sugestão nossa, conforme o próprio autor confessa com a dedicatória com a qual nos homenageou. Foi, na verdade, um desafio que fizemos, ao entregar o *Livro das perguntas*, de Neruda, adiantando que gostaríamos que o lesse e respondesse a todas as perguntas difíceis ou surrealistas que ali se aconteciam. Se tanto tivesse “engenho e arte”, Diógenes, como dizem os gaúchos: “pegou logo o pinhão na unha”. Durante uma semana, dias e até meses, ele foi respondendo uma a uma todas as trezentas e tantas questões intrigantes levantadas por Neruda. Fez e refez esse livro várias vezes. Procurava avidamente a melhor solução para as indagações do poeta chileno. Soluções que envolviam a contenção e rima, e até a síntese adequada. Foi trabalho de artesanato que só um poeta de alta categoria poderia enfrentar.

Edson Nery da Fonseca, num prefácio magistral, disse tudo sobre a tarefa a que Diógenes se entregou de corpo e alma. Resume a obra de Diógenes com estas palavras: “Diógenes é, sem dúvida, um poeta nascido para os mais altos voos da imaginação. Um poeta de

cariz mediano e, por isso, deu às perguntas de autor de *Odas elementales* as respostas que ele, estou certo, entusiasticamente aplaudiria”.

Pensamos que essa afirmação de Edson Nery da Fonseca, como crítico rigoroso e inflexível, diz bem da tarefa que Diógenes aceitou com deliberado desejo de superar os obstáculos, o terreno minado que Neruda semeou para os poetas do futuro.

Relembramos agora o belo livro que nos encantou com as várias respostas inteligentes ou simplesmente críticas que Diógenes formulou.

Vejam algumas que nessa leitura nos chamaram atenção à pergunta de Neruda difícilima: “*y cuándo se fundou la luz. Est sucedeu en Venezuela?*”.

Diógenes respondeu:

“A luz nasceu de uma costela da Eva, na Venezuela”.

Ou esta outra indagação:

“*Donde encontrar una campana que suene adentro de tus sueños?*”.

Respondeu Diógenes:

“Os sinos dos sonhos não prescindem de badalos”.

Achamos magnífica a resposta do nosso poeta à pergunta de Neruda:

“*Cuándo lee la mariposa lo que vuela escrito en sus alas?*” Diógenes:

“Borboletas costumam ler quando leves voam sobre o espelho das águas”.

Também imaginosa a resposta para essa pergunta de Neruda: “*Cómo se llaman los ciclones cuando no tienen movimientos?*”. Resposta: “Bem no começo,

quando não em movimento, o ciclone se chama ovo do vento”. A uma pergunta de Neruda propondo reconstruir o inferno, Diógenes saiu-se com resposta lógica e bem-humorada:

“Inferno só é inferno por não permitir reforma”.

O livro é todo assim. Cheio de inteligência fértil de graça espontânea, e sobretudo, de sabedoria humana.

PASSAGEM DE VERÍSSIMO DE MELO PELA MAÇONARIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Dados fornecidos pelo venerável

Armando de Lima Fagundes.

(1º de maio de 2004)

Ir \ Veríssimo Pinheiro de Melo

Iniciado na Loja Maçônica Clementino Câmara.

Iniciado: 04.07.1964.

Aprendiz: 04.07.1964.

Companheiro: 21.08.1964.

Mestre: 13.11.1964.

Ocupou vários cargos na Loja.

Fundador da Loja Maçônica

Bartolomeu Fagundes

Data da Fundação: 05.08.1994.

Ocupou os seguintes cargos:

1º Vigilante

Orador

Comissões

BIOGRAFIA DE VERÍSSIMO DE MELO

- Adagiário de alimentação – Natal – 1950.
- Advinhas – Natal 1948.
- Aspectos da religiosidade nordestina de cordel – Mossoró/RN.
- Cartas de Ascenso Ferreira a Veríssimo de Melo – Natal – 1988.
- Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo – Natal – Belo Horizonte – 1991.
- O conto folclórico no Brasil – Rio de Janeiro – 1976.
- Dicionário do espírito e humor dos velhos amigos – Natal – 1989.
- Dois poetas do Nordeste: Jorge Fernandes e Ascenso Ferreira – Rio de Janeiro – 1964.
- Veríssimo de Melo – dos grandes, um pouco – pacote literário – Brasília – 1992.
- Ensaio de antropologia brasileira – Natal – 1973.
- Folclore infantil: acalantos, parlendas, advinhas, jogos populares, cantigas de roda – Belo Horizonte – Brasil – 1985.
- Garrafas de areia tibau – Mossoró – 1983.
- Gol de Placa: memórias esportivas – Natal – 1992.
- Humor dos flagelados: a sabedoria popular como estratégia de resistência dos flagelados da seca – Natal – 1984.
- Medicina popular num mundo de transformação – Mossoró – 1996.

Origem da literatura de cordel – Natal – 1991 – 1976.

Parlendas – Natal – 1949.

Veríssimo de Melo – Patronos e acadêmicos – Rio de Janeiro – 1972. (2 volumes).

Veríssimo de Melo – Rio Grande do Norte – Rio de Janeiro – 1977.

Síntese cronológica de UFRN – Natal – 1991.

Superstições de São João – Natal – 1949.

Tancredo Neves na literatura de cordel – Belo Horizonte – 1986.

Villa-Lobos – Centenário – Mossoró – 1987.

Visita do Papa ao Brasil através da literatura de cordel – Natal – 1991.

30 de setembro: gesto de grandeza em favor da abolição – Mossoró – 1986.

Gestos populares – Natal – 1960.

Vicente Vitorino: As bravuras do valente 99 – Brasil – Bezerros – 1977 - 1994.

Faça-se a luz – Natal – 1994.

Centenário da Associação Comercial de Natal e – 1992.

MEDALHAS CULTURAIS

Imperatriz Leopoldina, do I. H. G. (Instituto Histórico e Geográfico) – São Paulo – 1958.

Marechal Rondon, da S.G.B. – São Paulo – 1962.

Brigadeiro Couto Magalhães, da S.G.B. – São Paulo – 1962.

José Bonifácio, da Prefeitura Municipal de Santos – 1963.

Nina Rodrigues, da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia, São Paulo – 1963.

Vital Brasil, do governo do estado de São Paulo – 1963.

Alberto Maranhão, do governo do Rio Grande do Norte –
(Dec. Nº 6.777, de 20.11.1975).

Colar de Cuhambebe, distinção conferida pelo Ate-
neu Angrense de Letras e Artes – Angra dos Reis/
RJ – março de 1982.

Medalha Martim Afonso de Souza (fundador de
São Paulo), conferida pelo Instituto Histórico e
Geográfico de Guarujá – Bertioga/SP – dezembro
de 1982.

**Medalha Cultural Professor Doutor Acylino de
Leão**, do Conselho Estadual de Cultura do Pará.
Entregue em sessão solene do Conselho Estadual
de Cultura do Rio Grande do Norte, pela profes-
sora Maria Anunciada Chaves, presidente do Con-
selho Estadual de Cultura do Pará, Natal – 23 de
novembro de 1983.

Medalha e Diploma do Mérito Cultural do Rio Grande do Norte, da Fundação José Augusto – 11 de março de 1987.

Medalha dos 25 anos de Fundação do Rotary Clube de Belém, Pará – 1986.

Medalha, Colar e Diploma de Cavaleiro Grande Oficial Do Mérito de Santo Amaro, da Ordem do Mérito da Cultura e Cavalheiresca de Santo Amaro – São Paulo – 20 de abril de 1988.

Medalha do Mérito Presidente Dr. Tancredo Neves, da Ordem do Mérito da Cultura e Cavalheiresca de Santo Amaro – São Paulo – 20 de abril de 1988.

Medalha Condecorativa José Veríssimo, da Academia Paraense de Letras – Belém – 1987.

ALGUNS DE SEUS AMIGOS E ENSAIOS

“Pirão, Gilberto e Cascudo” – 17.07.1994.

“Merquior em Natal” – 07.08.1994.

“Ideias e críticas de Merquior” – 14.08.1994.

“Waldemar de Almeida” – 21.08.1994.

“Juvenal Lamartine” – 28.08.1994.

“Villaça – memórias literárias” – 04.09.1994.

“Sátiras e epigramas de Figueiredo” – 11.09.1994.

“Gramática poética” – 18.09.1994.

“Seabra Fagundes e os advogados” – 25.09.1994.

“Tributo a Nilo Pereira” – 02.10.1994.

DISTINÇÕES CIENTÍFICAS E PROFISSIONAIS

“2º Prêmio no Concurso Nacional de Monografias sobre o Folclore Nacional”, com o ensaio “Rondas infantis brasileiras” – Discoteca Pública Municipal de São Paulo – São Paulo – 1949.

“8º Prêmio no 6º Concurso de Monografias sobre o Folclore Nacional, instituído em 1951, pela Discoteca Pública Municipal, do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo”, com o trabalho “Jogos Populares do Brasil”. Publicado no nº CLXII, da Revista do Arquivo Municipal – São Paulo – 1959.

“Menção Honrosa no Concurso Prêmio Thomas Mann – 1973”, com o ensaio “Itinerário da contribuição germânica à antropologia brasileira”. (U.B.E.) e Embaixada da Alemanha – Rio de Janeiro – 1973.

“Prêmio César Lates” no Concurso Nacional de Monografias sobre a vida e obra de Albert Einstein, com o ensaio “Albert Einstein – “O Humanista” – Universidade Federal de Alagoas – 1979.

Placa de Prata, do Centro de Tradições Gaúchas “Rodeio potiguar”. Entregue pelo patrão Carlos Alberto Viegas – setembro de 1992.

Diploma de Homenagem Especial, concedido pela Associação Comercial do Rio Grande do Norte, por ocasião da sessão solene comemorativa dos 100 anos da instituição – 23.10.1992.

Diploma de Mérito Cultural 30 anos da Fundação José Augusto, entregue em solenidade no dia 16 de abril de 1993, pelo presidente da instituição, Dr. Iaperí Araújo.

Placa de Prata concedida em homenagem do Museu Câmara Cascudo da UFRN, na passagem dos 30 anos de Fundação, em 22 de novembro de 1993.

Medalha e Diploma dos 25 anos do Grande Oriente Independente do Estado do Rio Grande do Norte – 13.06.1995.

Placa de Metal, concedida pelo II Congresso Eucarístico de Canguaretama/RN – 1995.

Título Honorífico da Associação dos Funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (AFURN), Sócio Honorário por serviços relevantes prestados – Natal – 10.06.1995.

Medalha da Ordem do Mérito Consular, no grau de Comendador. Entregue em Natal, no dia 9 de outubro de 1988, pelo Cônsul Lamartini Holanda

Júnior, em reunião da Assembleia Legislativa do Estado.

Medalha do Mérito Fundação Joaquim Nabuco, concedida no Recife pelo Dr. Fernando Freyre, presidente da Fundaj, no dia 31 de maio de 1989.

Medalha e Diploma Amigo da Marinha, entregue pelo vice-almirante Arnaldo Leite Pereira, comandante do 3º Distrito Naval – Natal – 13.12.1990.

Medalha e Diploma da Comenda José Maria dos Santos, do Instituto Histórico e Geográfico Parai-bano. Entregue pelo presidente Joacil de Britto Pereira – 12.10.1992.

OUTRAS DISTINÇÕES

Diploma de Mérito da Educação, Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Natal – 1974.

Diploma de Mérito Auta Souza, Prefeitura Municipal de Macaíba – “I Centenário da Poetisa norte-rio-grandense”.

Diploma do Mérito da Educação, da Secretaria da Cultura do estado do Rio Grande do Norte.

Placa de Prata como homenagem da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, no encerramento do curso de MPB, no dia 28.05.1977.

Placa de Ouro, na Casa da MPB, na 1ª noite dos Compositores Potiguares.

Diploma conferido pela União Brasileira de Es-

critores, do Rio de Janeiro, de “Personalidade Cultural 1980”, pelo trabalho em prol da Cultura Popular. Rio de Janeiro – 17.10.1980.

Placa de Prata, da Prefeitura da Cidade de Natal, através da Secretaria de Educação e Cultura – 20 de agosto de 1984.

Mérito Maçônico – Diploma da Loja Maçônica “Padre Miguelinho”. Entregue em solenidade na Loja Padre Miguelinho, no dia 6 de setembro de 1991.

CARGOS QUE VERÍSSIMO OCUPOU

Foi juiz municipal de Natal, chefe de gabinete do governador Sílvio Pedroza, procurador da Prefeitura Municipal de Natal, professor de Etnologia do Brasil na antiga Faculdade de Filosofia de Natal, professor de Antropologia Cultural na UFRN, fundador e diretor do Museu Câmara Cascudo, assessor do reitor Deladier Cunha Lima, professor do Atheneu, na década de 1950; presidente do Conselho de Cultura, secretário da Academia de Letras do Rio Grande do Norte e membro do Conselho Municipal de Turismo, na administração de Djalma Maranhão – órgão de grande notoriedade no governo Djalma, tendo a imprensa local destacado o acontecimento.

Dizia o jornal natalense: “Instalado o Conselho Municipal de Turismo: Teve lugar, ontem às 10 horas, no Gabinete do Prefeito Djalma Maranhão, a instalação do Conselho Municipal de Turismo e a posse dos

respectivos membros: Comendador Luís da Câmara Cascudo, Osvaldo Medeiros, o Cônsul da França, nesta capital, Veríssimo Pinheiro de Melo, cronista do órgão associado, Protásio Melo, Professor de Instituto de Educação, Industrial Luiz Veiga, Evaldo Maia, aeroaviário; Hélio Fernandes, radialista; Raimundo França e José Cavalcanti Melo, jornalistas”. Agradecendo a presença de todos, o Prefeito Djalma Maranhão fez a entrega dos títulos de nomeação.

Veríssimo foi autor de mais de 80 livros, ensaios e trabalhos publicados, destacando-se na sua bibliografia a obra patronos e acadêmicos, que teve repercussão nacional. Veríssimo pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico e era sócio e correspondente de mais de 40 academias de letras e instituições históricas do país e de associações de folclore no Brasil, Argentina, França, Peru, México, Bolívia, Espanha e outros países. Pela sua atividade cultural, foi distinguido com inúmeras medalhas em vários estados brasileiros.



NOTÁVEIS DO RN

O selo Notáveis do RN é fruto de um acordo de cooperação entre a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

A construção de sua marca levou em consideração aspectos importantes do fazer da ANRL e do IFRN, envolvendo o registro histórico e a preservação da língua, da literatura e dos costumes do Rio Grande do Norte, bem como a atuação no presente, através da educação, da ciência, da tecnologia e da cultura, visando à construção do futuro.

Para tanto, três conceitos foram aplicados, a saber:

1. Elefante: compreende em si a representação do Estado do Rio Grande do Norte, cujo mapa possui a forma de um elefante, como também evoca a Memória, tendo em vista o dado cultural que apresenta esse animal como dotado de grande capacidade de memorizar.
2. Coroa de louros: símbolo da imortalidade e da conquista, sendo utilizada nas competições gregas como representação da vitória, aqui é empregada como referência àqueles que, através de seu trabalho, contribuíram (e contribuem) para a valorização da literatura, da arte e da cultura do Rio Grande do Norte.
3. Bico de pena: faz alusão ao tradicional instrumento com o qual eram escritas as obras literárias, representando a escrita como forma de construção e preservação da cultura.



Em mais de 12 anos de história, a Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.





PROTÁSIO PINHEIRO DE MELO

Protásio Pinheiro de Melo nasceu em Natal-RN, no dia 3 de julho de 1914, cidade onde faleceu aos 92 anos no dia 24 de setembro de 2006. Filho de Graciano Melo e Emília Pinheiro de Melo, teve quatro irmãos: Nicênia, Pelúcio, (médico), Maria Vitória e Veríssimo (escritor e antropólogo). Era casado com Ivete Guedes de Melo e pai de Erick, Frank e Simone Pinheiro de Melo e Protásio Pinheiro de Melo Filho.

Protásio se formou em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de Recife e foi Professor Universitário na área de Linguística (Inglês) pela UFRN, função que exerceu até sua aposentadoria em 1983. Dirigiu o Museu Câmara Cascudo, exerceu o papel de Promotor Adjunto da Comarca de Natal, mas abandonou a carreira jurídica para se dedicar ao ensino da língua inglesa. Além disso, atuou na Literatura, Música, Fonética, Entomologia, Advocacia, Política, Museologia, Filatelia, Filosofia e Aculturação Indígena.

Teve papel preponderante como professor de Português e tradutor da língua inglesa durante a grande 2ª Guerra Mundial quando os Estados Unidos construíram, em Parnamirim, a maior base de guerra fora do país. Posteriormente, ainda continuando com suas atividades relacionadas à língua inglesa, fundou a Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos em 1957, da qual foi seu Presidente até ela se extinguir. Foi diretor do Ateneu, pesquisador e incentivador da cultura popular.

Este livro é o retrato de uma amizade que se prolonga desde a infância e visa relatar os feitos do mano Vivi, o que os amigos disseram dele, e falar um pouco sobre sua esposa e seu trabalho. Enfim, é o retrato fiel de Veríssimo nesta vida que Deus o ajudou a viver intensamente.

Veríssimo era um homem simples e amável e, com seu jeitão e seus livros interessantes, observador constante do que fazem os homens, como atestam as centenas de cartas de que eu, como tradutor, ajudei a colocá-las no seu arquivo. Fez nome no Brasil, América do Sul, América do Norte, Europa, Ásia e África em troca de impressões. Sempre ávido em obter mais conhecimentos sobre o folclore, fez uma base, junto com Cascudo, e levou o nome do Rio Grande do Norte e do Brasil a transpor fronteiras.

ISBN 978-85-54885-07-6



9 788554 885076 >

